



Universidade Federal de Sergipe

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**FAMÍLIA(S), ESCOLARIZAÇÃO E TRAJETÓRIAS DE JOVENS:
DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO EM SERGIPE**

LAÍS SANTANA SANTOS SOUZA

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014**



Universidade Federal de Sergipe

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**FAMÍLIA(S), ESCOLARIZAÇÃO E TRAJETÓRIAS DE JOVENS:
DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO EM SERGIPE**

LAÍS SANTANA SANTOS SOUZA

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
graduação em Educação da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Educação.**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Maria Freitas Teixeira

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Souza, Laís Santana Santos
S729f Família(s), escolarização e trajetória de jovens: da
educação básica ao ensino superior público em Sergipe / Laís
Santana Santos Souza; orientadora Ana Maria Freitas
Teixeira. – São Cristóvão, 2014.
154 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Federal de Sergipe, 2014.

1. Educação. 2. Família. 3. Ensino superior. 4. Orientação
educacional. I. Teixeira, Ana Maria Freitas, orient. II. Título.

CDU 37.018.26



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



LAÍS SANTANA SANTOS SOUZA

**FAMÍLIA(S), ESCOLARIZAÇÃO E TRAJETÓRIAS DE JOVENS: DA
EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO EM SERGIPE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em: 21. 02. 2014

Prof.ª. Dr.ª. Ana Maria Freitas (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS)

Prof.ª. Dr.ª. Veleida Anahi da Silva
Programa de Pós- Graduação em Educação (UFS)

Prof. Dr. Alessandra Alexandre Freixo
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2014**

À minha família que, a partir dos capitais por ela constituídos e condições que lhe foi possível, mobilizou-me a ser uma Laís sonhadora. Em especial aos meus pais: Tereza e José, que acreditaram em mim, desde o início da minha trajetória escolar. Verdadeiros presentes de Deus na minha vida!

Às famílias e estudantes universitários aqui investigados.

Aos meus irmãos: Kátia, Junior, Meriele e Nataly.

Ao meu amor e amigo Paulo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de realizar muitos projetos pessoais, profissionais e acadêmicos. Sem a força sobrenatural, nada do que se fez seria, assim acredito. “Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas”.

Aos amores da minha vida sem os quais não teria chegado até aqui: meus pais Tereza e José Dantas, meus irmãos: Kátia, Junior, Meriele e Nataly. Aos meus sogros: Ana e José Feitosa e demais membros da família: Paula, Carla, Jefferson, Dayane, Kamilly, Davi, Sofia, Junior e Vicente pelos momentos de felicidade que cada um de vocês me proporciona.

A minha orientadora Dr^a Ana Maria Freitas Teixeira a qual serei eternamente grata pelas relevantes contribuições que possibilitou à minha formação, desde a graduação, nas primeiras experiências de pesquisa, ao Mestrado. Pela profissional competente, dedicada e humana que é, entre tantos outros predicativos, meu muito obrigada! Saiba que a senhora faz parte da minha “Família Acadêmica” e família a gente nunca esquece.

Aos professores do Núcleo de Pós-Graduação: Dr. Jorge Carvalho, Dr^a Ana Maria Bueno, Dr^a Josefa Eliana Souza, Dr^a Ana Teixeira, Dr. Edmilson Menezes, Dr^a Sônia Barreto, Dr. Paulo Marchelli e Dr^a Solange Lacks e aos especiais colegas do Mestrado.

À Equipe do NPGED, em especial aos amigos Dênis e Eânes pela prontidão, carinho e compromisso que sempre demonstraram para conosco.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter contribuído, significativamente, para a minha formação.

À professora Dr^a Josefa Eliana Souza por ter me recebido em sua sala de aula, na graduação, para que eu realizasse o tirocínio na disciplina Antropologia na Educação. Foram momentos riquíssimos de aprendizagem nos quais pude experienciar a docência na Educação Superior ao lado de uma intelectual incrível e de graduandos que me acolheram de modo especial.

Às amigas Hellen Rejane, Simone Silvestre, Aline Miguel, Amanda, Daniele, Isabel [...] por caminharmos juntas, mesmo quando nossos objetivos foram diferentes. Assim, são as amizades! Obrigada pelo carinho e partilha dos últimos dois anos, conhecer vocês foi muito bom!

Aos amigos: Douglas, Thales, Jéssica, Maria do Carmo, Vilma, Jessiara, Elaine, Dhonata, Eliene, Cleonice, Poliana, Crislane, Pedro e Gicélia, pela mão amiga, compreensão e carinho que vocês me deram, quando mais precisei e aos demais que torceram por mim sempre!

Às professoras Iara Campelo, Veleida Anahi e Alessandra Alexandre Freixo pelas contribuições que agregaram a este trabalho.

Aos 130 jovens universitários, a José (CCBS), à Maria (CECH) e as suas mães que compuseram a amostra investigada.

Aos Pastores: Valdês das Graças e José Miranda Cirilo e aos demais irmãos da Igreja Assembleia de Deus pelas orações, apoio e compreensão.

Ao amigo e amor Paulo pela compreensão e todo apoio que me deu, quando mais necessitei. Sem a sua presença, força, mão amiga em todos os sentidos, tudo teria sido mais difícil. Obrigada por ter sido presente em minha trajetória acadêmica e, principalmente, por continuar fazendo parte da minha vida!

“A família é fundamental para a construção do caráter da pessoa. É a base de todos” (José, Balanço do Saber, 2014).

“Família são as pessoas com quem convivemos por possuímos algum vínculo sanguíneo. Talvez seja mais do que isso, pois muitas vezes construímos outras famílias, mesmo não sendo parentes. Por fim, são pessoas próximas a nós, com quem podemos contar” (Maria, Balanço do Saber, 2014).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar o papel que as famílias desempenham no processo de escolarização dos filhos, ontem, alunos da educação básica, hoje, estudantes universitários. Os sujeitos da pesquisa foram jovens universitários da Universidade Federal de Sergipe, vinculados a diferentes cursos e centros acadêmicos, bem como suas famílias. Buscamos identificar o processo de constituição (ou não) de estratégias familiares de escolarização em seus percursos escolares, considerando a trajetória escolar descrita entre a educação básica e o ensino superior. Para isso, debruçamo-nos sobre a literatura que discute as questões relativas à relação família e escola, observando o debate sobre práticas e estratégias familiares de escolarização dos filhos e as transformações que se observa no ensino superior brasileiro. A metodologia adotada caracteriza-se por sua natureza qualitativa, centrada na combinação entre diferentes instrumentos de coleta e produção de dados como questionários, balanço do saber junto aos estudantes universitários e entrevistas junto às famílias. Dentre os resultados obtidos na pesquisa, destacamos os seguintes: a população dos estudantes universitários da UFS apresenta-se cada vez mais jovem, mães e irmãos mais velhos foram citados pelos investigados como os principais sujeitos que realizam práticas, táticas e/ou estratégias educativas frente à escolarização desses estudantes e as famílias assumem uma importância tão grande na educação superior dos filhos quanto na educação básica. Cabe-nos, portanto, o alerta de que as famílias não devem ser vislumbradas, homogeneamente, nem também como instituições poderosas, mas possuem sim o seu lugar de atuação que lhes é singular. Em que pesem as limitações deste estudo, pretendemos que ele apresente sua contribuição no conjunto de produções que tem lançado seu olhar para a relação complexa que se estabelece entre famílias e educação.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior. Famílias. Juventude. Escolarização.

ABSTRACT

This study aims to investigate the role that families play in the process of education of the children, yesterday, students of basic education, today, college students. The subjects of the research were University students at the Federal University of Sergipe, linked to different courses and academic centres, as well as their families. We seek to identify the process of Constitution (or not) of strategies relatives of schooling in their school routes, whereas the trajectory described between basic education and tertiary education. For that, we are about the literature that discusses the issues related to the relationship between family and school, watching the debate about practices and strategies of family education of the children as well as the transformations observed in higher education in Brazil. The adopted methodology is characterized by their qualitative nature, focused on the combination of different instruments of collection and production of data: questionnaires and learn swing among the college students and interviews with the families. Among the results, obtained in the survey, we highlight the following: the population of University students of UFS is, increasingly, young mothers and older brothers were cited by investigated as the main subject that perform practices, tactics and/or educational strategies vis-à-vis the schooling of these families are so big importance on higher education of the children and in basic education. It is up to us, therefore, the alert that families should not be seen, evenly, nor how powerful institutions, but have it your place of performance which is singular. Despite the limitations of this study, we intend to introduce it your contribution in the set of productions that has launched its look at the complex relationship between families and education.

KEY WORDS: Higher Education. Families. Youth. Schooling.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição das famílias dos estudantes universitários, segundo o nível de escolaridade entre mães, pais e/ou responsáveis (%)	65
Quadro 2 - Distribuição dos estudantes, que participaram da pesquisa, segundo o Centro Acadêmico e a Origem Escolar	70
Quadro 3 - Distribuição dos estudantes do CECH e CCBS, segundo sistema de cotas (%)	71
Quadro 4 - Distribuição dos estudantes, segundo o sexo (%)	72
Quadro 5 - Distribuição dos estudantes, segundo faixa etária (%)	72
Quadro 6 - Os estudantes da UFS, CECH e CCBS, segundo a classe social (%)	74
Quadro 7 - Distribuição dos estudantes, segundo fonte de renda para manter-se estudando na UFS (%)	75
Quadro 8 - Distribuição dos estudantes quanto à cidade onde moram (%)	76
Quadro 9 - Origem escolar dos estudantes do CECH e CCBS (%)	77
Quadro 10 - Balanço das tentativas dos estudantes no vestibular da UFS, antes da aprovação (%)	77
Quadro 11 - Principais ocupações das mães, dos pais ou responsáveis pelos estudantes universitários	79
Quadro 12 - Avaliação, realizada pelos estudantes, acerca da atuação da família na educação básica (%)	80
Quadro 13 - Balanço de notas atribuídas às famílias pelo acompanhamento à vida escolar da educação básica ao ensino superior	81
Quadro 14 - Escolaridade e Ocupação da Família de Maria	95
Quadro 15 - Escolaridade e Ocupação da Família de José	102

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCAA	Centro de Ciências Agrárias Aplicadas
CCBS	Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
CCET	Centro de Ciências Exatas e Tecnologia
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CECH	Centro de Educação e Ciências Humanas
ENADE	Exame Nacional de Desempenho do Estudante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
O CAMINHO PERCORRIDO	17
CAPÍTULO 1 - FAMÍLIA & ESCOLARIZAÇÃO EM PAUTA	22
1.1 FAMÍLIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS FRENTE À LONGEVIDADE ESCOLAR DOS FILHOS.....	33
1.2 ENTRE TÁTICAS E ESTRATÉGIAS.....	50
1.3 A UNIVERSIDADE, OS JOVENS E AS FAMÍLIAS: ENTRE TRANSFORMAÇÕES E POSSIBILIDADES.....	53
CAPÍTULO 2 - FAMÍLIAS E ESCOLARIZAÇÃO ENTRE JOVENS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: um encontro com os “filhos”	63
2.1 PERFIL GERAL DAS FAMÍLIAS E DOS JOVENS DA UFS.....	64
2.2 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ESTUDANTES DO CECH E CCBS E SUAS FAMÍLIAS: ENTRE DISPARIDADES E SEMELHANÇAS.....	71
2.3 CONHECENDO AS FAMÍLIAS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO CECH E DO CCBS.....	78
CAPÍTULO 3 - A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS	93
3.1 QUEM É MARIA?.....	94
3.2 QUEM É JOSÉ?.....	102
3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIDA DE MARIA E DE JOSÉ....	108
3.4 O LUGAR DAS FAMÍLIAS DE JOSÉ (CCBS) E DE MARIA (CECH) NO PROLONGAMENTO ESCOLAR DOS FILHOS.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE	142

INTRODUÇÃO

Aprofundar o conhecimento sobre uma temática situa-se sempre como uma oportunidade singular e, ao mesmo tempo, um desafio. Foi essa perspectiva que nos ocorreu, quando decidimos investigar o papel da família no processo de escolarização dos filhos, ontem alunos da educação básica, hoje estudantes universitários na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Realizar um trabalho dessa natureza trata-se de uma experiência singular, pois, por mais trabalhos que já tenham sido produzidos sobre esse objeto de estudo, cada pesquisa e pesquisador apresentam um novo olhar face à questão investigada. Particularidades de um campo de investigação podem ser percebidas, em maior ou menor intensidade, por aqueles que se debruçam a estudá-lo. A relação sujeito - objeto é também uma relação particular. Mas, também nos deparamos com os desafios, próprios do ofício de um pesquisador, que reconhece o quanto o conhecimento é precioso, necessário e, por isso, temos um preço imaterial a custear para alcançá-lo.

A produção do conhecimento é algo imensurável, dinâmico, e, portanto, realizar esta pesquisa representou a possibilidade de delinear também a nossa contribuição no conjunto de estudos que tem se proposto a tratar das práticas e estratégias educativas familiares no percurso escolar dos filhos.

Vale salientar que o encontro com o objeto de estudo teve suas raízes em experiências de pesquisa, quando graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Embora as pesquisas¹ realizadas à época tivessem como foco central a juventude universitária, seja ela a de origem popular, jovens cumbenses² ou jovens por centro acadêmico. O contato inicial com os estudantes universitários e as primeiras aproximações com uma literatura voltada para o ensino superior possibilitaram novas perguntas, outras inquietações de pesquisa.

Ao longo da minha experiência acadêmica, enquanto graduanda em Pedagogia no período de 2006 a 2011 na UFS, tive a oportunidade de entrar em contato com uma literatura que se debruçava sobre as juventudes e sua relação com as instituições sociais, da escola ao trabalho.

¹ Essas pesquisas foram realizadas através do Programa Institucional de Iniciação Científica bem como na conclusão do curso de graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe.

² O termo cumbenses refere-se àqueles que são naturais da cidade de Cumbe, cidade interiorana do Estado de Sergipe, situada a 90Km da capital.

Em meio a essas experimentações, pude investigar questões relativas a jovens de camadas populares e ao acesso e permanência deles na universidade. Também estudei como se “fabricam” estudantes universitários: o caso do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET) e, por fim, realizei um estudo monográfico sobre os jovens da comunidade cumbense e o acesso e a permanência desses estudantes na Universidade Federal de Sergipe, considerando tais processos como interdependentes, foi aí que a instituição família brotou com mais intensidade no universo pesquisado.

Percebemos a partir da produção dos dados e leituras acumuladas durante a graduação que as famílias exerciam, em boa parte das trajetórias escolares, funções importantes na longevidade escolar dos filhos, tanto ao longo da educação básica, momento no qual esses estudantes estavam preparando-se para conquistar sua vaga no ensino superior, como após o acesso à universidade, quando esses jovens vivenciaram o tempo do estranhamento. Esse tempo pode ser compreendido como aquele no qual várias dificuldades de ordem material e simbólica são vivenciadas pelos estudantes, esses, por sua vez, têm que recorrer a certos mecanismos a fim de permanecerem no ensino superior e não interromperem essa fase de sua formação.

A família, em alguns percursos escolares investigados, ocupou um lugar até mais central que a própria escola na mobilização dos filhos e no prolongamento escolar, fenômeno que me causou grande inquietação. De quais famílias e contextos estaríamos tratando? É certo que as famílias não são homogêneas, nem suas ações caminham sempre na mesma direção. No interior de uma mesma família, há trajetórias escolares que podem ser tão próximas quanto diversas entre si e é essa característica que as tornam singulares.

Não poderia deixar de mencionar que estou inserida nesse cenário. O fato de ser jovem à época da graduação, entre os 17 e 21 anos, ser uma estudante universitária vivendo turbulências e aprendizagens de uma nova fase de formação, ter vindo da educação básica pública, ser de origem popular e possuir uma família que, ao seu modo e possibilidades, encontrava-se presente na minha trajetória escolar, fez-me parte integrante desse processo.

Sabemos que esse é um dos muitos desafios com os quais nos deparamos no mundo da pesquisa: ver-se como parte do universo estudado sem que caiamos nas armadilhas de darmos à pesquisa o tom que nos fosse favorável. Não cabe a um pesquisador encontrar resultados que ratifiquem suas impressões sobre o objeto, mas cabe a ele, no caminho a ser percorrido, ficar atento às pistas, ao dito e não dito, ao novo, ao inesperado, a todo e qualquer dado que lhe possibilite interpretações acerca do objeto em análise e não a busca por conclusões premeditadas.

Pensando sob esse prisma e a partir das inquietudes frente a minha experiência de pesquisa na graduação, surgiu o meu encontro com o objeto de estudo. Vale salientar que esse, por sua vez, é vida, movimento e, por isso, sofre intensas transformações em virtude da tela social na qual está imerso. Nesse contexto, constituiu-se nosso interesse pelas famílias no intuito de sabermos qual o lugar que elas ocupavam nos percursos escolares dos filhos, tanto os egressos do ensino médio público quanto os do ensino médio privado, que atualmente são estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe.

Para buscar possíveis respostas a esse questionamento, traçamos como objetivo central do nosso trabalho investigar o papel que as famílias desenvolvem no processo de escolarização dos filhos quanto ao prolongamento da escolaridade, considerando os percursos escolares que vão desde a educação básica até o ensino superior público.

Na sequência, realizamos algumas incursões sobre a literatura que trata da relação família e escola, o que nos possibilitou compreender a complexidade desse campo de investigação e a importância da realização de estudos dessa natureza, uma vez que nos permitiram conhecer debates em torno dessa relação, tais como: práticas educativas, estratégias familiares, frente à longevidade escolar dos filhos, ente outros.

Seguindo por esse caminho, fomos ao trabalho de campo e aplicamos questionários com 130 estudantes universitários, vinculados aos diferentes cursos e centros acadêmicos da UFS a fim de traçarmos o perfil geral desses estudantes e de suas famílias.

Após essa etapa, selecionamos dois estudantes, um do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) e outro do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), para que produzissem um Balanço do Saber tratando de suas trajetórias escolares e a relação que essas mantinham ou não com as famílias.

Por fim, realizamos entrevistas semiestruturadas com as famílias desses jovens com o propósito de termos as apreciações tanto dos estudantes quanto das famílias sobre o mesmo fenômeno, o que nos permitiu a produção de uma pesquisa fundamentada nas vozes dos diferentes sujeitos que se encontram imersos nesse processo, qual seja o prolongamento escolar, que culminou no acesso ao ensino superior público em Sergipe.

Segundo Almeida (2007), o percurso histórico do acesso à educação superior no Brasil pode ser compreendido em quatro períodos: o primeiro refere-se à década de trinta do século XX, onde somente as elites tinham acesso à educação superior. O segundo situa-se dos anos trinta até os anos setenta no qual os estratos superiores das classes médias ocupavam, predominantemente, esse espaço de formação. O terceiro: dos anos setenta até meados da década de noventa em que as camadas médias típicas inseriam-se no ensino superior, e, por

fim, o quarto em que ocorre, conforme Almeida (2007), uma segunda onda de expansão mais acentuada do ensino superior, que ganha maior visibilidade nos nossos dias, pois os setores de classe média baixa e de baixa renda lutam por acesso ao ensino superior.

Nesse sentido, os estudantes que têm ingressado na Universidade Federal de Sergipe são produtos dessas transformações pelas quais a educação superior passou nas últimas décadas. Isso significa também que são, cada vez mais, pertencentes a famílias de origens diversas, o que não podemos desconsiderar em nossas análises. Mas, ao mesmo tempo, trata-se de famílias e de jovens universitários que, ao seu modo, compreenderam o sentido do prolongamento escolar na sociedade que vivemos.

Foi por este caminho que trilhamos: leituras, questionários, balanço do saber, entrevistas e constantes reflexões. Esperamos, portanto, que este estudo possa apresentar sua contribuição no conjunto de produções que tem lançado olhares para essa relação tão importante e necessária: famílias e educação. E que novas pesquisas, nesse âmbito, sejam realizadas. Convidamos o leitor a adentrar neste universo.

Para fins de alcançarmos os objetivos delineados, estruturamos o nosso trabalho da seguinte forma: introdução, situando o encontro com o objeto de pesquisa e as nossas aspirações face aos objetivos pretendidos; na sequência, os aspectos metodológicos que foram necessários para a realização do estudo e três capítulos que serão descritos a seguir.

No primeiro, apresentamos as principais incursões teóricas no tocante à relação família e escola, longevidade escolar, práticas educativas, estratégias familiares, bem como algumas das transformações que têm reconfigurado nossas universidades. No segundo, traçamos uma caracterização geral dos estudantes da UFS e apresentamos uma análise comparativa entre estudantes do CECH e CCBS bem como o perfil de suas famílias a partir dos questionários. E no terceiro e último capítulo, seguindo o recorte de uma análise mais detida sobre dois centros acadêmicos, compartilhamos as análises do Balanço do Saber, produzido pelos estudantes Maria (CECH) e José (CCBS), e apresentamos o “lugar” das famílias no prolongamento escolar a partir das vozes das mães desses estudantes. Por fim, algumas considerações finais face ao objeto investigado.

O CAMINHO PERCORRIDO

Neste espaço do trabalho, procuramos discorrer sobre os aspectos metodológicos referentes à pesquisa que realizamos. Para melhor enfrentarmos a questão central, optamos por um recorte metodológico de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa busca, portanto, a compreensão dos fenômenos sociais, pois considera o “sentido” e o “significado” para a transformação da realidade humana, socialmente vivida. Contudo, cabe esclarecer que alguns dados quantitativos nos foram possíveis produzir, possibilitando uma caracterização geral dos jovens e das famílias em análise.

O objeto central dessa análise necessitou de um olhar mais atento aos valores, crenças, hábitos, atitudes, representações (MINAYO et al., 1994), opiniões dos estudantes aqui investigados e de seus familiares, buscando um aprofundamento dos elementos que se encontram imersos no processo escolar, desde a educação básica até o ensino superior aos quais tiveram acesso.

A presente pesquisa foi organizada em um plano teórico conceitual e outro empírico. No primeiro plano, realizamos algumas incursões a partir de estudos que se debruçam sobre a relação família e escola, práticas educativas, estratégias familiares e mudanças no contexto da educação superior. No plano empírico, a pesquisa voltou-se para o campo, visando a coleta de dados, no qual utilizamos como instrumentos os questionários, o balanço do saber e a entrevista, que serão descritos no tópico a seguir. Vale salientar que esses instrumentos encontram-se disponibilizados, na íntegra, nos apêndices deste trabalho.

Percebemos que seria impossível abranger um universo representativo dos sujeitos. Tal fato, de modo algum, comprometeu os resultados desta pesquisa, visto que o produto a ser apresentado, ao final, configura-se como um olhar, uma possibilidade de contar a história, de trazer à tona a percepção do grupo de jovens e famílias que foram convidados a expressarem-se.

Nesse sentido, os resultados não nos trazem a dimensão generalizadora dos sujeitos, porque não foi este o nosso objetivo, mas a possibilidade de conhecermos as diferentes estratégias familiares que podem ter sido delineadas no processo de escolarização dos filhos, da educação básica ao ensino superior público. Nessa perspectiva, optamos por uma pesquisa que procurou articular dados quantitativos e qualitativos, principalmente.

Os sujeitos da pesquisa

Foram sujeitos da nossa pesquisa jovens da Universidade Federal de Sergipe, vinculados a diferentes cursos e centros acadêmicos (Campus São Cristóvão-Se e Aracaju-Se) bem como suas famílias, uma vez que nosso interesse centrou-se em investigar o papel que as famílias podem ter desempenhado no processo de escolarização dos filhos, desde a educação básica ao ensino superior público, sendo, portanto, extremamente necessário, ouvir o que tinham a nos dizer tanto os filhos universitários quanto os seus familiares.

Por se tratar de uma pesquisa significativa e não representativa, pois, diante do quantitativo de estudantes vinculados à Universidade, não teríamos como realizar uma pesquisa dessa natureza, organizamos a coleta de dados da seguinte maneira: aplicamos os questionários com 130 jovens universitários, escolhidos aleatoriamente, distribuídos entre o Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET), Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA) e Centro de Ciências Agrárias Aplicadas (CCAA) a fim de traçarmos o perfil geral desses jovens e de suas famílias.

Foram estabelecidos alguns critérios para garantir uma maior diversidade da amostra, incluindo-se entre eles a procura de estudantes universitários no maior número possível de espaços acadêmicos. As pracinhas entre as didáticas, as salas de estudo da Biblioteca Central, o Restaurante Universitário, os Laboratórios de Ensino bem como os de Informática, escadas existentes no interior das didáticas e a entrada da Universidade, conhecida como Guarita, todos esses espaços, que são intensamente frequentados, ocupados, pelos estudantes da UFS, quer para saciar necessidades biológicas a exemplo do RESUN, intelectuais, sociais, foram por nós considerados.

Na sequência, selecionamos dois estudantes, segundo os seguintes critérios: já ter respondido o questionário, um deles ser egresso do ensino médio privado e o outro do ensino médio público e pertencer ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) ou ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), uma vez que, conforme evidenciaremos no capítulo 2, nesses centros foram percebidos dados mais contrastantes, que fizeram com que lançássemos nosso olhar, mais especificamente, sobre eles. Por isso, a escolha de dois jovens: um do CCBS e outro do CECH; para nominá-los, decidimos usar o codinome Maria para a estudante, egressa do ensino médio público e vinculada atualmente ao CECH, e José para o estudante, proveniente do ensino médio privado, do CCBS.

Posteriormente, encontramos-nos com as famílias desses dois jovens: Família de Maria e Família de José. Com membros dessas famílias, escolhidos pelos estudantes, realizamos entrevista semiestruturada, gravadas com a autorização dos participantes e devidamente transcritas, cuja finalidade consistiu em desvendar as perspectivas da família sobre a escola, bem como ações familiares no percurso escolar dos filhos, em específico sobre suas práticas face à longevidade escolar.

Instrumentos utilizados em nossa pesquisa

O trabalho de levantamento e produção de dados foi organizado em dois eixos articulados: um deles focando os estudantes e outro as suas famílias. Para o levantamento com estudantes, utilizamos os seguintes instrumentos: questionários e balanço do saber.

Sobre a composição dos instrumentos utilizados com os estudantes, tivemos o questionário, com perguntas abertas e fechadas, contendo os seguintes blocos, respectivamente: perfil geral do (a) jovem e dados sobre a família, que nos permitiram traçar o perfil dos jovens universitários da Universidade Federal de Sergipe e das famílias. Este instrumento foi aplicado a uma amostra aleatória de jovens universitários da Universidade Federal de Sergipe, composta por egressos do ensino médio público e do ensino médio privado.

O Balanço do Saber, constituído de perguntas abertas, foi organizado em três blocos temáticos, conforme segue: escolarização básica (ensino médio), família, educação básica e preparação do jovem para o vestibular e, por fim, a família e o processo de acesso e permanência do jovem na universidade. Vale salientar que utilizamos o Balanço do Saber, especificamente, com dois jovens que já haviam respondido o questionário, um deles, egresso do ensino médio público e vinculado ao CECH, e o outro, egresso do ensino médio privado e vinculado ao CCBS.

A produção do Balanço do Saber inspirou-se em experiência de Charlot (2000). Mediante esse instrumento, os estudantes puderam construir o seu balanço sobre a própria escolarização e a relação que pode ou não ter a família deles com o seu prolongamento escolar. Uma produção que permitiu aos sujeitos refletir sobre as suas trajetórias escolares e, ao mesmo tempo, contribuiu para a realização de uma pesquisa, cuja pretensão foi investigar qual o lugar das famílias nesse processo.

Para o levantamento com as famílias, o trabalho foi realizado mediante entrevistas, nas residências domiciliares dos participantes da pesquisa, que produziram o Balanço do Saber.

Essas entrevistas foram gravadas e transcritas a fim de obtermos resultados, os mais fidedignos possíveis, diante do contexto desses sujeitos. A entrevista encontra-se composta por dois blocos temáticos, o primeiro denomina-se perspectivas da família sobre a escola e o segundo ações da família no percurso escolar dos filhos: suas práticas, cuja finalidade consistiu em desvendar se as famílias desses estudantes universitários teriam ou não desempenhado um papel relevante no processo de escolarização dos filhos, desde a educação básica até o ensino superior, não bastava ouvir os jovens, era preciso dar voz aos seus familiares.

Mediante os instrumentais disponíveis nos apêndices deste trabalho, trazemos à tona as percepções dos sujeitos sobre a relação família-escola-universidade e buscamos nos aprofundar acerca da atuação familiar no processo de escolarização dos jovens universitários, mantendo o diálogo com o balanço teórico.

Nesse sentido, a escolha da entrevista como instrumento metodológico deu-se por se tratar de um procedimento de coleta de informações que nos permitiu uma investigação mais aprofundada sobre os sujeitos da família. Vale considerar o que Duarte alerta-nos quanto ao uso desse instrumento:

Cabe aos pesquisadores que fazem uso de entrevistas em suas investigações explicitar as regras e pressupostos teórico/metodológicos que norteiam seu trabalho, de modo a ampliar o debate acerca da necessária definição de critérios para avaliação de confiabilidade de pesquisas científicas que lançam mão desse recurso (DUARTE, 2002, p.213).

Dessa feita, procuramos apontar os elementos que consubstanciam a nossa pesquisa, apresentando um relato dos procedimentos adotados tanto no uso quanto na fase de análise do material recolhido. Sobre a importância do uso de entrevistas temos:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p.215).

Prosseguindo nas reflexões que Duarte (2002, p.140) permitiu-nos sobre a pesquisa científica, temos que “A definição do objeto de pesquisa assim como a opção metodológica constituem um processo tão importante para o pesquisador quanto o texto que ele elabora ao final”, o que nos faz perceber a responsabilidade tamanha que assumimos diante das nossas escolhas, pois estas, certamente, irão interferir diretamente na produção de todo o trabalho.

O Campo da Pesquisa

Podemos afirmar que o nosso campo de pesquisa foi a Universidade Federal de Sergipe, visto que esse estudo, além de nascer nesse espaço, tratou sobre as trajetórias escolares de jovens universitários dessa instituição, desde a educação básica deles ao ensino superior público, e, principalmente, centrou-se a investigar a atuação que as famílias desses estudantes podem ter desempenhado no processo escolar dos filhos, antes e após o ingresso na universidade.

Além disso, a maior parte do trabalho de campo ocorreu no chão da Universidade Federal de Sergipe, com exceção dos balanços do saber e das entrevistas que foram realizados em espaços domésticos, nas moradias dos estudantes. Os 130 estudantes, vinculados aos cinco centros acadêmicos da UFS, responderam os questionários nos intervalos entre as aulas, no momento de descanso após as refeições no Restaurante Universitário, nas salas de leitura da Biblioteca Central, nas proximidades das salas de aula e Laboratório, enquanto aguardavam os professores, ou ainda quando estavam à espera do transporte para retornar as suas cidades de origem. Enfim, os encontros com os jovens estudantes aconteceram, exatamente, onde eles vivenciam esta fase do prolongamento escolar, a vida universitária.

Portanto, pode ser considerada como campo da pesquisa a própria universidade na qual se encontram vinculados os jovens pesquisados, bem como o espaço doméstico das famílias que foram entrevistadas, pois são as práticas de lá e cá que deram origem a essa investigação. Conheçamos, a seguir, os capítulos dessas histórias.

CAPÍTULO I - FAMÍLIA & ESCOLARIZAÇÃO EM PAUTA

Neste capítulo, apresentamos alguns dos aspectos que compõem o debate em torno da relação família e escola, que nos permitiram compreender a complexidade desse campo de investigação e a pertinência da realização de estudos dessa natureza.

Para melhor compreendermos os resultados de nossas incursões sobre a literatura estudada, organizamos esse capítulo da seguinte forma: uma discussão inicial sobre a relação família e escola, observando como essa temática vem sendo abordada em estudos científicos que se debruçam sobre a realidade brasileira. Avançando no debate, tratamos das discussões sobre práticas educativas das famílias frente à longevidade escolar dos filhos. Vinculado ao campo das práticas, retomamos a discussão em torno dos conceitos de táticas e estratégias, fundamentais em nossa pesquisa. Por fim, tratamos do processo de intensa transformação do ensino superior, uma vez que os jovens universitários e suas famílias, sujeitos dessa pesquisa, fazem parte desse cenário de mudanças; ter acesso ao ensino superior, ainda mais público, gera um sentido para as famílias, representa o ápice da escolarização, o sucesso escolar e, por isso, consideramos relevante apresentar esse panorama em nosso trabalho.

Baseamo-nos, principalmente, na literatura brasileira e em alguns estudos da literatura estrangeira a fim de melhor compreendermos nosso objeto de estudo: o papel das famílias no prolongamento escolar dos filhos, considerando os percursos escolares que vão desde a educação básica até o ensino superior público.

Partimos do pressuposto que nas trajetórias de jovens universitários da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pode haver uma presença - ativa, das famílias no tocante ao prolongamento da escolaridade, dito de outra forma, é possível que no percurso desses jovens universitários, ontem alunos da educação básica, a família tenha sido a ou uma das instituições sociais propulsoras do prolongamento escolar dos filhos, isto significa que o lugar por ela ocupado não se restringe ao de mantenedora, embora este seja, ainda, um de seus papéis fundamentais.

Nesse sentido, família e escola mostram-se, cada vez mais, instituições relevantes no processo de formação dos sujeitos. Por isso, nas linhas a seguir, buscamos situar o lugar desse debate frente aos estudos que vêm sendo realizados.

Segundo Romanelli (2013), estudos sobre a família no Brasil só começaram a obter legitimidade científica a partir da década de 1970. Ele afirma que:

Até então um viés político e ideológico, solidamente ancorado nas condições políticas brasileiras vivendo período ditatorial, sedimentavam a interpretação intelectual que levava a considerar a família como repositório retrógrado de tradições que entravavam propostas de transformação política do país. A partir dessa década a instituição doméstica passou a ser considerada com outra interpretação, que renovou os estudos no campo (ROMANELLI, 2013, p. 31-32).

Nesse campo de estudo, é inegável a contribuição da sociologia da educação francesa, conforme podemos evidenciar a seguir:

sob inspiração das análises de Bourdieu, outros autores francófonos como Lahire, Montandon, Perrenoud, Singly, Van Zanten ampliaram as bases teóricas da sociologia da educação, e as pesquisas voltavam-se para apreender o plano microssocial das relações entre família e escola sem, contudo, deixar de lado a influência de determinantes macroestruturais (ROMANELLI, 2013, p.33).

A relação família e escola passou a ser alvo de investigação de estudiosos franceses, que consideravam em suas pesquisas tanto os elementos mais diretamente interligados ao objeto de estudo como aqueles que estão na grande tela social e que, de algum modo, influenciam-no. O estudo dessas relações conquistou espaço no universo acadêmico, principalmente, no final dos anos de 1990, e, na década seguinte, intensificou-se a produção de pesquisas, fundamentadas nessa linhagem da sociologia da educação.

Frente a esse panorama que nos mostra Romanelli (2013), notamos como vem sendo constituído o campo de pesquisa dessa temática. Compreendida essa questão, consideramos importante percebermos também como essas instituições sociais são dotadas de particularidades. Para o autor:

Nem família nem escola configuram-se como realidades homogêneas, são diversas entre si e em seu interior. Ambas são grupos nos quais há intensa convivência social, nos quais há formas de sociabilidade específicas e, simultaneamente, são instituições, constituídas por normas (ROMANELLI, 2013, p. 33-34).

É bem verdade que tais instituições são plurais, apresentam características que lhes são peculiares e se distinguem umas das outras. Por essas razões, corroboramos com esse e outros

autores que vislumbram nesses objetos de estudo: família e escola, particularidades que as tornam tão diversas umas das outras.

Algo relevante, observado na área científica, é a dificuldade em estabelecer um consenso em conceituá-las, muito embora a instituição familiar seja objeto de estudo da Sociologia, Antropologia, Psicologia, Psicanálise, História e Demografia. Para Romanelli (2013, p.34): “A expansão desses arranjos torna patente que, no plano empírico, não há família, mas famílias organizadas de modos distintos e o conhecimento de sua composição e de seu modo de vida é crucial para a análise das relações entre elas e a escola”. Mas também aponta para a carência de um conceito de família e escola, ao mesmo tempo em que nos apresenta aqueles nos quais acredita. A seguir, o sentido de família para Romanelli:

A despeito dessas dificuldades de ordem conceitual, a família, em seu sentido genérico, pode ser considerada como unidade de reprodução social e biológica, criada pelo casamento, ou por uniões consensuais, por laços de descendência entre pais e filhos e por elos de consanguinidade entre irmãos (ROMANELLI, 2013, p.35).

Sobre escolas, considerando-as em seus atributos comuns e gerais, Romanelli (2013, p.35) acredita que as escolas “configuram-se como espaços sociais formais, com hierarquia definida, na qual o exercício do poder e da autoridade são claramente delineados, envolvendo não só a ação dos professores, mas dos agentes que atuam, direta ou indiretamente, na transmissão de conhecimento”. Nesse contexto, é preciso que reconheçamos as mudanças, transformações, que têm ocorrido no interior da família bem como em suas relações com o sistema educacional.

Como vimos, essas instituições estão diretamente relacionadas à formação dos sujeitos e às formas de sociabilidade nas quais estão imersos. Todavia, temos que nos atentar para a seguinte questão: a atuação da família na escolarização dos filhos não é reflexo, exclusivo, da classe social a qual pertence, pois se assim fosse, poderia não haver sucesso escolar nas camadas populares e no meio rural, uma vez que nesses estratos sociais são encontradas maiores dificuldades no acesso e prolongamento da escolaridade, o que não se constitui como verdade.

Não podemos conferir somente às famílias as questões de sucesso ou insucesso escolar dos filhos nem tão pouco à origem social, outros elementos confluem para esse fim. Romanelli (2013, p.41) revela-nos que “Embora a mobilização dos pais e dos filhos possa contribuir para a carreira escolar desses, isso não é suficiente para a diminuição das

desigualdades escolares, pois depende igualmente da postura de cada filho diante da escolarização”.

Tal afirmação faz-nos pensar acerca da importância do sujeito: filho-estudante, no seu “próprio” processo de escolarização, uma vez que a atuação da escola e da família podem não ser as mais bem sucedidas sob o ponto de vista dos filhos que não usufruem de condições muito favoráveis de escolaridade ou de uma atuação familiar nesse processo, mas que, apesar dessas circunstâncias, obtêm prolongamento escolar. Podem ser também os estudantes, em determinadas trajetórias, os principais atores sociais do sucesso escolar por eles obtidos.

Essas reflexões atentam-nos para o fato de que somos, ao mesmo tempo, sujeitos imersos em uma tela social, marcada por desigualdades gritantes, mas também somos sujeitos de vontades, capazes de percorrer caminhos diversos dos previstos, estatisticamente ou socialmente, quer seja no âmbito escolar ou não.

A literatura tem nos indicado a existência de dois circuitos nas trajetórias escolares os quais consideramos relevantes situar na discussão sobre as desigualdades escolares, são eles o circuito vicioso e o circuito virtuoso (NOGUEIRA, 2010). Compreendeu-se como circuito vicioso a trajetória escolar na qual os sujeitos realizam a educação básica em escolas públicas e o ensino superior em faculdades particulares, na maioria das vezes, de baixa qualidade, já o chamado circuito virtuoso refere-se à trajetória escolar que se dá, inicialmente, em escolas privadas de ensino fundamental e médio e, na sequência, efetiva-se o acesso ao ensino superior público.

Nesta pesquisa, não nos propomos a investigar um circuito ou outro de trajetória escolar, pois na amostra por nós analisada tivemos trajetórias escolares que, inicialmente, foram realizadas por parte dos estudantes em escolas privadas e por outros em escolas públicas, e, ao final, todas essas trajetórias escolares culminaram no acesso ao ensino superior público oferecido na Universidade Federal de Sergipe.

Contudo, acreditamos que a compreensão destes circuitos, vicioso e virtuoso, contribuiu para nossas reflexões acerca do acesso desigual às redes de ensino no Brasil e da atuação familiar frente aos percursos escolares dos filhos, que poderiam ter alcançado outros rumos, tais como: o acesso a outras instituições de ensino superior que não a pública ou a interrupção da escolarização, o que não ocorreu nos percursos dos sujeitos, investigados no nosso trabalho.

Em linhas gerais, podemos afirmar que há realidades muito plurais, quando o tema em debate é família e escolarização. Por isso, temos que refletir também sobre as estratégias individuais, aquelas delineadas pelos estudantes no tocante à escolarização, uma vez que essas

podem ocupar espaço tão importante quanto as estratégias coletivas, desenvolvidas pelos familiares.

Romanelli (2013, p.50) adverte-nos quanto à dinâmica de cada família: “é necessário considerar a dinâmica interna das famílias, pois a vida familiar não é sempre a mesma ao longo de sua trajetória, e o modo como cada filho incorpora a herança familiar tende a ser diferente conforme sua posição na fratria”. Diante dessa colocação, podemos pensar acerca do sucesso escolar que alguns irmãos obtêm, ora os primogênitos, ora os caçulas, ora ambos, o que não se constitui em via de regra, mas que está diretamente relacionado à dinâmica interna familiar que é mutável, bem como às diferentes formas como cada filho apropria-se da herança familiar e realiza suas estratégias em busca do prolongamento escolar. Foi nossa pretensão, portanto, investigar o papel das famílias nesse processo de escolarização, desde a educação básica ao ensino superior, que culminou na transição de alunos da educação básica a estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe.

Sobre as contribuições de familiares no processo de escolarização, Romanelli (2013) observou, em alguns estudos por ele analisados, que o sujeito pai encontra-se, praticamente, ausente nas pesquisas, sobressaindo-se, nessa atuação, as mães. Ele defende, porém, que “mesmo que o pai não apareça como sujeito importante na escolarização, ele não pode ser considerado ausente, porque família, tal como os vários artigos expressam é mais do que a mãe” (p.53). Nesse espaço de discussão, tratou também das relações de gênero entre marido e esposa, pensando-os como pais, ele salientou que:

Mães não são apenas genitoras, ocupam outra posição social como esposas ou companheiras e, apesar da predominância do poder masculino, também desfrutam da capacidade de negociação nas relações com o parceiro e não deixam de exercê-la. Assim, as práticas das mães no processo de escolarização dos filhos não podem ser avaliadas como se fossem ações individuais, mas é necessário questioná-las para se apreender o modo como são negociadas com o pai de seus filhos em várias situações do cotidiano (ROMANELLI, 2013, p. 53-54).

É preciso, portanto, que se tenha uma análise mais apurada acerca de como as mães e os pais estabelecem as relações que mantêm com diferentes aspectos de suas vidas, inclusive a vida escolar dos filhos, pois o que parece ser uma atuação específica das mães sobre o processo de escolarização dos filhos, pode constituir-se como uma atuação parceira entre mães e pais no processo escolar.

No âmbito da discussão de gênero, desempenho escolar e famílias, vale compartilhar algumas considerações que Carvalho (2013) apresenta-nos. Segundo essa pesquisadora, há, contudo, poucos estudos investigando a influência da socialização familiar sobre as diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas, mas a partir do que já se tem produzido, mulheres têm apresentado melhores índices de sucesso em suas trajetórias escolares, característica presente na maioria dos países ocidentais no qual se insere o Brasil.

Carvalho (2013) realizou um levantamento de teses e dissertações, produzidas no período de 1993 a 2007, nas quais as relações de gênero estivessem articuladas com o desempenho escolar e buscou desvendar qual o lugar das famílias nesse contexto. Conforme Carvalho, evidenciou-se que:

Nas últimas décadas, importantes estudos têm sido feitos no Brasil a respeito das relações que as famílias mantêm com a escolaridade de seus filhos, assinalando a interdependência entre as condições sociais de origem das famílias e as formas dessas relações, sem, contudo, estabelecer linearidades e predeterminações [...] Embora atentos a diferentes aspectos das ações das famílias e dos sujeitos frente a seus processos de escolarização e a diversos condicionantes dessas ações, raramente esses trabalhos se perguntaram a respeito das diferenças nos processos de escolarização entre os sexos no interior de uma mesma família (CARVALHO, 2013, p.67).

Além de situar-nos diante das pesquisas, que vêm sendo realizadas nesse campo investigativo, Carvalho atenta-nos para a importância das práticas de socialização familiar bem como da instituição escola frente ao desempenho escolar de meninos e meninas e da construção de gênero, uma ação que ocorre de fora para dentro e de dentro para fora. Ela concluiu em sua pesquisa que:

Os estudos que incorporaram informações sobre as famílias tendem a apresentar suas práticas de socialização como coerentes aos valores escolares no que tange à diferença entre os sexos, corroborando a visão das professoras de que estas diferenças “vêm de casa”, embora algumas autoras tenham destacado com acuidade rupturas e negociações e chamado a atenção para o fato de que as hierarquias de gênero são construídas simultaneamente nas famílias e nas escolas, isto é, não viriam apenas “de fora” para influenciar uma escola neutra (CARVALHO, 2013, p.77).

A família e a escola exercem um papel muito importante no percurso de meninos e meninas, porém nem sempre essas atuações nos parecem tão bem definidas no que tange ao desempenho escolar, à construção do gênero e a outros elementos ligados à formação, isto é,

os limites e as linhas de partida dessas instituições não são sempre claros, até onde é a família que atua e a partir de que ponto a escola entra em ação.

Apresentamos, a seguir, algumas considerações referentes ao trabalho de Neves (2013): Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no Ensino Superior Brasileiro, que nos possibilitou melhor interpretar as trajetórias de alguns sujeitos da nossa pesquisa, quais sejam aqueles que ingressaram na Universidade Federal de Sergipe através de alguma dessas medidas inclusivas a exemplo das cotas.

Neves (2013) realizou uma discussão em torno das desigualdades de oportunidades, vivenciadas por jovens de famílias de baixa renda que seguiram trajetórias escolares em escolas públicas e ingressaram no ensino superior brasileiro. Para ela, tais desigualdades mantêm laços estreitos com o alto grau de exclusão escolar bem como com a estrutura e a organização dos níveis de ensino.

Aos fins dos anos de 1990, ocorreram mudanças no cenário brasileiro, a exemplo da estabilidade da economia, o que favoreceu projetos das classes sociais menos abastadas, principalmente, na inclusão, inserção, no mercado de trabalho. Conforme Neves (2013), esse cenário refletiu também na educação superior:

[...] No Ensino Superior público foram incorporadas medidas para ampliar o acesso com a criação de cursos noturnos e a diversificação da grade de oferta de cursos. O Ensino Superior particular cresceu e experimentou um processo de acirrada concorrência, principalmente nos principais centros urbanos do país (NEVES, 2013, p.279).

Aliadas a essas transformações do ensino superior, houve as políticas institucionais e governamentais afirmativas e de inclusão social no início deste século. Neves afirma que se tratou de:

[...] uma política de caráter institucional, as políticas de cotas ou bônus e uma política governamental, o Programa Universidade para Todos/ProUni. Assim, uma nova população passa a ter acesso ao Ensino Superior oriunda notadamente de famílias de baixa renda e com trajetória escolar desenvolvida em escolas públicas e/ou declarados afro-descendentes, indígenas ou com necessidades especiais (NEVES, 2013, p.280).

Em sua pesquisa, a autora buscou conhecer e analisar as apreciações que os estudantes investigados, quais sejam universitários de universidades públicas ou privadas e beneficiados por essas políticas, faziam sobre as oportunidades instituídas mediante as políticas de inclusão

social e o papel da família na decisão de prolongar os estudos e aspirar uma carreira profissional de nível superior. Foi sobre esse segundo elemento, apresentado por essa pesquisadora, que nos debruçamos: o lugar das famílias nas trajetórias escolares de estudantes universitários. Neves (2013) revelou também que, para além do capital cultural, o capital social por parte da família é bastante pertinente no delineamento das trajetórias escolares que culminam no acesso ao ensino superior. É mediante o capital social que se torna mais nítido o empreendimento das famílias frente ao desempenho escolar dos filhos.

Outro elemento são as expectativas familiares. Elas ocupam espaço importantíssimo nas trajetórias de bom desempenho escolar. Segundo Neves (2013, p.289): “De um modo geral, a família tem consciência dos limites e das reais possibilidades dos filhos na disputa por maior escolaridade [...] o nível de expectativa demonstrado, especialmente pelas mães, tem efeito positivo no desempenho escolar das crianças”. Essa afirmação remete-nos a outros estudos que já sinalizaram o papel relevante da mãe, principalmente, e do pai como mantenedor, de irmãos mais velhos, tias, avós no processo de ascensão escolar (CARVALHO, 2013; ROMANELLI, 2010, 2013). Conforme Romanelli:

Em contrapartida, a mãe é considerada mais próxima e mais presente no cotidiano dos estudantes [...] A mãe não é apenas a principal doadora de afeto; é também a interlocutora disposta a ouvir os filhos e a dialogar com eles. No entanto, a relação mãe/filhos tem ainda outra dimensão, referida ao incentivo à escolarização deles e à transmissão de capital cultural [...] Mais ainda, a influência materna não se dá pela imposição, pois os filhos esclarecem que, contrariamente ao pai, a genitora comunica-se de modo mais afetuoso e não os obriga a acatarem suas opiniões. Desse modo, o capital cultural transmitido pela mãe constitui elemento significativo no processo de reprodução social da família que tem, na escolarização superior dos filhos, um recurso importante para promover relativa mobilidade social deles e, indiretamente, da própria unidade doméstica (ROMANELLI, 2010, p.120).

Romanelli (2010) não apenas destacou a atuação da figura materna nas relações afetivas e no processo escolar dos filhos, ele abordou também como se dá o papel da figura paterna, com suas características que lhe são peculiares. Ele esclareceu:

Contudo, a maior presença da mãe nesse tipo de relação não exclui a importância do pai no processo. De fato, o pai sente afeto pelos filhos, embora muitas vezes o expresse de modo canhestro. É o que ocorre quando procura orientar os filhos, evitando que eles cometam o que considera errado e acaba impondo sua decisão. Prova desse afeto paterno são os relatos dos

filhos acerca da preocupação e do interesse do pai em sua vida escolar, mesmo quando essas manifestações são relativamente distantes e, aparentemente, pouco envoltas por afeto [...] um dos modos de expressão afetiva do pai é através da doação financeira (ROMANELLI, 2010, p.120-121).

Neste estudo, foi perceptível que mães e pais exercem papéis relevantes nas trajetórias de seus filhos, estudantes-trabalhadores. Embora esses universitários tivessem declarado que seus pais não os havia influenciado na escolha do curso superior nem interferido na vida escolar, em outros momentos, sinalizaram que se as famílias não interferiram nessa escolha do curso superior ao menos os incentivaram e os estimularam, ainda que indiretamente, para que atingissem esse objetivo. Romanelli concluiu:

Desse modo, os dados deixam muito claro a importância da família no processo de escolarização superior desses universitários, mediante apoio material, pecuniário ou não, bem como através do amparo afetivo que os pais dispensam aos filhos para conquistarem o tão almejado diploma do curso superior (ROMANELLI, 2010, p.122).

Alertou-nos, contudo, que, dada a influência familiar na escolarização dos filhos universitários, não podemos considerar a família como a instância todo-poderosa que se impõe como sujeito coletivo, pois “enfrenta as forças de fissão, que traduzem a presença do individualismo em seu interior, o que cria um equilíbrio constantemente repostado através das ações concretas dos integrantes da unidade doméstica” (ROMANELLI, 2010, p.122).

Pensada sob essa perspectiva, é preciso reconhecer a família como uma unidade coletiva, composta por sujeitos individuais que vivem sob pressões e demandas do seu contexto social, entre anseios, aspirações particulares de cada sujeito e também vontades coletivas.

Costa et al. (2013), em seu trabalho, Oportunidades e Escolhas: Famílias e Escolas em um sistema escolar desigual, permitiu-nos reflexões pertinentes no tocante à atuação de famílias na escolarização básica dos filhos. Ele, junto a outros pesquisadores, comparou dois contextos distintos no Brasil: Rio de Janeiro e Belo Horizonte, referentes à distribuição de oportunidades escolares em grandes redes públicas de ensino.

Um aspecto a ser frisado, inicialmente, refere-se à escolha da escola na qual o filho estudará, esses pesquisadores destacaram que “Pais com escolaridade mais alta tendem a fazer escolhas mais subsidiadas, consultando vizinhos, professores, diretores, para conhecer as

escolas da região. No entanto, isso não significa que pais menos instruídos não busquem informações nas suas redes de contatos” (COSTA et al., 2013, p.140).

De acordo com esses estudiosos, a rede de pertencimento desses pais bem como a formação deles são elementos que podem favorecer no processo de escolha da escola. Apresentam-nos, ainda, algumas características dos pais que se utilizam de estratégias mais ativas para que os filhos tenham acesso a escolas disputadas da mesma rede, nesse estudo, a pública. Eles descrevem:

[...] tendem a ser pais mais informados, presentes na vida escolar do aluno e, acima de tudo, são pais que identificam a hierarquização das escolas, sabem mais claramente que as escolas são diferentes, apesar de pertencerem a um mesmo sistema. A grande maioria dos entrevistados acredita que a melhor oportunidade escolar que poderiam oferecer aos filhos seria colocá-los numa instituição privada de ensino. Mas, por não possuírem recursos financeiros para isso, procuram a melhor escola pública possível. São responsáveis que estão insatisfeitos com o ensino público oferecido e que expressam isso com certo pesar e revolta (COSTA et al., 2013, p.147).

Esses dados revelam diferentes elementos da educação brasileira a exemplo das disparidades entre a educação ofertada por escolas públicas e as privadas, distinções existentes no interior de uma mesma rede, insatisfação popular com o ensino público oferecido, e, por fim, o papel de destaque que famílias operam, exercem, na busca por escolas compatíveis com suas condições e com seus projetos de futuro. Os pesquisadores concluíram que:

Assim como no Rio de Janeiro, a ação parental para a escolha da escola distingue famílias mais ativas e menos ativas na busca por uma vaga no estabelecimento de ensino público em Belo Horizonte. Pequenas diferenças em termos de recursos econômicos, disposições culturais e redes sociais explicam estratégias de algumas famílias, que agem na estrutura educacional altamente regulada em busca de oportunidades educacionais que acreditam serem as melhores para os filhos em termos de qualidade do ensino, longevidade escolar e acesso ao Ensino Superior ou ao mercado de trabalho. O benefício que estas famílias almejam é individual, isto é, a “melhor” escola para o filho (COSTA et al., 2013, p.154).

Tais considerações indicam o quanto toda ação é intencionada; nossas escolhas são movidas por interesses, mas também cerceadas por circunstâncias. Cada família faz uso dos

mecanismos e possibilidades que lhe são cabíveis a fim de prolongar a escolaridade dos filhos da educação básica à superior e se encontram sujeitas às pressões sociais.

Costa et al. (2013) explicita que “as diferentes atitudes voltadas para a escolarização dos filhos, que individualmente podem parecer sutis e insignificantes, em conjunto se tornam importantes” (p.161). É assim que famílias contribuem para a construção das trajetórias escolares dos filhos, tornando-as mais propensas ao sucesso escolar frente às desigualdades de oportunidades, existentes no sistema educacional do Brasil.

Faremos menção, novamente, ao trabalho de Neves (2013), pois queremos compartilhar outros dados de sua produção que se circunscrevem a essa discussão. O primeiro deles é a compreensão que ela apresentou-nos acerca da família ou redes familiares, já que são elas e sua atuação na escolarização dos filhos universitários a coluna vertebral do nosso trabalho, acreditamos ser extremamente necessário conhecê-la. Sobre família ou redes familiares, indica-nos: “são, portanto, um espaço de convivência de diferentes gerações, prevalecendo relações ora de conflito ora de cooperação. As divergências entre gerações devem ser entendidas como parte do processo de convivência familiar e social” (NEVES, 2013, p.292).

Ao tratar sobre o respaldo familiar, dado aos filhos, para o acesso ao ensino superior, Neves (2013, p.299) inferiu que: “O apoio familiar, especialmente da mãe, foi fundamental em dois momentos: na inscrição aos programas e, após, na permanência no curso. A mãe dá apoio, incentivo, ela fica atenta às notícias sobre as oportunidades de entrar numa universidade”. Ela defende que o sujeito mãe, principalmente, é aquele que parece mais antenado às possibilidades de ingresso no ensino superior, a exemplo dos programas de inclusão bem como na etapa seguinte, tão importante quanto à primeira, pois se trata da permanência no ensino superior.

Acrescenta ainda a autora que a família está presente na vida universitária também, principalmente quando “aparece o problema de como se manter estudando na universidade tendo que enfrentar inúmeros problemas como transporte, alimentação, xérox etc. Mais uma vez, os respondentes apontaram o apoio familiar como sendo decisivo” (NEVES, 2013, p.301).

Outro elemento importante é ter tido acesso ao ensino superior, via os programas de inclusão social, pois representou para os estudantes, investigados por Neves (2013, p. 304), “a chance que não tiveram e não teriam para chegar à universidade”. Dessa feita, os pais visualizam no percurso dos filhos uma oportunidade singular para ingressar no ensino superior e alcançar uma profissão, pois de outro modo não teriam, conforme alguns

estudantes, condições de pagar uma faculdade. A formação superior, nessa perspectiva, poderá possibilitar a esses estudantes, mesmo que, a longo prazo, uma mobilidade socioeconômica e ascensão profissional e cultural.

Diante desses estudos, que nos apresentaram alguns indicadores do lugar ocupado pelas famílias na longevidade escolar dos filhos, desde a educação básica até o ensino superior, assim como a legitimidade desse objeto investigativo, propomo-nos, a seguir, a tratar, mais especificamente, das práticas educativas das famílias face o percurso escolar dos filhos.

1.1 FAMÍLIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS FRENTE À LONGEVIDADE ESCOLAR DOS FILHOS

Sob a ótica de vários pesquisadores, a relação família e escola, além de necessária, tem se mostrado primordial, principalmente, quando se trata do sucesso escolar, entendido aqui como o acesso à educação básica e ensino superior público. No tocante às famílias e escolas, Resende (2013) produziu um estudo acerca do lugar destacado que ocupa o dever de casa nessa relação.

A autora afirma que, para os estudantes mais jovens, o dever de casa é o principal meio de interação entre as instituições família e escola. Ressalta ainda:

Contribui para essa avaliação o fato de tratar-se de uma atividade em geral frequente, sistemática, que pressupõe algum tipo de envolvimento não somente do estudante, mas também dos professores, dos pais e por vezes de outros sujeitos, explicitando uma determinada divisão do trabalho educacional entre escolas e famílias e envolvendo a formulação de expectativas recíprocas entre esses diferentes atores (RESENDE, 2013, p.200).

Como vimos, a prática do dever de casa, conforme propõe Resende, envolve a atuação de vários atores nesse processo: estudantes, professores, pais, irmãos mais velhos, tios e tias, avós ou outros sujeitos que estejam interligados àqueles estudantes tal como já nos apontou alguns estudos. Além disso, o dever de casa proporciona que tanto a escola como a família construam expectativas uma da outra.

Resende (2013) atentou-nos para alguns aspectos quanto ao dever de casa, esses nos revelam dados pertinentes sobre as relações família-escola, foram eles:

[...] a existência de uma “adesão crítica” ao dever de casa da parte dos diversos sujeitos envolvidos, especialmente das famílias; o fato de as lições de casa constituírem, ao mesmo tempo, “elos” entre família e escola e “pesadelos” no cotidiano de muitas famílias; a relação entre dever de casa e desempenho escolar (RESENDE, 2013, p.200).

No balanço de estudos, tanto os realizados no Brasil como em outros países do mundo, analisado por Resende (2013), observou-se que apesar do consenso da maioria dos atores sobre a importância do dever de casa e do acompanhamento parental a eles, essa prática revelou tensões, conflitos, estresse, causado diariamente na vida familiar. Houve inclusive quem o caracterizasse como um “pesadelo diário”, outros apresentaram seu ponto de vista que o dever de casa deveria ser extinto.

Resende (2013, p.202), no tocante a esse campo de conflito entre famílias e escolas sobre o dever de casa, concluiu que “com relação à realização de deveres de casa pelos alunos e ao seu acompanhamento pelos pais, se não um consenso entre famílias e escolas, pelo menos, certamente, um acordo ou uma adesão crítica”.

A autora alertou-nos ainda que o contexto sociocultural, político e econômico tem afetado as relações entre as duas instituições, escola e família, que refletem inclusive sobre o acordo da realização dos deveres de casa. Pensando sob essa perspectiva, sabemos que a necessidade de inserção no mercado de trabalho, cada vez mais cedo, de pais, mães e irmãos, a busca por maiores níveis de escolaridade, mudanças na configuração familiar a exemplo das inúmeras famílias chefiadas por mulheres ou dos novos tipos de arranjos familiares, crises econômicas que afetam diretamente os contextos familiares, entre outros elementos, estão, de algum modo, relacionados às práticas familiares frente à escola e vice versa. Trata-se de uma ação reflexiva na qual o sujeito realiza e sofre a ação, um movimento que ocorre no seio da sociedade e que reflete nos percursos escolares existentes em cada família, afinal um é parte integrante do outro.

Sobre o valor da escolarização na sociedade vigente, o que muda também, a nosso ver, a relação que as famílias estabelecem com o universo escolar, tem-se que:

[...] trata-se de um cenário em que a escolarização tornou-se um processo hegemônico, impondo-se como valor e impondo seus valores para os diversos grupos sociais, na luta pela ascensão ou pela reprodução de suas

posições em um contexto cada vez mais competitivo. A socialização escolar intensificou-se tanto pela universalização do acesso à escola fundamental quanto pelo aumento do tempo médio de escolarização de grande parte da população (RESENDE, 2013, p.202-203).

Nesse sentido, Teixeira e Silva (2008) também discutem acerca do valor que assumem o certificado escolar e o capital social nas trajetórias dos sujeitos: “Entenda-se que o valor dos certificados escolares no mercado de trabalho e o ‘capital social’ constituído pela rede de contatos dos sujeitos envolvidos são cruciais para o sucesso ou fracasso do jovem”. Depreende-se, portanto, que há valores para os quais cada classe atenta e valoriza de tal forma que esses, somados a uma série de outros fatores, possibilitam o sucesso ou fracasso escolar desse estudante.

Se observarmos atentamente, a cada dia o mercado de trabalho tem se tornado mais exigente e, por isso, a necessidade de termos maiores níveis de escolaridade, número de certificados, para disputarmos vagas. Além disso, à medida que vamos concluindo aquele nível de ensino, um quantitativo maior de pessoas busca nele inserir-se, o que nos permite compreender algumas lógicas pelas quais medidas governamentais vêm sendo pensadas a fim de “melhorar” a educação, inclusive com o acompanhamento familiar dos pais, ainda que raízes dessa educação continuem frágeis.

De acordo com Resende (2013), na maior parte dos países ocidentais, foram observadas ações estatais e regulamentações específicas cuja finalidade é ressaltar a importância da participação dos pais na vida escolar dos filhos. É bem verdade que no Brasil, um exemplo dessas ações é a iniciativa do Ministério da Educação: Mobilização Social pela Educação, cujo lema é “Para a educação melhorar, todos devem participar”, ele reúne uma série de ações como a capacitação de mobilizadores sociais pela educação a fim de que estes desempenhem, em suas comunidades, projetos que visem, principalmente, uma maior participação das famílias na vida escolar dos filhos. Trata-se de uma iniciativa bastante importante, mas aqui expressamos o nosso alerta de que há outros aspectos educacionais a serem pensados além desses.

Resende (2013) expôs também, pautada na literatura por ela estudada, que a aproximação entre família e escola tem sido apontada como um dos fatores responsáveis pela promoção do sucesso escolar dos filhos e por mais que algumas famílias caracterizem o dever de casa como um fardo, um “pesadelo”, elas, por outro lado, defendem a importância dele e buscam garantir para os filhos as melhores condições de sucesso escolar.

O dever de casa se coloca como um instrumento para a escola avaliar a família do aluno e para a família avaliar o trabalho da escola. Resende (2013) assinalou também acerca do embaralhamento de papéis quanto à escolarização, até onde é responsabilidade da família e da escola, como se verificar tais limites? A autora defendeu que:

[...] à medida que a escola “entra no domicílio”, responsabilizando os pais por parte da tarefa de instrução, os pais, uma vez responsabilizados, veem-se no direito de “entrar na escola” e em sua área de atuação específica, avaliando os deveres e opinando sobre quantidade e qualidade dos mesmos (RESENDE, 2013, p.208).

Cabe esclarecer que a lógica adotada pela escola é coletiva, enquanto que a família intervém baseada em uma lógica individual a fim de atender interesses particulares no tocante à escolarização de cada filho. É preciso que pais atendam às demandas dos docentes, representantes da escola, mas também que a escola possa ouvir e considerar as famílias na formulação de políticas, tal como o dever de casa.

É interessante mencionar que a relação família-escola, por mais importante e necessária que seja, não deve ser vislumbrada como sendo sempre positiva e padronizada. Torna-se necessário, em uma análise como esta, considerar sobre quais famílias, meios sociais, características socioculturais, escolas, contextos, desafios e possibilidades estamos falando ou nos referindo, pois só mediante uma problematização dessa natureza podemos compreender melhor esse fenômeno. Resende (2013) destacou que o estudante exerce uma função relevante na teia de relações entre família e escola. Assinalou que:

Ao se considerar tanto as práticas em torno do dever de casa quanto a relação família-escola em geral, é importante levar em conta que essas duas instituições interagem em função de um trabalho que o estudante deve executar e de um processo de aprendizagem que é vivido subjetivamente [...] E as estratégias dos pais, seja no acompanhamento aos deveres, seja na relação com a escola de modo geral, são tanto mais eficazes quanto mais diretamente voltadas para o envolvimento autônomo desse sujeito com seu percurso educativo (RESENDE, 2013, p.214).

Essas questões descortinam um dado bastante instigante: no interior dessas instituições, coabita o sujeito aluno, esse é, ao mesmo tempo, filho e estudante. Quanto mais próximo estiver da autonomia a realização de suas atividades educativas, maior probabilidade

há de que seus pais e parentes estejam realizando um acompanhamento escolar mais eficaz, o que pode repercutir em maiores chances de bom desempenho e sucesso escolar.

Para além do acompanhamento escolar, dado pelos pais, na realização dos deveres de casa, outra prática foi identificada entre a escola e a família: a instituição informal do Reforço Escolar. Esse estudo configurou-se como uma grande contribuição no conjunto de leituras por nós elegido. Dessa vez, foi a pesquisadora Maria Eulina P. de Carvalho quem nos apresentou questões pertinentes, relacionadas ao Reforço Escolar, pois tem sido uma prática muito recorrente em todas as camadas sociais. Ao abordar como o Reforço Escolar é organizado em bairros de elite, de classe média e bairros periféricos, com suas particularidades, Carvalho (2013, p.221) assinalou:

Essas modalidades variadas de oferta de serviços educativos, no mercado informal e formal, por um lado, atendem as necessidades de estudantes e famílias, atestando os investimentos familiares no sucesso escolar dos filhos e filhas; por outro lado, indicam a insuficiência da escola, tanto pública quanto privada, apontando para um fenômeno corriqueiro e crescente no contexto do recente movimento de mercantilização da educação (CARVALHO, 2013, p.221).

A partir dessas afirmações, indagamo-nos: a procura pelo reforço escolar, no caso das famílias cujos filhos estudam em escolas públicas, seria com o objetivo de minimizar fragilidades do ensino básico? E, em contrapartida, as famílias cujos filhos, provenientes das elites ou dos setores mais favorecidos e que estudam em escolas privadas, buscariam o reforço escolar com a finalidade de fortalecer ainda mais a educação básica a qual estariam tendo acesso? Ou ainda tal cenário manteria alguma relação com a hierarquização existente no interior da rede pública e privada de ensino, o que torna algumas escolas, referências de qualidade, e outras de descaso educacional, ocasionando certas fragilidades e potencialidades em uma realidade e na outra também? São questionamentos a considerar, quando o tema em debate envolve famílias, investimento escolar e diferentes camadas sociais.

Carvalho (2013) compartilhou um dado referente à realidade educacional dos Estados Unidos e a relação dos pais dos estudantes com empresas privadas que os assistem na realização das tarefas escolares. Conforme veremos, a indagação por nós realizada anteriormente possui fundamento, mesmo quando apelamos às não generalizações e ao fato de que cada realidade possui peculiaridades. Ela informou-nos que:

Nos Estados Unidos, por exemplo, onde a escola pública/estatal é dominante, bem-consolidada e em tempo integral, o tempo do dever de casa para estudantes da escola elementar cresceu e a mídia noticiou os impactos sobre as famílias, que passaram a apelar para professores particulares e programas educativos após a jornada escolar [...] Empresas privadas também surgiram em comunidades de classe média alta oferecendo assistência ao dever de casa não apenas a estudantes com dificuldades, mas a estudantes excelentes em busca de manter o nível de desempenho (CARVALHO, 2013, p. 222).

O cenário observado não se restringe apenas aos Estados Unidos. No Brasil, em virtude de transformações que afetam vários aspectos da vida social, conforme evidenciamos, cada vez mais tem se fortalecido a prática do Reforço Escolar ou Bancas, como também é denominado em algumas regiões do país a exemplo do Estado de Sergipe. Carvalho (2013) evidenciou que:

[...] o reforço escolar funciona como uma terceirização do acompanhamento pela família, ou seja, substitui a ação educativa parental, mais precisamente materna, em tempos de dificuldades familiares, trabalho remunerado fora de casa e dupla jornada das mães, e na constância da tradicional ausência de envolvimento dos pais/homens na educação doméstica e escolar (CARVALHO, 2013, p. 223).

Vislumbramos, portanto, que a busca pelo reforço escolar, dentre outros elementos, refletem o contexto socioeconômico, cultural e político de uma época como também se relaciona com o sentido que uma geração possui no tocante à educação. Desse modo, compreendeu-se, à luz das discussões engendradas por Carvalho, que:

[...] o reforço escolar se situa no contexto dos investimentos familiares no desenvolvimento do habitus de estudante e na apropriação do capital escolar através da aquisição de um serviço que visa suprir os limites familiares e escolares, principalmente quando os estudantes apresentam dificuldades de aproveitamento escolar e/ou falta de disposição e gosto pelos estudos (CARVALHO, 2013, p. 223-224).

O conceito de habitus, a que se referiu Carvalho (2013), foi proposto por Bourdieu. Trata-se de esquemas de percepção, pensamento, apreciação e ação, um sistema constituído socialmente de disposições cognitivas e somáticas, capital cultural corporificado em uma autodisciplina. Tonetto (2012, p.65), em seu trabalho, abordou sobre esse habitus, defendendo

que “As estratégias escolares são resultantes de habitus determinados, construídos de acordo com as condições específicas de cada grupo familiar e com base nos capitais possuídos pelo grupo, bem como sua mobilidade social”.

Se pensarmos no habitus de estudante, estamos buscando compreender como os sujeitos vão incorporando, dia a dia, no contato com seus pares, o sistema acima descrito, isto é, como se constituem alunos da educação básica e estudantes universitários, dotados de certos capitais, em maior ou menor escala, a depender de cada trajetória.

Retomando à prática do Reforço Escolar, nesse contexto, Carvalho (2013) concluiu, em suas análises, algumas das finalidades centrais que pais e mães possuem, na construção desse sujeito aluno, quando visualizam no Reforço Escolar uma possibilidade de investir na escolarização dos filhos. Para ela:

Pais e mães investem no reforço escolar a fim de remediar, prevenir o atraso, ou facilitar o avanço de seus filhos e filhas nos estudos, ou ainda para prepará-los para exames de acesso a níveis superiores e escolas de prestígio; portanto, o reforço escolar indica as necessidades e capacidade de investimento educacional das famílias (CARVALHO, 2013, p. 227-228).

A prática do Reforço Escolar seria, sob essa ótica, um investimento que envolve cálculos entre as probabilidades de sucesso e insucesso escolar dos filhos, uma relação custo-benefício. Em que pese seus limites, trata-se de um empreendimento que favorece a realização de projetos para o futuro e, no presente, configura-se como um aliado que, ao mesmo tempo, assiste as famílias, ao realizar um papel que antes lhes pertencia, e fortalece o trabalho escolar.

É nesse cenário que a atuação familiar vai se sedimentando, conquistando espaço e galgando novos territórios para os filhos. Ao ter, em uma posição de mediação, os professores e professoras do Reforço Escolar compondo sua rede de relações com a escola, a família conquista para si um grande parceiro. É certo que tal inferência não é válida para as famílias que se desresponsabilizam do papel de educar seus filhos.

Um problema imerso na oferta do reforço escolar é que alguns pais e mães responsabilizam somente os professores do reforço escolar pelo bom sucedimento do aluno, ou, ainda, professores que transferem somente para as famílias um papel que também é deles, contudo, sabemos que essa responsabilidade pertence às famílias e à escola formal, podendo complementar-se mediante o apoio de outras atividades a exemplo do Reforço Escolar.

Essas questões remetem-nos à Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988), quando dispõe sobre as responsabilidades do Estado e da Família no tocante à educação. Destacamos três artigos que tratam, mais detalhadamente, sobre o dever dessas instituições, foram eles: o Art. 205, da seção I (Da Educação), capítulo III (Da Educação, da Cultura e do Desporto) e o Art. 266 e 227 do capítulo VII (Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso), respectivamente:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Nota-se que a legislação brasileira designa à família uma série de responsabilidades: a educação como sendo seu dever bem como assegurar às crianças e adolescentes o direito à vida, à saúde, à cultura, ao lazer, entre outros. Além disso, deve protegê-los de perigos: discriminação, negligência, de toda ação violenta. A família, como base da sociedade, deve ser guardiã dos direitos dos seus integrantes e propiciar, junto ao Estado, a educação.

Todavia, sabemos que as famílias brasileiras vivem condições diversas, o que pode tornar o desempenho dessas responsabilidades variado. Com isso, as práticas familiares em torno da escolarização dos filhos sofrem também alterações. Por essa e outras motivações, temos, cada vez mais, alunos de uma mesma rede de ensino com níveis de conhecimento tão variáveis, realidade percebida nos diferentes níveis de escolaridade. Nesse sentido, a prática do reforço escolar é, progressivamente, mais procurada, desde os níveis da educação básica ao ensino superior.

No que tange à prática do Reforço Escolar, vale salientar que esse mercado tem chegado às universidades, seja com a finalidade de orientar a produção de trabalhos acadêmicos, seja para a realização do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), famoso Provão, que avalia o rendimento dos alunos dos cursos de graduação,

interessantes e concluintes, em relação aos conteúdos programáticos dos cursos aos quais estão vinculados.

Carvalho (2013, p.229), referindo-se aos dados de uma pesquisa realizada em Fortaleza/Brasil, apresentou a diversidade do fenômeno reforço escolar em nosso país. Segundo ela, há “reforço para promoção, emergencial, procurado no final do ano; reforço para aprofundamento, visando a preparação para concursos e testes; reforço antecipado ou preventivo (programa de acompanhamento); reforço para universitários; reforço para o provão; e reforço substituto”. Verdadeiramente, um mercado organizado a partir das diferentes demandas e condições do seu público.

A autora sinalizou também a percepção de alguns professores das escolas no tocante à prática do Reforço Escolar. Há aqueles que acreditam não ser tão positivo o fato de o aluno sempre estar vinculado ao Reforço Escolar, pois a depender da postura, metodologia adotada por estes profissionais (professores do Reforço Escolar), ele pode viciar-se em ter, a todo momento, um(a) professor(a) para ajudá-lo na realização das tarefas escolares, quando, na verdade, essa é uma responsabilidade do aluno e esse deve desenvolver autonomia para tal.

Foi entre consensos e tensões que a discussão em torno do Reforço Escolar e a relação família-escola transitou. Mas, de uma coisa estamos certos, essa prática ocupa um lugar importante na escolarização de crianças, adolescentes e jovens do mundo inteiro, quer seja para superar fragilidades da formação, quer como distinção em um mundo escolar que se apresenta cada vez mais competitivo.

A seguir, apresentamos algumas das contribuições relevantes que Tonetto (2010), Pinçon e Pinçon-Charlot (2002), Nogueira (2010) e Glória (2007), Viana (1998), Portes (2010) e Lahire (2004), possibilitaram-nos mediante seus trabalhos nos quais trataram, respectivamente, sobre estratégias familiares de escolarização das elites brasileira e francesa, escolarização das famílias de camadas médias, e, por fim, longevidade e sucesso escolar em famílias das camadas populares.

Todos esses elementos encontram-se imersos nessa pesquisa, uma vez que, entre os sujeitos por nós investigados, estão jovens e famílias de diferentes origens sociais, o que torna, ainda mais ricos, os aspectos que escolhemos apresentar no tocante às práticas educativas, isto é, às estratégias familiares, que vão sendo delineadas ao longo de cada trajetória. Uma marca presente nas diferentes camadas sociais.

Tonetto (2012) investigou sobre as estratégias familiares da elite no processo de escolarização dos filhos, em específico sobre a elite sul-mato-grossense (Brasil). Buscou identificar, descrever e analisar o processo de escolarização, empregado por essas famílias,

bem como as estratégias e investimentos na vida escolar dos filhos em busca do sucesso escolar.

A autora apresentou-nos as principais ações dessa família na vida escolar de seus filhos. Famílias essas que compreenderam a importância dos investimentos culturais, materiais e simbólicos como sendo fundamentais e decisivos para o sucesso escolar. Uma delas foi a presença forte do capital econômico que lhes permitiu empreender investimentos, muito significativos, nas trajetórias dos filhos. Segundo Tonetto:

O capital econômico da família possibilitou o acesso a bens culturais, viagens e outras atividades que não aconteciam na cidade. E todas essas ações e investimentos da família nesse processo são traduzidas aqui como estratégias de escolarização, de socialização e de transmissão do capital cultural e social da família (TONETTO, 2012, p.59).

Outro elemento foi a realização de toda a escolarização dos filhos em escola particular. Realidade que só se tornou possível, nessa cidade, a partir de uma mobilização de diversos pais, uma vez que só existia uma escola estadual pública e para esses pais a mesma não servia. Essa escola privada tornou-se uma referência educacional na cidade e continuou recebendo uma clientela, marcadamente rica dessa localidade.

Esses filhos fizeram também cursos de inglês ao longo de sua escolarização, em virtude de seus pais considerarem como relevante a aprendizagem de outra língua no contexto de mudanças que vive a nossa sociedade. Mas foi a partir da religião que eles tiveram acesso a atividades culturais que favoreceram sua formação. Cabe esclarecer que esse não é um fenômeno exclusivo daqueles que se vinculam a essa religião em especial, semelhante pode ocorrer em outras manifestações religiosas, a exemplo de católicos, mórmons, budistas, testemunhas de Jeová, judeus, entre outros.

Durante o processo de escolarização dos filhos, o acesso às atividades culturais se deu por intermédio das programações e eventos promovidos pela escola e, principalmente pelo envolvimento que eles tinham na igreja (Evangélica Batista). A igreja mantinha uma escola de música, grupos de teatro, bandas, corais e orquestra, o que possibilitou às crianças o acesso e formação musical erudita dentro do espaço da igreja (TONETTO, 2012, p.55).

A família proporcionou aos filhos viagens ao exterior, o que lhes possibilitou contatos com outras culturas, a socialização e o aprendizado da língua: elementos importantes para a formação pessoal e escolar. Oportunidade que nem todas as famílias podem possibilitar aos filhos seja pela ausência de recursos materiais, seja pelo capital cultural de natureza bem diversa daquele considerado o hegemônico.

Outra característica importante desses percursos escolares foi a dedicação total aos estudos, isto é, somente estudar e não trabalhar, o que não ocorre sempre com as camadas privilegiadas economicamente, pois enquanto algumas famílias privilegiam a escolarização como seu principal investimento, outras supervalorizam a experiência profissional. As trajetórias desses estudantes foram marcadas também pela mudança de cidade para fazerem cursinhos pré-vestibulares e, conseqüentemente, terem acesso ao ensino superior.

Quanto aos sujeitos familiares, que são mais envolvidos com a vida escolar dos filhos, Tonetto (2012) percebeu que embora o pai declare ter acompanhado de perto a escolarização deles, tendo até participado da administração escolar, esse reconheceu que o acompanhamento dos estudos, cotidianamente, ocorria sob a orientação da mãe de seus filhos, o que corrobora com outros estudos já apresentados nesse trabalho. Segundo a autora, “Sem hesitar, a mãe afirma ter efetuado um acompanhamento sistemático da escolarização, no que diz respeito às tarefas escolares, reunião de pais, controle de notas e monitoramento de horário para os estudos em casa” (p.58).

Os pais afirmaram que os filhos obtiveram sucesso dentro de suas possibilidades. Tal afirmativa remete-nos às expectativas que os pais constroem em torno dos percursos dos filhos. Para Tonetto, os pais pertencentes à família investigada, “eles sempre esperaram muito mais do que os filhos ofereciam em troca de todo investimento de tempo e recursos, mas em nenhum momento isso foi um fator preponderante para os pais” (p.58). Foram sujeitos que sempre acreditaram em uma relação de investimento e retorno no percurso dos filhos, muito embora o sucesso desses na escolarização não tivesse o mesmo significado que tinha para os pais.

Portanto, no trabalho de Tonetto (2012), verificou-se que “as condições social, econômica e cultural da família, bem como os processos de socialização na família, na escola e na igreja, permitiram o acesso e o aproveitamento das condições favoráveis ao sucesso da escolarização dos filhos” (p.56). Houve, nesse sentido, um empreendimento, desde muito cedo, para que os filhos dessas famílias obtivessem sucesso na escolarização. Não se tratou somente do acesso a uma educação formal padronizada, mas de uma formação cultural que, certamente, produziu sua distinção nesses percursos escolares.

Aproveitamos essa discussão para traçarmos um paralelo com o estudo de Pinçon e Pinçon-Charlot (2002), realizado na França, pois esse mantém laços com o trabalho de Tonetto no Brasil. Enquanto Tonetto (2012) nos situou frente à atuação das famílias de uma elite brasileira no percurso escolar dos filhos, Pinçon e Pinçon-Charlot (2002) nos possibilitaram compreender como a elite francesa, a fim de perpetuar-se no poder, provém aos filhos uma educação impecável.

O trabalho elaborado por Pinçon e Pinçon-Charlot (2002) tratou da educação perfeita, que se dá tanto pelas condições materiais como culturais dessa parcela da população. Apresentou-nos uma realidade de formação que se difere daquela obtida por uma fração de nossa juventude de camada popular ou de outros estratos sociais, mesmo que estejamos nos referindo aos que ingressaram em cursos, altamente valorizados e seletivos, de instituições públicas de ensino superior. A preparação destes, por mais brilhante que tenha sido, não ocorreu, nos mesmos moldes, que a educação dos jovens herdeiros na França, conforme podemos perceber:

A educação dos jovens herdeiros de família rica se beneficia de uma homogeneidade sem falhas. Não é isso o que se passa com a maior parte das outras crianças cujos meios familiares e escolares, assim como suas expectativas em relação ao futuro profissional, não oferecem a mesma coerência, fonte de uma confiança em si e de uma serenidade que, talvez, seja uma das características dominantes das predisposições dos dominadores (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p.28).

No Brasil, houve também a contribuição da pesquisadora Nogueira (2010) que realizou um trabalho acerca de como famílias da camada média intelectualizada agem no processo de escolarização dos filhos. Um dado instigante que essa pesquisadora nos apresentou foi que entre as famílias de camadas médias intelectualizadas, famílias cujos pais são altamente diplomados e ocupam posições dominantes do sistema de ensino, estes demonstraram o quanto estão e estiveram dispostos a renunciar a satisfações próprias em prol de oportunidades culturais oferecidas aos filhos, como: participação em cursos livres ou aulas particulares de Inglês, viagens ao exterior em programas internacionais de intercâmbio, entre outros.

Notou-se que estratégias de excelência foram realizadas, tanto por parte desses pais como dos próprios jovens, no tocante à escolha dos estabelecimentos de ensino, utilização do capital de informações sobre o sistema educativo, formas de gestão da carreira escolar,

investimento de capital social e profissional paterno, estadias no exterior, todas elas foram produto de um planejamento que se inicia desde tenra idade, culminando no ingresso à UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Entretanto, não podemos dizer que o mesmo acontece entre as famílias que tiveram oportunidades culturais diferenciadas.

Nesse debate sobre as práticas educativas e estratégias familiares, trouxemos também algumas considerações importantes a partir do trabalho de Dília Glória (2007) que se debruçou sobre as trajetórias escolares das camadas médias em Belo Horizonte. Essa pesquisadora realizou uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias, procurando verificar a influência da estrutura e do tamanho da família, da ordem de nascimento e do gênero dos filhos de famílias de camadas médias no processo de escolarização desses. Segundo a autora:

Essa influência, todavia, pode ser mais ou menos significativa, ter um ou outro efeito, em função de aspectos tais como o grau do favorecimento socioeconômico da unidade familiar; o capital cultural possuído e transmitido pelos familiares; a disposição dos filhos em se apropriar da herança que lhes é transmitida; e a dinâmica interna de cada família, ou seja, a forma como são construídas e reconstruídas as relações em função da autoridade exercida, do lugar ocupado por cada um dos familiares (GLÓRIA, 2007, p.42).

Conforme Glória, as famílias das camadas médias têm na escola o elemento chave de seus projetos. No tocante às trajetórias dos sujeitos e a sua relação com a escolarização, indica-nos um elemento pertinente: o arranjo familiar. Para a autora “Ao se observar a trajetória escolar dos filhos dos entrevistados e as estratégias educativas das famílias, é possível identificar tanto aspectos comuns às diferentes estruturas familiares quanto aspectos que se diferenciam em função do tipo de arranjo familiar, se nuclear, monoparental ou recomposto” (p.75). Essa afirmativa remete-nos ao quanto diversificada pode ser uma mesma camada social e de como as famílias podem atuar na escolarização dos filhos face a esses aspectos.

Os resultados de sua pesquisa indicaram que, de um modo geral, o padrão de vida dos cônjuges e de seus filhos decresce quando a união conjugal se desfaz, o que acaba afetando a escolarização dos filhos. Na maioria das famílias investigadas, independente de sua estrutura, as mães atuam mais intensamente no acompanhamento escolar, o que corrobora com a literatura já apresentada nesse trabalho, mas foi percebido o apoio pedagógico de genitores masculinos aos filhos.

Percebeu-se também que os primogênitos apresentaram melhor desempenho escolar, favorecendo a compreensão de que a posição do filho na fratria pode estar vinculada à maior probabilidade do sucesso escolar. Esses acabam se constituindo, sob a ótica dos pais, certa referência para os demais irmãos, observou-se inclusive o auxílio a atividades escolares dos irmãos mais velhos aos mais novos.

Outro aspecto importante da análise de Glória (2007, p.258) referiu-se ao gênero. De acordo com essa pesquisadora “praticamente em todos os aspectos relativos à escolarização analisados, as jovens obtêm maior sucesso escolar que os filhos homens, cujo itinerário escolar mostra-se bem mais acidentado, com um número muito superior de reprovações”. Tais dados levam-nos a refletir acerca das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que estão concatenadas aos novos papéis que as mulheres desempenham na sociedade atual, seja ele escolar, profissional ou de outra natureza.

Destacou a ação parental no processo de escolarização dos filhos. Segundo ela, “[...] sobre a influência da estrutura familiar na escolarização dos filhos, a maior evidência consiste na importância da ação parental para que o processo de escolarização dos filhos leve ao sucesso desejado” (GLÓRIA, 2007, p. 254). Diz-nos ainda que nos casos de dificuldade familiar em assumir as despesas financeiras dos estudos dos filhos, observou-se que outros membros da parentela prestam a ajuda material para essa finalidade.

A autora concluiu também que em relação ao “tamanho da família”, “ressalta-se, sobretudo, o fato, já empiricamente comprovado, de que, quanto maior o número de filhos, menores as chances de sucesso escolar de cada um deles” (GLÓRIA, 2007, p.255). Daí a percepção de que há, cada vez mais, uma redução do número de filhos por família, principalmente entre os mais escolarizados e que possuem maior renda.

Sobre o sucesso escolar, inesperado ou estatisticamente improvável, nas camadas populares, Viana (1998) empreendeu seus esforços investigativos, buscando compreender o que tornou possível a longevidade escolar desses indivíduos, cujas possibilidades de ingressar no ensino superior eram bastante reduzidas.

Viana (1998) identificou, ao final de sua pesquisa, o que ela denominou de configurações singulares de longevidade escolar, foram elas: os sentidos atribuídos à escolarização pelas famílias e filhos-alunos e tipos de relações intersubjetivas e intergeracionais que se instalaram, mediados pelo sucesso escolar alcançado; disposições temporais dos sujeitos e suas famílias; modelos socializadores familiares; tipos de mobilização escolar familiar; referências exteriores ao núcleo familiar no sentido estrito.

Todos esses elementos encontram-se, de algum modo, relacionados ao sucesso escolar desses estudantes de camadas populares para os quais o sucesso parecia-lhes pouco provável.

Um estudo importante no cenário brasileiro, que se dedicou sobre o sucesso nas camadas populares, foi também o de Portes (2010). Uma das principais contribuições desse estudo, a nosso ver, consiste na noção de trabalho escolar por ele apresentada, pois está diretamente relacionada às estratégias familiares, conforme segue:

Todas aquelas ações - ocasionais ou precariamente organizadas - empreendidas pela família no sentido de assegurar a entrada e a permanência do filho no interior do sistema escolar, de modo a influenciar a trajetória escolar do mesmo, possibilitando a ele alcançar os níveis mais altos de escolaridade, como, por exemplo, ter acesso ao curso superior (PORTES, 2010, p.63).

Percebe-se no trabalho de Portes (2010) que as famílias dessas camadas sociais, a partir das condições materiais e não materiais que lhes foram possíveis, buscaram realizar um investimento na escolaridade dos filhos, que se configurou, a longo prazo, na inserção desses sujeitos no ensino superior público, em cursos altamente valorizados da Universidade Federal de Minas Gerais. É certo que tais inferências são feitas a partir dos dados apresentados por Portes e não consiste em uma regra geral para todas as realidades das camadas populares.

No conjunto de leituras por nós escolhido, encontramos também com estudiosos franceses a exemplo de Lahire (2004) em sua obra “Sucesso escolar nos meios populares – As razões do improvável”, na qual defende que as crianças, neste caso as francesas que foram analisadas, não reproduzem, direta e necessariamente, as formas de agir da família, mas também encontram sua própria modalidade de ação, de comportamento a partir das relações interativas das quais fazem parte.

Para Lahire (2004), as configurações familiares podem ser descritas, considerando-se as formas familiares da cultura escrita, as condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.

Muito embora Lahire tenha se debruçado a investigar o sucesso escolar de crianças dos meios populares e não, necessariamente, de jovens universitários e a atuação de suas famílias no tocante à escolarização, é inegável a contribuição do seu estudo na compreensão de como os sujeitos, mesmo aqueles para os quais as probabilidades de “sucesso” ou de

“fracasso” escolar estiveram mais fortemente delineadas, e, ainda assim, conseguiram construir percursos escolares distintos da maior parte da população de mesma origem social.

Segundo Lahire (2004), a omissão, negligência parental é um mito, construído principalmente pelos professores que ignoram as diferentes lógicas das configurações familiares. Os pais dos alunos, mesmo aqueles que apresentam certos comportamentos e desempenhos não tão satisfatórios, podem sim estar preocupados com a escolarização dos filhos, mas nem sempre conseguem expressar esse sentido e atender às expectativas da escola.

Em seu estudo, observou que quase todos os pais, independente da situação escolar das crianças, reconhecem a importância da escola e desejam para os filhos expectativas de uma vida melhor do que a realidade por eles enfrentada. Lahire leva-nos à seguinte reflexão: “Se é importante reconstruir as disposições sociais dos adultos (e principalmente dos pais), podemos nos perguntar o que “é transmitido” concretamente através das relações pais-filhos” (LAHIRE, 2004, p.339).

As mães, ou, menos frequentemente, os pais são os sujeitos que acompanham a escolarização dos filhos: controle de tarefas, algumas explicações, compra de cadernos de exercícios para as férias, orientação para que os filhos repitam, em voz alta, as lições, cuidados com o horário de dormir, saídas de casa e amizades, correção punitiva por conta de resultados ruins nas provas escolares, alguns pais participam da “vida escolar”: reuniões, conselhos de pais de alunos, festas, excursões às montanhas, [...] elementos que não significariam, necessariamente, as causas do sucesso dessas crianças, mas que certamente ocupam um lugar importante neste processo.

Lahire (2004) alerta-nos para que não tenhamos uma visão ingênua e superficial de que a simples participação dos pais na vida escolar poderia transformar as coisas no tocante ao desempenho das crianças. Pensar, a essa maneira, seria reduzir a compreensão do “sucesso escolar” como produto resultante apenas de uma melhor relação entre a família e a rotina da escola, desconsiderando outras relações sociais que cada sujeito constrói em sua trajetória.

Ao tratar sobre as modalidades da transmissão, em específico sobre o tempo e as oportunidades de socialização que as famílias investigadas possuíam, Lahire (2004, p.338) considera que “a herança cultural nem sempre chega a encontrar as condições adequadas para que o herdeiro herde”, isto significa, segundo ele, que:

[...] com efeito, a simples existência objetiva de um capital cultural ou de disposições culturais no seio de uma configuração familiar não nos diz nada

acerca das maneiras, das formas de relações sociais, a frequência das relações, etc., através das quais eles se “transmitem” ou não se “transmitem” (LAHIRE, 2004, p.338).

Em que pesem as contribuições e limites desse estudo, é preciso que não vislumbremos a questão da transmissão cultural como algo dado, posto entre aqueles que detêm esse capital ou como algo totalmente ausente no meio dos que a organização parental encontra-se mais marcada por certas limitações, afinal o processo de “transmissão” cultural não se dá, nos mesmos moldes, que a transmissão material. Lahire (2004) adverte-nos:

[...] mesmo nas mais formais situações de aprendizagem (por exemplo, as situações escolares), o que o adulto julga “transmitir” nunca é exatamente aquilo que é “recebido” pelas crianças. Os horizontes se revelam diferentes sob muitos aspectos [...] Assim, a noção de “transmissão” não explica muito bem o trabalho – de apropriação e de construção – efetuado pelo aprendiz ou pelo herdeiro (LAHIRE, 2004, p.341).

Somos sujeitos que também aprendemos, construímos disposições, conhecimentos e habilidades em situações organizadas, não conscientemente, por nossos pares, sem que tenha existido uma “transmissão” forçada daquele conhecimento.

Em sua pesquisa, Lahire (2004) identificou famílias diversas. Encontrou famílias, providas de um patrimônio cultural morto, isto é, cujos objetos culturais estavam presentes no seio familiar materialmente, mas que as crianças permaneciam deles privadas, pois os membros da família não mobilizavam o uso desse capital nem demonstravam a sua utilidade. Em contrapartida, encontrou famílias cujos pais não liam, mas desempenhavam um papel mediador entre a cultura escrita e os filhos.

Conforme Lahire (2004), “fazem com que eles leiam e escrevam histórias, fazem-lhes perguntas sobre o que estão lendo, lêem para eles histórias desde pequenos, levam-nos à biblioteca municipal, jogam palavras cruzadas com eles, etc...” (p.343). Para ele, não há “um vínculo mecânico e direto entre grau de “sucesso” escolar dos filhos e grau de escolarização dos pais” (LAHIRE, 2004, p.345), o que implica afirmar que a lógica: maior grau de escolaridade dos pais, conseqüentemente, filhos muito bem sucedidos na escola, nem sempre é verdadeira.

Lahire (2004, p.345) defende que para as crianças, em se tratando da escolaridade, é melhor ter pais desprovidos de capital escolar do que possuir pais que tenham sofrido na escola e que dela “conservem angústias, vergonhas, complexos, remorsos, traumas ou

bloqueios. Na incapacidade de ajudar os filhos, os pais sem capital escolar também não tendem a comunicar-lhes uma relação dolorosa com a escola e a escrita”.

Essa afirmativa faz-nos pensar nas crianças cujos pais encontram-se distantes do mundo escolar, sem, no entanto, estarem imobilizados a contribuírem para o sucesso escolar dos filhos. Ao mesmo tempo refletimos acerca das crianças cujos pais detiveram com eles experiências negativas do ambiente escolar, e, que, por vezes, acabam transmitindo aos filhos este sentido da escola. São situações diversas e que não devem ser desconsideradas na análise de uma trajetória escolar.

Embora saibamos que tais pesquisadores tenham tratado de realidades específicas, o conjunto de dados e reflexões, ao qual nos apresentou, constituiu-se como uma grande contribuição na elaboração deste trabalho. Depreende-se, portanto, que cada família age de acordo com as ferramentas das quais dispõe, precárias ou as mais elaboradas e é neste contexto de desigualdades e possibilidades que efetuam o trabalho escolar, as ações, práticas educativas ou estratégias familiares, que lhe são possíveis, seja a fim de alcançar mobilidade mediante a educação, seja para perpetuar posições sociais que já lhe pertencem.

Acreditamos, portanto, que as famílias, ao longo da escolarização dos filhos, fazem usos táticos e/ou estratégicos a fim de que suas ações, práticas educativas tornem-se mais favoráveis ao sucesso escolar. Nesse movimento, apresentamos a seguir algumas reflexões em torno dos conceitos de táticas e estratégias, segundo Certeau, e de estratégia, conforme Bourdieu, os quais consideramos relevantes na compreensão do nosso objeto de estudo.

1.2 ENTRE TÁTICAS E ESTRATÉGIAS

Na compreensão do prolongamento escolar dos jovens universitários da Universidade Federal de Sergipe bem como do lugar ocupado por suas famílias nesse processo, fizemos uso dos conceitos de estratégias e táticas, segundo Certeau (1994) e de estratégia para Bourdieu (1997, 1998), pois nos permitiram um maior entendimento acerca da atuação familiar, quer quando essas fazem usos estratégicos quer táticos no tocante à escolarização dos filhos, desde a educação básica ao ensino superior.

Em seu estudo “A invenção do Cotidiano” que consistiu em sugerir maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores, Certeau (1994) nos apresentou aos conceitos de estratégias e táticas, demonstrando-nos o quanto estão imersas na vida social. As

estratégias estão nas mãos do dominador e as táticas nas do dominado. Para Certeau, compreende-se por estratégia:

[...] O cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc) [...] o lugar do poder e do querer próprios (CERTEAU, 1994, p.99).

Aqueles que detêm o poder e se utilizam das estratégias podem capitalizar vantagens conquistadas, encontram-se melhor preparados para expansões vindouras e adquirem certa independência diante das circunstâncias. Além disso, conforme Certeau (1994), possuem um domínio dos lugares pela vista que lhes permitem transformar as forças estranhas em objetos que podem ser observados e medidos e também o poder do saber, “aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio [...] Noutras palavras, um poder é a preliminar deste saber e não apenas o seu efeito ou seu atributo” (p.100). Nossos sujeitos da pesquisa fizeram, fazem ou não fazem uso dessas estratégias? Na produção dos dados teremos essa compreensão.

De outro lado, temos a tática, considerada como a arte do fraco. Esclareça-se, no entanto, que ele não é fraco, porque fraco em si, mas no jogo de relações. Para Certeau, entende-se por tática:

[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria (CERTEAU, 1994, p.100).

Os sujeitos que se utilizam das táticas movimentam-se no interior do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado. Certeau esclarece ainda sobre a tática que:

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar

no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 1994, p.100-101).

Frente às desigualdades educacionais que vive nossa sociedade, mesmo em uma época que se caminha para uma democratização escolar cada vez mais intensa, acreditamos que muitas famílias fazem uso de táticas, que lhes possibilitam maiores probabilidades no prolongamento escolar dos filhos.

São nas brechas, muitas vezes, que se operam ações, criam-se oportunidades e se alteram percursos, nesse caso, escolares, principalmente quando se trata dos estudantes da rede pública de ensino que, em sua maior parte, é constituída por famílias com menor poder aquisitivo, mas que, por sua vez, buscam formas de garantir a escola pública que melhor assegure uma educação escolar de qualidade para seu filho, escolas de ensino integral, aquelas que ofertam pré-vestibulares, enfim, instituições que aumentem as chances do sucesso escolar de seus herdeiros.

Em contrapartida, há famílias para as quais o acesso ao ensino superior público é um destino praticamente certo, sob o ponto de vista das condições que possuem, quer materiais ou imateriais, assegurando aos filhos uma educação básica de qualidade elevada e, conseqüentemente, um acesso ao ensino superior público sem o enfrentamento de tantos percalços tal como ocorre em alguns contextos sociais.

Nesse contexto de discussão sobre a atuação da família nos percursos escolares dos filhos, consideramos relevante nos reportarmos à compreensão de estratégia segundo Bourdieu, uma vez que essa pesquisa se debruçou sobre as estratégias familiares no processo de escolarização dos filhos. Essas são compreendidas sob o seguinte prisma: “invenção permanente, indispensável para se adaptar a situações indefinidamente variáveis, jamais perfeitamente idênticas” (BOURDIEU, 1987, apud ROMANELLI, 2010, p.105). Nogueira (2010) situa tal conceito em sua obra:

Não como produto inevitável de um cálculo custo-benefício, mas tampouco como um mero resultado do acaso. Se certas ações podem ser frutos de decisões explícitas e racionais, outras decorrem do processo de interiorização das regras do jogo social que revelam a intuição prática (O “sens du jeu”) que marca o bom jogador, o estrategista (NOGUEIRA, 2010, p.128).

Por isso, consideramos relevante nos reportar aos conceitos de estratégias e táticas, apresentados por Michel de Certeau, e ao de estratégias, segundo Bourdieu, pois são válidos para uma melhor compreensão do nosso objeto de pesquisa no contexto de suas práticas, aquelas que as famílias fazem uso no prolongamento da escolarização de seus filhos, ontem alunos da educação básica, hoje estudantes universitários.

Ao longo desse capítulo, apresentamos algumas discussões em torno da relação família e escola, indicando o quanto essa é diversa, necessária e passível de transformações e compartilhamos os conceitos de táticas e estratégias, segundo Certeau e Bourdieu, que foram importantes para esse estudo. Nesse contexto, não poderíamos deixar de situar o quanto tem se diversificado também a Universidade, afinal todas essas instituições fazem parte dessa conjuntura social em constante movimento.

É essa Universidade, em processo de transformação contínuo, que tem recebido os filhos das famílias aqui investigadas. Sob essa análise, não podemos esquecer que o acesso à universidade tem sofrido intensas mudanças, reflexo das transformações sociais que vivenciamos nas últimas décadas.

Nesse movimento, o perfil do estudante universitário tem se diversificado e, portanto, a universidade agora é formada por universitários pertencentes à camada popular, média: intelectualizada, “elite escolar”, ou não, e pela elite financeira/econômica, o que implica na necessidade de um olhar mais sensível, atento a essa “miscigenação” de famílias, de trabalhos escolares, de práticas educativas, de estratégias, táticas, que têm garantido o prolongamento escolar desses estudantes. Vislumbremos como vêm sendo percebidas tais transformações.

1.3 A UNIVERSIDADE, OS JOVENS E AS FAMÍLIAS: ENTRE TRANSFORMAÇÕES E POSSIBILIDADES

Partindo do pressuposto que temos como foco no nosso trabalho, investigar o papel das famílias no prolongamento da escolarização dos filhos em direção ao Ensino Superior, consideramos relevante e necessário observar que essa educação superior passou por mudanças, que geram não somente transformações no perfil clássico dos estudantes, mas também impulsiona um conjunto de políticas que podem informar, influenciar, induzir as ações de famílias quanto a esse prolongamento e levar para o Ensino Superior um quantitativo

de estudantes que não teve, no tempo previsto, a possibilidade de bem compreender o que é a Universidade.

Por isso, nesse espaço, apresentamos algumas discussões em torno de tais transformações, situando as cotas, mudanças no ensino superior, fragilidade da educação básica, o ofício do estudante universitário, as características do público que vem tendo acesso à educação superior em nosso país, entre outras questões.

No cerne das discussões em torno das Universidades em nosso país, Carrano (2009) considera que estas têm tido seu público cada vez mais diversificado. Ele inferiu que o significado de ser um estudante universitário altera-se, exigindo um olhar investigativo mais minucioso para compreendermos melhor essas mudanças:

[...] a universidade brasileira não é mais somente o lugar das classes médias e das elites intelectuais. Há maior diversificação de públicos e a expansão do ensino superior público e privado, com o ingresso de novos sujeitos de classe, raça e gênero, provocou fenômenos sociais de um novo tipo que precisam ser considerados para entender o que significa ser estudante universitário hoje (CARRANO, 2009, p.180).

Paula³ (apud SPÓSITO, BRENNER, MORAES, 2009) abordou, em seu trabalho, questões relacionadas ao ingresso na universidade daqueles cujos pais são provenientes de camadas populares e com pouca escolaridade. Demonstra-nos que embora as “heranças” social e cultural indiquem grandes probabilidades de os filhos manterem-se com níveis de escolaridade mais baixos, esses conseguem contradizer as estatísticas.

Tal discussão remete-nos ao entendimento de que o grau de escolaridade da família não se configura como elemento decisivo no prolongamento escolar dos filhos. Pais com baixa escolaridade podem ter filhos universitários, do mesmo modo que pais com elevada escolaridade podem vir a ter filhos com menor nível de escolaridade.

Spósito et al. (2009, p.183) afirmam que o ingresso desse grupo de estudantes na universidade é, muitas vezes, atribuído à infraestrutura oferecida pela universidade a exemplo de moradia, alimentação, entre outros. Com isso, tais autores problematizam que para esses universitários terem ingressado no ensino superior, os mecanismos, oferecidos pela Instituição, com o intuito de contribuir para a permanência desse grupo no mundo acadêmico,

³ Para conhecer, mais profundamente, ver a obra:

PAULA, Lucília Augusta Lino de. **O movimento estudantil na UFRuralRJ: memórias e exemplaridade**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

configuraram-se como elementos importantes neste acesso. Vale salientar que compreendemos o acesso e a permanência na universidade como processos interdependentes, pois um só ocorre, efetivamente, em decorrência do outro.

Discutindo sobre o acesso ao ensino superior, no cenário brasileiro, é relevante atentarmos-nos que, nas últimas décadas, houve uma expansão tanto na oferta da educação básica como do ensino superior. Entretanto, este último foi fortalecido, principalmente, no setor privado.

Conforme o Censo da Educação Superior Brasileira (INEP, 2011), de um total de 2.365 instituições de ensino superior, que participaram dessa pesquisa, 88% são privadas e 12% públicas, sendo 4,7% estaduais, 4,3% federais e 3% municipais. No tocante à oferta de matrícula, concluiu-se que em 2011, na modalidade presencial, a categoria privada foi responsável pela oferta de 68,1% dos cursos de graduação, seguida pelas categorias federal (18,2%), estadual (11,1%) e municipal (2,6%).

Quando se trata da distribuição dessas instituições por região geográfica, os dados apontam uma desigualdade gritante: praticamente metade das IES (48,9%) está localizada na região Sudeste e a outra metade apresenta a seguinte distribuição: 18,3% no Nordeste, 16,5% no Sul, 9,9% no Centro-Oeste e 6,4% no Norte. Dados que revelam um aumento desigual na oferta do ensino superior brasileiro. São, portanto, nessas instituições que os filhos de diversas famílias brasileiras vêm tendo acesso ao ensino superior, entre desigualdades e possibilidades.

Tal afirmativa corrobora com o que nos indica Cruz (2012), quando aborda sobre a expansão do ensino superior: “É verdade que a universidade pública se expandiu no período compreendido entre 1930-70, mas, desse período até os dias atuais, as políticas mercantilistas têm fortalecido o ensino superior no setor privado” (CRUZ, 2012, p.278).

Pensando sob esse prisma, podemos inferir que se as políticas mercantilistas têm investido mais no ensino superior privado. Esse movimento faz com que a disputa por vagas no ensino superior público seja, cada vez mais, acirrada e valorizada socialmente. Desse modo, as famílias, cujos filhos ingressam no ensino superior público, produzem um sentido significativo dessa conquista, ou diríamos destino escolar, pois enquanto para algumas podem representar o sucesso previsto, para outras, são resultados improváveis.

É bom salientar que há um elevado percentual de jovens em busca das universidades públicas, pois além de serem instituições gratuitas, são consideradas referências de qualidade de ensino. Sobre a realidade sergipana, Silva (2007) indica-nos que em 2006, no vestibular da UFS, o número de inscritos provenientes de escolas públicas foi superior ao dos egressos de escolas particulares, entretanto os dados apontam que 58% dos aprovados são originários do

setor privado. Quais elementos têm levado a esta configuração? Trata-se de uma questão a ser pensada.

Prosseguindo no debate acerca das Universidades, de como essas e seus usuários têm se diversificado, foi que nos propusemos a situar também as relações entre trabalho e educação, observando o que nos dizem alguns autores.

Sampaio e Cardoso (2003, p.5), ao discutirem sobre as relações entre trabalho, carreiras e instituições em um estudo sobre os Estudantes Universitários e o Trabalho, referem-se à universidade como um espaço diverso seja por seu público, localização ou mesmo pela dinâmica dos diferentes cursos que nela existem, traçando, também, um paralelo com a questão do trabalho que se apresenta como maior ou menor dificuldade para os estudantes, a depender da organização pedagógica e institucional do curso ao qual estejam vinculados:

A universidade, como se sabe, não é homogênea. As exigências de cada curso são distintas. Alguns funcionam em período integral e supõem total dedicação, outros têm carga horária menor e podem ser diurnos ou noturnos. Também a avaliação do aprendizado varia entre instituições e cursos, utilizando critérios mais rígidos ou mais frouxos. As instituições privadas estabelecem mensalidades muito diversas, mesmo quando comparamos os mesmos cursos. Estão também muito dispersas no espaço urbano, tornando-se mais acessíveis para alguns estudantes e mais distantes para outros. Considerando a heterogeneidade desse sistema de ensino superior, é evidente que a combinação do estudo com o trabalho depende das facilidades ou dificuldades que cada carreira impõe. O percentual de estudantes que trabalham nas instituições públicas é equivalente ao de estudantes não trabalhadores das instituições privadas. Ou seja, 33,2% dos estudantes das públicas trabalham contra 66,9% nessa situação no setor privado (SAMPAIO, CARDOSO, 2003, p.5).

Buscando outra perspectiva, Vargas (2008), em sua dissertação intitulada ‘Ensino Superior, Assistência Estudantil e Mercado de Trabalho: um estudo com egressos da UFMG’, buscou investigar sobre a inserção profissional dos estudantes, pertencentes às camadas populares que obtiveram sucesso no ingresso, permanência e conclusão do curso superior na Universidade Federal de Minas Gerais.

Além de socializar um riquíssimo estudo da literatura que trata sobre este tema, atrai o interesse de pesquisadores em mergulhar neste campo de investigação, que além de ser repleto de inquietações, também é fonte de prazer. Aproveitando a discussão que a autora apresenta-nos, compartilhamos alguns dados que retratam sobre o perfil dos estudantes de

graduação das Instituições Federais de Ensino Superior, obtidos mediante a realização da Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das IFES Brasileiras pelo FONAPRACE (Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis):

Mais recentemente, entre os anos de 2003 e 2004, nova pesquisa foi realizada, quando, a partir de um universo de 483.768 estudantes matriculados em 47 IFES, foram entrevistados 38.340 graduandos. Participaram da pesquisa 47 das 53 IFES existentes até então. Segundo os dados coletados, contingente expressivo de universitários (65%) necessita de algum tipo de apoio institucional para assegurar sua permanência nos cursos até a conclusão dos estudos. Pertencentes às classes denominadas na pesquisa B2, C, D e E, esses estudantes têm renda familiar mensal média variando de R\$ 207,00 a R\$ 1.669,00. Destes, 48,2% se encontram nas faixas salariais mais baixas, portanto, em situação de “vulnerabilidade social”. Contribuem de alguma forma para a manutenção econômica de suas famílias 44% dos estudantes, sendo que as classes C, D e E apresentam o maior percentual de estudantes que são arrimo de família ou trabalham e contribuem para as despesas familiares (21,8%). Entre os universitários da classe A, este número é de apenas 4,5% (VARGAS, 2008, p.67 - 68).

Esta pesquisa nos mostrou que não podemos negar as características desse novo público, que ingressa nas universidades públicas, precisamos antes reconhecer esses estudantes como sujeitos para os quais políticas públicas devem ser pensadas e aprimoradas, de modo que possam ter melhores condições de permanência na academia, vivenciando efetivamente esta fase de sua formação.

Sobre a relação estudante e família, Vargas (2008) indicou-nos que quase metade dos universitários contribui para a manutenção econômica das famílias, o que nos permite refletir acerca do papel que tanto as famílias desempenham, ao manter os estudantes universitários materialmente, como vários estudantes contribuem para a sobrevivência de suas famílias, uma relação de interdependência que não deve ser desprezada.

É preciso que reconheçamos o quanto nossas Universidades sofreram intensas mudanças nas últimas décadas. Em se tratando do espaço físico, vemos, constantemente, diversos campus universitários públicos sendo ampliados, a exemplo da Universidade Federal de Sergipe.

Novos cursos surgem, eleva-se o quantitativo de vagas nas universidades, quer públicas ou privadas, que, cada vez mais, estão interiorizando-se, tanto na modalidade presencial quanto à distância. Com essas transformações, o público diversifica-se: jovens,

adultos, idosos de diferentes localidades e camadas sociais ingressam no ensino superior. Todas essas mudanças são resultantes do REUNI, um Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

Com a presença desse público plural, políticas públicas precisam ser implementadas. Estejamos, porém, alertas para que não haja somente a expansão do ensino superior e sim a sua democratização, pois são processos distintos. As políticas de assistência estudantil que representam, dentre outras medidas, no acesso ao Restaurante Universitário (RESUN), bolsas trabalho, de pesquisa, residência universitária [...] representam, certamente, uma dessas iniciativas que tem contribuído para a permanência dos estudantes na Universidade.

Nesse debate, consideramos relevante apresentar algumas discussões em torno das cotas, fenômeno que tem ocorrido na realidade brasileira e gerado intensos debates. O cenário da Universidade Federal Sergipana e de muitas outras instituições de ensino superior tem vivenciado este processo, nitidamente, nos últimos anos. Lancemos, portanto, nosso olhar sobre o sistema de cotas nas universidades brasileiras, pois, mediante esse mecanismo, famílias de diferentes origens sociais têm visto seus filhos ingressarem no ensino superior.

A fim de melhor compreendermos a implantação do Sistema de Cotas no contexto da Universidade Federal de Sergipe, datada em 2010, e das implicações que esta política pública produziu no processo de ingresso à universidade pública, foi que sentimos a necessidade de trazermos a este debate a produção de Meneses (2010), que trata sobre algumas dessas questões, uma vez que boa parte dos sujeitos contemplados por esta política pública é estudante proveniente do ensino médio público e se constitui também como sujeito dessa pesquisa. Vale salientar que as cotas contemplam também os estudantes por origem social, etnia e deficiência.

Meneses (2010) apresenta-nos que a oferta de ensino superior no Brasil sempre foi menor que a demanda, desde tempos mais remotos. Cita que o acesso a esse nível no passado deu-se, quase exclusivamente, pela elite, prova disso foram os bacharéis em Direito e médicos cujas origens sociais evidenciam tal fenômeno. Todavia, traz-nos questões que apontam mudanças nesse sentido. Ele afirma:

Contudo, ao longo das últimas décadas, o ensino superior tem deixado de ser apenas uma desejável aspiração da maioria e passou a ser realidade na vida de milhares e até de milhões de brasileiros. Cresceu muito a oferta de vagas no ensino superior público e agigantaram-se as vagas no ensino superior privado, sobretudo nas duas últimas décadas. Nos últimos cinco anos os brasileiros têm assistido a um incremento no número de vagas no ensino

superior público nunca visto na história da República. Foram criadas universidades e as antigas criaram cursos, dobrando, em muitos casos, o número de vagas oferecido por essas instituições (MENESES, 2010, p.363).

Muito embora o acesso ao ensino superior tenha sido ampliado, alguns grupos mais pobres da população e, no interior destes, as chamadas minorias étnicas continuavam excluídos, na Universidade Pública, de cursos mais elitizados, com maior prestígio social, ocasionando uma desigualdade social na ocupação dessas vagas.

Sobre esse dado, Meneses (2010, p.365) coloca: “Foi para o atendimento dessas áreas que medidas foram implementadas visando ao acolhimento desses estudantes nos processos seletivos (vestibulares)”. Ainda tratando sobre as características do Sistema de Cotas, implantado nas Universidades Públicas Brasileiras, ele faz a seguinte assertiva:

O sistema de cotas implantado nas universidades públicas brasileiras, mesmo com diferença entre elas, mantém certa harmonia, na medida em que busca atender aos estudantes pobres de uma forma geral e os grupos étnicos, formados por negros, pardos e índios. Os modelos estabelecem, quase sempre, cotas sociais, tentando alcançar os pobres de uma forma geral, e cotas étnicas, tentando alcançar os negros, pardos e índios (MENESES, 2010, p.367).

Menezes (2010) expõe-nos que os defensores do Sistema de Cotas argumentam que o acesso aos cursos mais seletivos: Direito, Odontologia, Medicina, Psicologia e a área de Engenharia, só pode ocorrer, plenamente, mediante as ações afirmativas. No tocante a esta visão, afirma: “Concordo plenamente com tal alegação, contudo, mais uma vez, é preciso ter cuidado com a generalização do problema, sobretudo, daqueles que teimam em esquecer que as dificuldades de acesso envolvem muito mais variáveis e que elas também precisam ser atacadas” (p.371). O que está em “xeque” não é a (in) viabilidade do sistema de cotas, mas que outros elementos, e, entre estes, a oferta com qualidade da educação básica, necessitam ser repensados, revistos, pois de outro modo:

[...] por mais que esse sistema viabilize o acesso a esses cursos, as escolas públicas continuarão as suas trajetórias de fracasso em relação ao ensino-aprendizagem, jogando no mercado – como alunos concluintes do ensino médio – indivíduos completamente despreparados, mesmo que se considere a oportunidade das vagas oferecidas pelo novo modelo (MENESES, 2010, p.372).

Eis uma questão angustiante para as famílias, os estudantes e a universidade. Meneses (2010) permite-nos à seguinte reflexão: não nos será favorável termos tantas vagas e cursos no ensino superior, se as nossas escolas da educação básica, públicas, continuarem fracassando no processo ensino-aprendizagem, pois o topo da escolarização está sendo planejado, mas ainda há muito a se fazer pela educação de base dos nossos brasileiros.

Costa et al. (2013) já havia nos sinalizado, em seu estudo, que muitos pais encontram-se insatisfeitos com o ensino público, ofertado aos filhos, o que lhes causa pesar e revolta. Essa realidade incomoda-nos, porque demonstra que nossa geração parece ter mais, quando, às vezes, se tem bem menos que antes. As raízes da educação de base do nosso país precisam ser, urgentemente, revistas, repensadas e aprimoradas.

O trabalho de Meneses (2010) ajuda-nos também a melhor compreendermos o sistema de cotas nas universidades públicas, como uma política marcada pela legalidade e legitimidade, cujo objetivo central é proporcionar um acesso mais igualitário, menos desigual, ao ensino superior, mas que certamente precisa ser debatido e repensado a partir das lacunas nele existentes e das do próprio sistema de oferta da educação básica brasileira.

Nesse sentido, compreende-se que, em virtude da diversificação do público que a universidade tem recebido, cada vez mais, temos estudantes com demandas que ora se aproximam ora se distanciam, apresentando, contudo, uma característica em comum: sua condição de estudante universitário. Vejamos o que nos expõe Coulon (2008) sobre esse processo.

As discussões teóricas no tocante ao estudante e sua condição universitária têm repercutido também no cenário internacional, prova disso é o estudo elaborado por Alain Coulon, produzido com estudantes da Universidade Paris 8 da qual é professor, sobre “A Condição de Estudante, a entrada na vida universitária” (2008), onde abordou sobre as relações que os estudantes estabelecem com o saber, a instituição, o outro e consigo, apontando a necessidade de aprenderem o ofício de estudante universitário para tornarem-se verdadeiramente universitários.

Coulon (2008) compreende a “entrada na vida universitária” em três principais momentos: o Tempo do Estranhamento em que os jovens são confrontados com novas regras, relações, exigências, inclusive com os saberes; o Tempo da Aprendizagem, tempo este de compreender as regras, de lê-las para além do prescrito, o que permite aos aprendizes terem estratégias de permanência; e, por fim, o Tempo da Afiliação: momento de se utilizar das regras, adequar seu comportamento às expectativas da instituição, tirar partido da distância

existente entre a regra escrita e a regra posta em execução e a dominarem as exigências intelectuais necessárias para constituírem-se como estudantes competentes.

Tal como aborda Coulon (2008), Zago (2006) também compartilha da ideia de que nas primeiras fases do curso superior os estudantes sentem certas dificuldades. Para o primeiro, este período é denominado como o Tempo do Estranhamento e para o segundo é nesta fase que os estudantes sentem os efeitos da exclusão do conhecimento, ou seja, experienciam na Universidade situações advindas das fragilidades da educação básica a que tiveram acesso.

Algo interessante colocado por Coulon (2008) é que “Seja qual for seu país, a primeira tarefa a ser cumprida por quem ingressa na universidade será aprender seu ofício de estudante universitário” (p.10). O que seria, então, esse ofício? Para além do ingresso no espaço universitário, há uma clara necessidade de o indivíduo constituir-se como um estudante de responsabilidades. Vislumbremos o que ele nos apresenta sobre este ofício:

‘Tornam-se estudantes profissionais’ [...] Este conselho deve ser escutado como: ‘Considere seu novo status de estudante como uma nova profissão que vocês irão exercer. O que significa não apenas que devem consagrar a ela um tempo significativo de suas vidas mediante, mas que é necessário, antes que qualquer coisa, começar a aprender, a dominar suas ferramentas, a identificar e aprender suas regras (COULON, 2008, p.36-37).

É nesse contexto de mudanças que estão inseridos os jovens. Estes transitam de sua condição de aluno da educação básica para a de estudante universitário, o que lhes exige novas responsabilidades, permite-lhes aprendizagens e também desafios. Acreditamos, neste sentido, que suas famílias não estão à mercê dessa etapa da vida dos filhos e que, a partir das condições que lhes foram possíveis, podem contribuir no processo de escolarização deles, mesmo quando esse vai elevando-se.

Nesse sentido, procuramos, a partir de um conjunto de leituras, descortinar a relação família-escola, tão forte e presente na contemporaneidade e desmistificamos certos preconceitos que se instituem sobre ela. Ao mesmo tempo em que buscamos situar como as universidades brasileiras vêm se transformando, uma vez que recebem os filhos das famílias investigadas, que são, cada vez mais, plurais.

Este capítulo representou, portanto, apenas o começo desse processo de reflexão e emergiu na tentativa de demonstrar o quanto nos é necessário aprofundar as investigações nesse campo de análise, afinal tratou-se de estudar a escolarização e estratégias familiares nos

percursos de jovens sergipanos que têm ingressado na Universidade Federal de Sergipe, espaço que na última década tem enfrentado intensas mudanças.

No próximo capítulo, conheceremos algumas características dos jovens universitários da UFS e suas famílias e, mais especificamente, alguns aspectos relacionados às trajetórias escolares dos estudantes do Centro de Educação e Ciências Humanas e do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde bem como o lugar de suas famílias nesse processo, elementos que, agregados, nos possibilitaram reflexões e novas indagações no tocante à relação família e escolarização, desde os percursos escolares da educação básica até os do ensino superior. Permitamo-nos conhecer tais realidades.

CAPÍTULO 2 - FAMÍLIAS E ESCOLARIZAÇÃO ENTRE JOVENS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: um encontro com os “filhos”

Olhares, sorrisos, desconfiança, afago, cooperação, amizade, gratidão, descobertas, encontros e desencontros, todos esses elementos estiveram presentes na fase de coleta de dados: momento importante e especial desta pesquisa.

A Universidade Federal de Sergipe foi o terreno sobre o qual transitamos nessa primeira fase da pesquisa de campo. Uma parcela significativa de estudantes universitários, pertencente a diferentes períodos e vinculada a diversos cursos, participou dessa pesquisa ao ser convidada, respondendo um questionário, contendo perguntas, em sua maioria, fechadas, e algumas abertas a fim de que pudéssemos traçar o perfil de jovens universitários e de suas famílias.

Desses momentos, vale compartilhar algumas singularidades percebidas nesta fase investigativa. Alguns estudantes, após responderem o questionário compartilhavam conosco “nunca havia parado para pensar nisto. Interessante”, o que demonstrou ter sido este um espaço de reflexão para os estudantes acerca do seu percurso escolar e do lugar da família nesse processo.

Outra situação instigante foi o interesse de uma parcela dos jovens em contribuir convidando e, ao mesmo tempo, convocando amigos que chegavam ao local para participarem da pesquisa, diziam “Olhem, sentem aqui, respondam esse questionário para ajudar a colega na pesquisa do Mestrado” e, facilmente, eles colaboravam, vínculos que verdadeiramente fazem toda a diferença no ambiente universitário. Encontros... Laços que surgem. Mas é certo que em toda pesquisa surgem dificuldades e nós precisamos de maturidade acadêmica para lidar com os desafios que nos são impostos cotidianamente.

Compartilhamos, a seguir, questionamentos que estudantes fizeram-nos acerca da pergunta que tratava do acompanhamento escolar realizado ou não pela família. Alguns alegaram que os familiares não o realizavam necessariamente, quando estudantes da educação básica, mas hoje, a partir da formação acadêmica que obtiveram, compreendem algumas das razões pelas quais a família não atuava como “deveria”, a exemplo de quando um deles disse à mãe que iria fazer o vestibular e ela se preocupou a tal ponto de onde a filha iria ficar se passasse na seleção e expressou-se: “Vai dar trabalho aos outros, minha filha? Morar na casa do povo não dá certo. Como é que vai ser?”.

Questionaram-nos se deveriam ou não mencionar essas situações, solicitamos que avaliassem essa relação, à época, mas que registrassem esses esclarecimentos. Dito de outro modo, parte dos estudantes demonstrava a necessidade de justificar a não atuação da família em um determinado período de sua escolarização, buscando apontar-nos que este não representou um fator negativo no processo escolar. Acreditamos que este é um espaço no qual podemos pensar sobre as estratégias individuais que foram/são delineadas também pelos estudantes, ao longo de sua formação, que tenham contribuído para o sucesso escolar.

Sabemos que esta é uma realidade presente entre nós, muitas famílias convivem com as angústias de como será a permanência dos filhos na universidade, preocupação que rodeia muitas mentes desde cedo, outras mais tardiamente, pois sabem, ao seu modo, que para se tornar um estudante universitário não basta apenas ser aprovado no vestibular.

Na trajetória dessa estudante, que socializou conosco essa experiência, não foi diferente, ela conseguiu ser aprovada e hoje mora em residência universitária, indo visitar a família em cidade do interior sergipano sempre que lhe é possível. Aqui percebemos também o quanto são importantes medidas governamentais que contribuem para a permanência dos estudantes na universidade.

O momento da pesquisa permitiu-nos perceber também o interesse de alguns estudantes pelo Mestrado, uma vez que aproveitavam aquele encontro para se inteirarem acerca das exigências necessárias para o ingresso nessa fase de formação, percebendo que o acesso a esta é possível e não se encontra distante da realidade universitária.

A seguir, apresentamos alguns dados gerais da amostra de estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe (Campus São Cristóvão-Se e Aracaju-Se) que participou desta pesquisa, respondendo um questionário cuja finalidade central foi traçar o perfil deles e de suas famílias, uma vez que estamos nos debruçando a investigar o papel que as famílias podem ou não ter desempenhado no processo de escolarização dos filhos, considerando desde a educação básica ao ensino superior.

2.1 PERFIL GERAL DAS FAMÍLIAS E DOS JOVENS DA UFS

Discorrer sobre o perfil das famílias e dos jovens da Universidade Federal de Sergipe proporciona-nos compreender que se trata de famílias e jovens de uma realidade específica, a sergipana, o que nos remete a Charlot (2006) em sua obra “Jovens de Sergipe: como são eles,

como vivem, o que pensam”. Ele nos possibilita um panorama da juventude sergipana; segundo dados, obtidos nessa pesquisa, 87% dessa juventude pertence às classes C, D e E e há um percentual de jovens moças maior que o dos rapazes.

Uma questão que muito nos inquietou foi o fato de haver a mesma porcentagem de jovens analfabetos e jovens com nível superior – apenas 6%. Vale salientar que por ter sido esta pesquisa publicada em 2006, temos hoje outros números e, portanto, um quadro situacional que pode apresentar-se distinto, entretanto, esses indicadores permitem-nos, certamente, pensar sobre o(s) jovem (s) sergipano(s).

As famílias das quais fazem parte os estudantes universitários da UFS, aqui investigados, são muito diversas entre si, inclusive pelas origens sociais e níveis de escolaridade. Conforme os universitários do CCET, a maior parte deles, 58%, declara-se como classe média baixa, no CECH, 45% considera-se de classe média baixa, no CCSA, 46% avalia-se sendo de classe média baixa, já no CCAA 55% dos estudantes declararam-se como de camada média e, no CCBS, esse mesmo percentual, 55%, considera-se também de camada média. É certo que os estudantes provêm de origens sociais, muito plurais, e tal dado precisa ser considerado.

A seguir, podemos conhecer o nível de escolaridade dos pais, mães/responsáveis pelos estudantes. Vale salientar que estão destacados os níveis de escolaridade, que mais foram recorrentes entre as famílias, por centro acadêmico.

Quadro 1: Distribuição das famílias dos estudantes universitários, segundo o nível de escolaridade entre mães, pais e/ou responsáveis (%)

NÍVEL DE ESCOLARIDADE DAS MÃES E PAIS OU RESPONSÁVEIS PELOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA UFS	
CCET (Centro de Ciências Exatas e Tecnologia)	
Mãe ou responsável do sexo feminino	Não frequentou a escola : 6% Ensino fundamental completo: 3% Ensino fundamental incompleto: 39% Ensino médio completo: 36% Ensino médio incompleto: 3% Ensino superior completo: 6% Ensino superior incompleto: 3% Pós graduação completa: 3% Pós graduação incompleta: 0%
Pai ou responsável do sexo masculino	Não frequentou a escola : 6% Ensino fundamental completo: 21% Ensino fundamental incompleto: 34% Ensino médio completo: 24%

	Ensino médio incompleto: 6% Ensino superior completo: 3% Ensino superior incompleto: 6% Pós graduação completa: 0 % Pós graduação incompleta: 0%
CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas)	
Mãe ou responsável do sexo feminino	Não frequentou a escola : 6% Ensino fundamental completo: 23% Ensino fundamental incompleto: 26% Ensino médio completo: 29% Ensino médio incompleto: 10% Ensino superior completo: 0% Ensino superior incompleto: 3% Pós graduação completa: 3% Pós graduação incompleta: 0%
Pai ou responsável do sexo masculino	Não frequentou a escola : 6% Ensino fundamental completo: 13% Ensino fundamental incompleto: 35% Ensino médio completo: 29% Ensino médio incompleto: 4% Ensino superior completo: 0% Ensino superior incompleto: 6% Pós graduação completa: 4% Pós graduação incompleta: 0% Não informado: 3%
CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas)	
Mãe ou responsável do sexo feminino	Não frequentou a escola : 7% Ensino fundamental completo: 18% Ensino fundamental incompleto: 25% Ensino médio completo: 21% Ensino médio incompleto: 4% Ensino superior completo: 11% Ensino superior incompleto: 7% Pós graduação completa: 7% Pós graduação incompleta: 0%
Pai ou responsável do sexo masculino	Não frequentou a escola : 3,5% Ensino fundamental completo: 28,5% Ensino fundamental incompleto: 28,5% Ensino médio completo: 22% Ensino médio incompleto: 3,5% Ensino superior completo: 3,5% Ensino superior incompleto: 3,5% Pós graduação completa: 3,5% Pós graduação incompleta: 0% Não informado: 3,5%
CCAA (Centro de Ciências Agrárias Aplicadas)	
Mãe ou responsável do sexo feminino	Não frequentou a escola : 0% Ensino fundamental completo: 10% Ensino fundamental incompleto: 25% Ensino médio completo: 15% Ensino médio incompleto: 15% Ensino superior completo: 10% Ensino superior incompleto: 15 % Pós graduação completa: 10%

	Pós graduação incompleta: 0%
Pai ou responsável do sexo masculino	Não frequentou a escola : 15% Ensino fundamental completo: 15% Ensino fundamental incompleto: 20% Ensino médio completo: 25% Ensino médio incompleto: 10% Ensino superior completo: 10% Ensino superior incompleto: 5% Pós graduação completa: 0% Pós graduação incompleta: 0%
CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde)	
Mãe ou responsável do sexo feminino	Não frequentou a escola : 0% Ensino fundamental completo: 6% Ensino fundamental incompleto: 6% Ensino médio completo: 22% Ensino médio incompleto: 11% Ensino superior completo: 22% Ensino superior incompleto: 11% Pós graduação completa: 22% Pós graduação incompleta: 0%
Pai ou responsável do sexo masculino	Não frequentou a escola : 0% Ensino fundamental completo: 6% Ensino fundamental incompleto: 16% Ensino médio completo: 50% Ensino médio incompleto: 6% Ensino superior completo: 0% Ensino superior incompleto: 11% Pós graduação completa: 11% Pós graduação incompleta: 0%

Fonte: SOUZA, 2014.

Ao observarmos o quadro acima, pudemos notar que as mães/responsáveis do sexo feminino dos estudantes do CCBS foram as que apresentaram maior nível de escolaridade, contrapondo-se aos demais centros nos quais predominou como nível de escolaridade o ensino fundamental incompleto.

Em relação aos pais/responsáveis do sexo masculino, observou-se que, no geral, eles apresentam níveis de escolaridade menores que os das mães/responsáveis do sexo feminino. Analisando a escolaridade dos pais por centro, identificamos que enquanto no CECH, CCSA e CCET, a maioria deles informou ter o ensino fundamental incompleto, no CCAA e CCBS, o ensino médio completo foi o nível mais recorrente.

Outro elemento importante foi a avaliação que os estudantes universitários fizeram sobre a atuação da família no acompanhamento da vida escolar no período da Educação Básica. No CCAA: a maioria, 35%, avaliou-a como regular, no CCSA: 32% avaliou-a como boa e 32% considerou-a como regular, no CECH: 45% avaliou-a como muito boa, no CCBS:

39% considera-a como muito boa, aproximando-se da parcela que a avalia como regular: 33%, e no CCET, 37% avaliou-a como muito boa.

Esses são dados que incidem um feixe de luz sobre a relação família e educação básica. Conforme pudemos notar, essa relação transita entre o muito bom e o regular, o que nos faz perceber que, embora seja, a nosso ver, uma relação extremamente precisa e fundamental, não são em todas as trajetórias escolares que as famílias ocupam um lugar de destaque no prolongamento escolar, todavia se elas não forem agências propulsoras desses resultados escolares, terão sido, ao menos, colaboradoras indiretas desse processo.

Questionamos também os estudantes dos diferentes centros se, atualmente, a família acompanha a vida deles como universitário e chegamos aos seguintes resultados: 70% dos estudantes do CCAA afirmaram que sim, no CCBS e CCET, a maioria, 67%, informou também que a família atua na vida universitária, já no CCSA, a realidade é mais balanceada: 43% dos estudantes informaram que sim e 57% não, pois a responsabilidade agora é deles, no CECH, o quadro foi semelhante: 55% considera que a família acompanha essa fase da formação, enquanto 45% não compartilha dessa visão.

Sendo assim, compreende-se, a partir desses dados, que a família perpassa essa fase da formação sim e que apesar de a vida universitária exigir certa independência, autonomia nos estudos, a família continua presente em muitas dessas trajetórias escolares, não mais no acompanhamento das tarefas escolares ou participando de reuniões na escola, pois a dinâmica da universidade é outra, mas quem sabe subsidiando, materialmente e imaterialmente, seus filhos universitários.

Tratando agora, mais especificamente, dos estudantes universitários, observamos que a amostra investigada, segundo centro acadêmico e faixa etária, encontra-se organizada da seguinte forma: no CCAA, 65% dos estudantes possuem entre 21 até 25 anos, no CCSA, 43% situam-se nessa mesma faixa etária e no CECH, 58%. Já no CCET e CCBS, observou-se uma população ainda mais jovem: no primeiro, 45% dos estudantes encontram-se na faixa etária entre 16 até 20 anos e 40% entre 21 até 25 anos, no segundo, 39% dos estudantes possuem entre 16 até 20 anos e 39% entre 21 até 25 anos.

Tais dados corroboram com o que Cruz (2012) nos apresenta sobre o perfil dos estudantes da UFS. Essa pesquisadora observou, em seu estudo, que a juventude representa a maioria dos universitários: jovens com menos de 24 anos, distribuídos entre os diferentes centros acadêmicos, demonstrando que “os alunos egressos do ensino público e privado estão tendo acesso ao ensino superior, mais cedo, e que apenas o CCBS e CECH têm alunos com mais de 64 anos, 0,16% e 0,61% respectivamente” (CRUZ, 2012, p.278).

Quanto à etnia, segundo dados referentes a 2008.2, Cruz (2012) expõe-nos que havia na Universidade Federal de Sergipe uma maior representatividade de alunos brancos e pardos. É importante situarmos que só em 2010 foi implantado o sistema de cotas na Universidade Federal de Sergipe, considerando a origem escolar, grupos étnicos, política que, certamente, tem reconfigurado o cenário universitário.

Ao abordar “Experiências/Representações de Universitárias/os no cotidiano da UFS”, Cruz (2012) indica-nos sobre o acesso a escolaridade, principalmente das mulheres, que:

Quarenta anos atrás, poucos no Brasil terminavam o ensino médio e ingressavam nas universidades, e eram quase todos homens. Naquele tempo, a educação das mulheres não ia além das escolas secundárias, onde se preparavam para o casamento, ou das escolas normais, de formação de professores. Hoje, a maioria dos estudantes de ensino superior é composta por mulheres, e o nível educacional das mulheres de 50 anos e menos já é maior que os homens (CRUZ, 2012, p.286-287).

No tocante ao sexo dos estudantes, que participaram da nossa pesquisa, identificamos que no CCAA: 50% são homens e 50% mulheres, no CCSA, 54% mulheres e 46% homens, no CECH, 61% mulheres e 39% homens, no CCET, 55% são homens e 45% mulheres e no CCBS, 72% homens e 28% mulheres. As diferenças mais marcantes encontram-se no CECH, onde a maioria da amostra declarou-se do sexo feminino, e no CCBS, no qual são os homens que compõem a maioria dos estudantes universitários.

Vale esclarecer que são dados de uma amostra específica, mas que, certamente, possuem pontes com a realidade no geral, na qual, por um lado, as áreas tecnológicas e da saúde continuam sendo mais procuradas pelos homens, e, por outro, a presença feminina tem aumentado, significativamente, no centro de agrárias ao longo dos anos.

A seguir, apresentamos um quadro que nos permite compreender melhor algumas características importantes da amostra investigada, sobretudo, aquelas relacionadas às origens escolares dos estudantes universitários em estudo.

Quadro 2: Distribuição dos estudantes, que participaram da pesquisa, segundo o Centro Acadêmico e a Origem Escolar

CCET (Centro de Ciências Exatas e Tecnologia)		CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas)		CCSA (Centro de Ciências Sociais Aplicadas)		CCAA (Centro de Ciências Agrárias Aplicadas)		CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde)	
Ensino Médio privado	Ensino Médio público	Ensino Médio privado	Ensino Médio público	Ensino Médio privado	Ensino Médio público	Ensino Médio privado	Ensino Médio público	Ensino Médio privado	Ensino Médio público
09	24	01	30	11	17	10	10	12	06
33		31		28		20		18	
Total: 130 estudantes (43 egressos do ensino médio privado e 87 do ensino médio público)									

Fonte: SOUZA, 2014.

Percebemos, em um primeiro olhar, algumas disparidades na composição universitária, comparando-se os diferentes centros acadêmicos e a origem escolar da amostra. A primeira delas refere-se à distribuição dos estudantes nos centros: no Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, por exemplo, houve 33 estudantes participando da pesquisa, que representa, no total da amostra, 130, aproximadamente 25%, já no Centro de Educação e Ciências Humanas 24%, no Centro de Ciências Sociais Aplicadas 22%, no Centro de Ciências Agrárias Aplicadas 15% e no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde 14%.

Embora saibamos que os estudantes foram convidados aleatoriamente, seguimos critérios para garantir a participação de estudantes vinculados a diferentes cursos e centros, conforme já mencionado, e que tal elemento observado pode estar trazendo consigo reflexos de uma distribuição, não equilibrada, dos estudantes na universidade.

Outro elemento bastante importante é a origem escolar dos estudantes investigados, uma vez que foi nossa pretensão trazer na amostra, tanto jovens universitários egressos do ensino médio público quanto do ensino médio privado, a fim de identificarmos se há aproximações ou não na vida escolar dos filhos entre as famílias dessas duas realidades. Analisando o quadro acima, vimos que a maior parte da amostra é proveniente do ensino médio público: 87 estudantes, o que equivale a 67%, já os estudantes, egressos do ensino médio privado, 43, representam 33%.

São dados que apontam disparidades gritantes, principalmente se comparamos os dados encontrados no CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) e no CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde), pois no primeiro temos uma média de 01 estudante, egresso do ensino médio particular, para 30 estudantes, egressos do ensino médio público, e, no segundo, essa relação é de 12 para 06. Por que justamente essa relação tão desigual no

CECH, onde boa parte dos cursos é licenciatura, e, no CCBS, cursos socialmente mais valorizados? O que levaria a tais configurações?

Por isso, diante desses aspectos intrigantes, que nos levaram a indagações, fizemos a escolha metodológica de analisarmos, mais detidamente, a realidade desses dois Centros Acadêmicos da UFS que apresentaram um maior contraste quanto à origem escolar de seus estudantes, conforme dados obtidos. Acima, fizemos uma caracterização geral da amostra investigada e, a seguir, compartilhamos uma análise comparativa entre os estudantes do CECH e CCBS e suas famílias, buscando conhecer as trajetórias escolares desses jovens universitários e o lugar das famílias nesse processo, utilizando-nos dos questionários.

2.2 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE ESTUDANTES DO CECH E CCBS E SUAS FAMÍLIAS: ENTRE DISPARIDADES E SEMELHANÇAS

Perfil geral dos estudantes do CECH e do CCBS

A amostra de estudantes investigados do CECH encontra-se cursando do 1º ao 10º período, principalmente, o 3º período, 39%, e o 7º período, 16% dos participantes. No CCBS, tivemos um quadro semelhante: a amostra encontra-se distribuída entre o 1º e 11º período, assim concentrados: 3º período: 17% dos estudantes, 5º período: 17% e 6º período: 22%. Quanto ao sistema de ingresso na Universidade Federal de Sergipe, se através das cotas ou não, observamos a situação descrita a seguir.

Quadro 3: Distribuição dos estudantes do CECH e CCBS, segundo sistema de cotas (%)

Centro Acadêmico	Cotistas	Não cotistas
CECH	61%	39%
CCBS	11%	89%

Fonte: SOUZA, 2014.

Podemos notar que no CECH há uma presença maior de estudantes que ingressaram através do sistema de cotas, contrariamente, no CCBS há uma porcentagem maior daqueles que não são cotistas. Por que tais discrepâncias? Haveria alguma relação com os cursos que são ofertados por cada centro acadêmico, concorrência por vaga, origens dos estudantes? Mas,

se o número de vagas para cotistas e não cotistas é o mesmo, onde estariam os demais estudantes? Indagações para pensar.

Quanto ao turno que realizam seus cursos, dentre os estudantes do CECH, cerca de 68% indicou, principalmente, o noturno, já no CCBS a maioria, 83%, realiza-o no turno diurno. Em se tratando do sexo, temos a seguinte composição:

Quadro 4: Distribuição dos estudantes, segundo o sexo (%)

Centro Acadêmico	Masculino	Feminino
CECH	39%	61%
CCBS	72%	28%

Fonte: SOUZA, 2014.

No CECH, há um quantitativo maior de mulheres, já no CCBS são os homens que compõem a maioria. Sabemos que cada dado, se não nos revela algo em sua totalidade, ao menos nos instiga a perceber que nenhum fato é por si natural, mas construído socialmente, culturalmente em um tempo e espaço históricos. Os cursos, ofertados pelo CECH, ainda são considerados como tipicamente femininos, por que, o que os teria levado a assim sê-los? E, no CCBS, a quais elementos a presença feminina, ainda tímida, estaria associada? Aqui reside um aspecto extremamente relevante da pesquisa: suas questões nunca estão acabadas, a cada procura, novas inquietações que não se esgotam e que bom o mundo da pesquisa ser assim.

Conforme Cruz (2012), a população dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe tem se apresentado, cada vez mais, jovem. Observamos no CECH e no CCBS a seguinte caracterização, conforme quadro abaixo.

Quadro 5: Distribuição dos Estudantes, segundo faixa etária (%)

Centro Acadêmico	16 a 20 anos	21 a 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	+ de 35 anos
CECH	19%	58%	13%	7%	3%
CCBS	39%	39%	17%	5%	-

Fonte: SOUZA, 2014.

Tal como nos apontou Cruz (2012), os estudantes têm ingressado mais cedo no ensino superior e em nossa realidade: os centros CECH e CCBS, predomina a juventude. No CECH, mais da metade, 58%, encontra-se na faixa etária entre 21 e 25 anos, e, no CCBS, os números

apontam uma população ainda mais jovem: 39% possui entre 16 e 20 anos e outra parte, 39%, entre 21 e 25 anos.

Outro dado interessante foi que, tanto os estudantes do CECH quanto do CCBS, informaram no tocante ao estado civil, que são, em sua maioria solteiros. Se pensarmos que esta é uma característica comum dos dois Centros, apesar de suas disparidades, podemos inferir que se trata de uma característica da maior parte dos jovens universitários que, por questões conhecidas ou não, adiam a responsabilidade de um casamento.

Conforme vimos, Coulon (2008) nos situa quanto à vida universitária. Ser um estudante é um ofício, para realizá-lo com êxito é preciso compreender os tempos do estranhamento, da aprendizagem e da afiliação, talvez o adiamento do casamento, para parte dessa juventude, constitua-se como uma escolha, a partir de suas vivências, em seu novo ofício, o de um estudante universitário.

No aspecto da religião, no CECH, 42% dos estudantes declaram-se católicos, 26% não informaram, 13% evangélicos, 10% cristãos (sem associação à igreja), 3% espíritas, 3% do candomblé e 3% ateus. Já no CCBS, 44% dos estudantes não informaram, 17% são evangélicos, 17% indicaram que não têm religião, 11% católicos, 5,5% declararam-se cristãos e 5,5% agnósticos. Percebe-se que a diversidade religiosa é uma marca da amostra, mas também a não vinculação à religião foi bem recorrente, elemento que possui suas razões não só nas origens dos sujeitos, como na formação e experiências diversas que vão adquirindo ao longo dos anos.

Sabemos que a sociedade contemporânea é composta por diferentes classes/ camadas sociais. Em nossa pesquisa, buscamos verificar a origem dos universitários da UFS. Tal como já nos indicou Sampaio e Cardoso (2003), Almeida (2007), Vargas (2008), entre outros, o perfil do público universitário vem se transformando, principalmente, nas últimas décadas, e essa é uma das características que marcam o acesso ao ensino superior brasileiro. Conforme os dados, produzidos sobre os estudantes universitários da UFS, em específico, os vinculados ao CCBS e CECH, eles encontram-se distribuídos, segundo as classes sociais, indicadas a seguir. Vale indicar que a distribuição dos estudantes por classe social, que aqui apresentamos, é fruto da autoidentificação dos mesmos a partir dos questionários.

Quadro 6: Os estudantes da UFS, CECH e CCBS, segundo a classe social (%)

Centro Acadêmico	Classe alta	Classe média	Classe média alta	Classe média baixa	Pobre	Não informado
CECH	-	26%	6%	45%	13%	10%
CCBS	5,5%	56%	5,5%	33%	-	-

Fonte: SOUZA, 2014.

Percebemos que os estudantes do CECH concentram-se mais, respectivamente, na classe média baixa, classe média e pobre, em contrapartida, a maioria da amostra do CCBS declarou-se como de classe média, classe média baixa e a mesma porcentagem que pertence à classe média é a mesma da classe alta, nenhum estudante deste centro acadêmico considerou-se como pobre.

É certo que essas informações encontram-se sintonizadas às discussões da literatura, uma vez que as origens sociais dos estudantes que vêm tendo acesso à educação superior, neste caso, o ensino superior público no estado de Sergipe, têm sido, cada vez mais, diversificadas, o que a meu ver é um indicador de que as diferentes camadas sociais têm obtido seus espaços também no âmbito da formação, um direito que lhe é garantido legalmente, mas que o cenário social, cultural, político e econômico vinha, há algum tempo, negando-lhes. É muito gratificante saber que a vida é movimento e, por isso, nunca estamos no mesmo lugar novamente, a menos que não nos proponhamos a vislumbrar a realidade como ela é: uma conjuntura em constante transformação.

A vida universitária inicia-se. Como fazem para manter-se financeiramente ao longo da formação, uma vez que por mais que estejamos tratando da educação superior pública, ela depende diversos gastos, seja com necessidades básicas: alimentação, vestimenta, moradia, transporte, gastos com saúde, entre outros, seja com as prioridades acadêmicas: cópias de textos, as famosas apostilas, compra de livros, instrumentos específicos de alguns cursos, financiamento para participação em eventos acadêmicos, viagens culturais, entre outros.

A família, como veremos, desempenha uma função importante nesse sentido: além de mantenedora do estudante em suas necessidades básicas, o auxilia nas despesas acadêmicas, algumas são mais marcadas por dificuldades materiais, o que acaba impulsionando muitos jovens a buscarem sua inserção no mercado de trabalho mais cedo, já outras, por possuírem melhor estabilidade financeira, apoiam seus filhos na decisão de adiarem seu ingresso no

mundo do trabalho. Vejamos como vêm se mantendo nossos jovens do CECH e do CCBS. Vale esclarecer que houve estudante que se identificou em mais de uma opção.

Quadro 7: Distribuição dos estudantes, segundo fonte de renda para manter-se estudando na UFS (%)

Fonte de Renda	Centros Acadêmicos	
	CECH	CCBS
Bolsista na UFS	16%	5,5%
Estagiário	13%	5,5%
Trabalho Formal	19%	5,5%
Trabalho Informal	13%	11%
Mesada da Família/parentes	19%	78%
Renda (poupança)	-	-
Faz “bicos”	3%	-
Outro	16%	-

Fonte: SOUZA, 2014.

Se associarmos a forma como esses estudantes vêm mantendo-se financeiramente à classe social a qual pertencem, veremos que se tratam de dados cruzados, entre os estudantes do CCBS, a maior parte, 78% dos estudantes, mantem-se através de mesada da família/parentes, situação que só é possível, na grande maioria dos casos, para setores mais favorecidos. Entretanto, no CECH, onde há maior concentração dos estudantes nas classes sociais menos favorecidas, apenas 19% mantêm-se mediante a mesada, 19% já realizam trabalho formal, 13% trabalho informal e 16% informaram contar com outras fontes de renda.

Mas também não poderíamos ficar sem mencionar que observamos, entre os estudantes do CECH, uma maior porcentagem de estudantes, envolvida em programas institucionais da própria universidade ou como estagiários, pois se tratam de experimentações no mundo do trabalho, diferenciadas das demais, já entre os do CCBS esses indicadores foram menores.

No tocante à cidade onde moram, os estudantes do CECH e do CCBS informaram-nos os dados abaixo.

Quadro 8: Distribuição dos estudantes quanto à cidade onde moram (%)

Moradia dos estudantes	Centros Acadêmicos	
	CECH	CCBS
Aracaju-SE	32%	67%
São Cristóvão -SE	16%	11%
Barra dos Coqueiros -SE	22%	-
Nossa Senhora do Socorro - SE	19%	-
Cidade do interior sergipano	6%	22%
Outra	6%	-

Fonte: SOUZA, 2014.

Chamou-nos a atenção que os estudantes do CECH mostrem-se mais dispersos quanto à cidade onde moram, apesar de concentrados, em Aracaju-SE, Nossa Senhora do Socorro-SE e São Cristóvão-SE (Região Metropolitana), na qual o campus universitário encontra-se mais próximo, acessível. Em menor escala, apenas 6%, são provenientes do interior sergipano, elemento que pode estar associado ao fato de a universidade vir se interiorizando nos últimos anos, principalmente, na oferta de licenciaturas que representa boa parte dos cursos do CECH. Em sentido oposto, no CCBS, 67% dos estudantes investigados moram na capital, 22% em cidades do interior sergipano e 11% em São Cristóvão-SE, cidade na qual a Universidade Federal de Sergipe encontra-se localizada.

Quanto à moradia, entre os estudantes do CECH, foi mais recorrente os universitários morarem na mesma cidade que os pais. No CCBS, o quadro foi semelhante, pois a maior parte informou que mora com os pais. Contudo, percebemos também que, tanto em um Centro Acadêmico quanto no outro, há estudantes que moram na mesma cidade que estudam, alguns moram com companheiro (a), outros em residência universitária, há aqueles que moram com parentes e também os que dividem casa/ apartamento, prática muito comum entre os estudantes, quando não são contemplados pelo Programa de Residência Universitária.

Algo a ser destacado é que nenhum estudante do CECH e do CCBS informou que mora sozinho (a), quer permaneçam no seio familiar ou tenham formado novos arranjos familiares, os estudantes moram com outros sujeitos, parentes ou não, novas redes de relações e pertencimento.

Em outro espaço desse trabalho, apresentamos alguns dados referentes à origem escolar dos jovens universitários investigados, mas aqui iremos explorá-los, considerando nosso interesse especial pelos dados, relativos ao CECH e CCBS.

Quadro 9: Origem escolar dos estudantes do CECH e CCBS (%)

Centro Acadêmico	Ensino médio todo ou maior parte na escola pública	Ensino médio todo ou maior parte na escola particular
CECH	97%	3%
CCBS	33%	67%

Fonte: SOUZA, 2014.

Os dados acima indicam grande discrepância entre a origem escolar, pública e particular, dos estudantes. No CECH, quase a totalidade da amostra é egressa do ensino médio público e, no CCBS, mais da metade dos estudantes é egressa do ensino médio particular. Se considerarmos que o sistema de ingresso na UFS, através das cotas, foi implantado em 2010, buscando garantir um acesso à educação superior nos diferentes cursos, de forma mais equilibrada, poderia haver mais estudantes de origem escolar da educação pública no CCBS e mais estudantes de origem escolar da educação particular no CECH, o que não tem ocorrido, conforme dados apresentados.

Em relação ao quantitativo de vestibulares que fizeram na Universidade Federal de Sergipe, antes de serem aprovados, a realidade foi a descrita abaixo.

Quadro 10: Balanço das tentativas dos estudantes no vestibular da UFS, antes da aprovação (%)

Centro Acadêmico	Passaram na primeira tentativa	01 vez	02 vezes	03 vezes ou mais
CECH	55%	16%	16%	13%
CCBS	45%	22%	33%	-

Fonte: SOUZA, 2014.

Notamos que tanto em um Centro Acadêmico quanto no outro, os estudantes, em sua maioria, passaram no vestibular da Universidade Federal de Sergipe em sua primeira tentativa. No CCBS, houve aqueles que tentaram uma ou duas vezes o vestibular, antes da aprovação. No CECH, além daqueles que tentaram uma ou duas vezes, houve também 13% da amostra que tentou três vezes ou mais até que conseguiram obter êxito na aprovação do vestibular e, conseqüentemente, o ingresso no ensino superior público de Sergipe.

Depois de termos conhecido algumas das características que marcam o perfil dos estudantes universitários, vinculados ao CCBS e ao CECH da UFS, que compuseram a amostra por nós investigada e nos possibilitaram algumas reflexões no tocante à relação

juventude e educação, propomo-nos, a seguir, a apresentarmos dados sobre as famílias desses estudantes, que vivenciam a vida universitária, buscando identificar alguns indicadores do lugar das famílias no processo de escolarização dos filhos, desde a educação básica ao ensino superior. Permitamo-nos a espiar, pelas frestas da janela, quem são essas famílias.

2.3 CONHECENDO AS FAMÍLIAS DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO CECH E DO CCBS

Percebemos, a partir da pesquisa, que as famílias desses estudantes possuem elementos comuns, mas também divergem entre elas. No tocante à escolaridade das mães/responsáveis do sexo feminino, no CECH foram mais recorrentes os seguintes níveis de escolaridade: o ensino médio completo e o ensino fundamental incompleto, já no CCBS, foram o ensino médio completo, curso superior e pós-graduação, indicando que as mães dos estudantes do CCBS possuem maior nível de escolaridade do que as mães dos universitários, investigados do CECH.

Entre os pais/ responsáveis do sexo masculino, observamos, conforme explicitado no Quadro 1, que no CECH 35% deles possuem ensino fundamental incompleto e 29% ensino médio completo, já no CCBS, o nível de escolaridade mais recorrente foi o ensino médio completo: cerca de 50% dos pais o possuem. Esses dados apontam que os pais dos estudantes do CCBS possuem maior nível de escolaridade em relação aos do CECH, indicam também que, em se tratando da questão gênero e acesso à escola, as mulheres, de um modo geral, vêm prolongando a escolaridade mais que os homens, resultante de uma configuração social bem mais ampla e complexa.

Questionados sobre a principal ocupação do pai/ responsável ou da mãe/ responsável, os estudantes concederam-nos as informações, constantes no quadro a seguir.

Quadro 11: Principais ocupações das mães, dos pais ou responsáveis pelos estudantes universitários

Centros Acadêmicos	Mães/ responsáveis do sexo feminino	Pais/ responsáveis do sexo masculino
CECH	Dona de casa Agricultora Diarista Professora Telefonista Bordadeira Autônoma Macumbeira Contadora Comerciante Supervisora Auxiliar Administrativo Enfermeira Doceira	Agricultor Autônomo Torneiro Mecânico Mestre de Obras Aposentado Industriário Pedreiro ou Servente Professor de Música Oficial de Justiça Taxista/ Motorista Comerciante Professor Pensionista Funcionário Público
CCBS	Professora Funcionária Pública Professora Universitária Arquiteta Empresária Farmacêutica Vendedora Dona do Lar Trabalha e Estuda	Autônomo (Empresário) Funcionário Público Agricultor Professor Universitário Motorista Bancário Músico e Técnico em Computação Trabalha e Estuda Escriturário Comerciante Caminhoneiro Mecânico Aposentado

Fonte: SOUZA, 2014.

Não podemos negar que há uma intrínseca relação entre nível de escolaridade e as ocupações no mundo do trabalho. Muito embora uma não seja garantia da outra, identificamos que as mães e pais/ responsáveis pelos estudantes do CCBS, que possuem um maior nível de escolaridade, ocupam posições mais privilegiadas no mundo do trabalho, situação que diverge do CECH, onde as ocupações das mães e dos pais/ responsáveis, em sua maioria, são aquelas para as quais não é exigido um maior nível de escolaridade. Pensemos também que são esses sujeitos familiares, tão diversos, que, atualmente, possuem filhos universitários, o que significa que cada um atribui, a partir de suas origens e capacidade interventiva, um sentido à escola, à educação superior.

Sobre a maneira como as famílias acompanhavam os estudos dos filhos na educação básica, 35% dos estudantes do CECH indicaram que “ajudavam nas lições, a estudar para

provas e participavam das reuniões na escola”, em maior proporção, 67% dos estudantes do CCBS responderam o mesmo: a participação nos deveres de casa, preparação para provas e presença nas reuniões escolares. Esse tipo de acompanhamento remete-nos ao estudo de Resende (2013) sobre a relação família-escola através do dever de casa.

No tocante à atuação da família no acompanhamento da vida escolar, ao longo da educação básica, os estudantes fizeram a seguinte avaliação:

Quadro 12: Avaliação, realizada pelos estudantes, acerca da atuação da família na educação básica (%)

Centro Acadêmico	Muito boa	Boa	Regular	Ruim
CECH	45%	13%	32%	10%
CCBS	39%	28%	33%	-

Fonte: SOUZA, 2014.

Alguns dados chamaram-nos mais a atenção. O primeiro deles foi que, tanto no CECH quanto no CCBS, a maior parte dos estudantes avaliou como muito boa a atuação familiar na educação básica e outra parte considerou-a como boa. O segundo deles, quase a mesma porcentagem de estudantes de ambos os centros, avaliou-a como regular. O terceiro e último foi que apenas os estudantes do CECH, cerca de 10% dos investigados, consideram a atuação das famílias na educação básica como ruim, o que demonstra que nem todas as famílias realizam um acompanhamento da vida escolar dos filhos, afinal, tal como os jovens, são as famílias muitas diversas entre si.

Em relação ao ingresso do estudante na Universidade e à postura da família nesse momento, os estudantes do CECH responderam, principalmente, que a família “sempre incentivou e acreditou em mim”, cerca de 55% da amostra, e 19% indicaram “sim, ela acreditava que fosse possível, apesar de a UFS ser muito concorrida e eu ter estudado em escola pública”. No CCBS, 61% dos estudantes responderam que a família “sempre incentivou e acreditou em mim” e 17% indicaram que “às vezes, incentivava”.

Mas também queremos destacar dados menos incidentes que nos possibilitam pensar acerca de algumas questões: no CECH, 3% dos estudantes indicaram que a família “não, nunca incentivou” e, no CCBS, 5,5% dos sujeitos investigados apontaram que a família “não, ela não acreditava que fosse possível, pois a UFS é muito concorrida”. Mediante essas respostas, notamos que nem sempre os jovens podem “contar” com suas famílias, seja por não incentivar os filhos a ingressar na universidade, seja pelo descrédito que possuem frente à

disputa acirrada por vagas na UFS. Esses percursos escolares merecem tornar-se também objeto de investigação, uma vez que tais estudantes, não encontrando na família apoio, respaldo, para prolongarem a escolaridade, mesmo assim, tentam, conquistam e buscam sua formação superior.

Questionamos os estudantes também se, atualmente, a família acompanha a vida universitária deles, uma vez que já tínhamos averiguado essa participação ao longo da educação básica. Notamos que, no CECH, 55% dos estudantes indicaram que a família acompanha a vida universitária: “sim, sempre pergunta sobre os colegas, o que estou estudando e aprendendo”; no CCBS, a porcentagem que apontou a mesma resposta foi de 67%, indicando que no ensino superior a família encontra-se tão presente quanto na educação básica, realizada pelos filhos.

Não podemos desconsiderar que, no CECH, 45% dos estudantes e, no CCBS, 33% deles responderam que a família não acompanha a vida universitária: “Não, agora a responsabilidade é apenas minha”, o que nos leva à compreensão de que essa fase é permeada pela busca de uma autonomia na vida universitária.

Solicitamos dos estudantes que, em uma escala de 0 a 10, atribuísem uma nota à família pelas contribuições à vida escolar deles, desde a educação básica ao ensino superior e obtivemos o seguinte quadro:

Quadro 13: Balanço de notas atribuídas às famílias pelo acompanhamento à vida escolar da educação básica ao ensino superior

Centros Acadêmicos	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
CECH	-	-	3%	-	-	10%	3%	19%	13%	13%	39%
CCBS	-	-	-	-	-	5,5%	-	5,5%	22%	22%	45%

Fonte: SOUZA, 2014.

De um modo geral, observamos que as notas atribuídas às famílias são muito boas. No CECH, 84% dos estudantes atribuíram notas às famílias entre 7 e 10. No CCBS, essa porcentagem foi muito maior: cerca de 94,5%, são questões que merecem ser consideradas.

No conjunto de dados que nos foi possível produzir, a partir dos questionários, conseguimos reunir também alguns comentários dos estudantes, segundo Centro Acadêmico, sobre se a família acompanha a vida deles como estudantes universitários ou não. Vale esclarecer que era opcional comentar a respeito da resposta, por isso o quantitativo de

comentários não é o mesmo que o de estudantes investigados. Conheçamos o que nos apresentaram alguns dos estudantes do CECH e do CCBS.

Estudantes do CECH que responderam “Sim, sempre pergunta sobre os colegas, o que estou estudando e aprendendo”:

“Sempre converso com minha mãe sobre as atividades que exerço na UFS” (Estudante do CECH, questionário).

“Minha mãe e meus irmãos sempre perguntam como estão as aulas, se estou dando conta das disciplinas, etc.” (Estudante do CECH, questionário).

“Meus familiares sempre perguntam sobre a universidade e como estou progredindo. Solicito também a ajuda deles como os ajudo, pois tenho atualmente 12 familiares que já concluíram nível superior ou estão cursando na federal e particulares, dentre eles um mestrando” (Estudante do CECH, questionário).

“Apenas pergunta se eu estou conseguindo, se tem prova ou seminário...” (Estudante do CECH, questionário).

“Existe um interesse a respeito da minha vida na UFS” (Estudante do CECH, questionário).

Estudantes do CECH que responderam “Não, agora a responsabilidade é apenas minha”:

“A preocupação no meu caso era apenas no ingresso da faculdade. Após a entrada essa preocupação diminuiu bastante” (Estudante do CECH, questionário).

“Prefiro não comentar” (Estudante do CECH, questionário).

“Trabalho e, pelo cansaço, abandonei as aulas no meio do período. Resolvi dar mais tempo a mim. Meus pais nem sonham” (Estudante do CECH, questionário).

“Eles não entendem nada do que se passa aqui” (Estudante do CECH, questionário).

Verificamos que no CECH, entre aqueles que afirmaram que a família acompanha sim a vida universitária, eles apontaram o diálogo, principalmente, com a mãe, sendo um desses indicadores, preocupação de irmãos no tocante às aulas, às disciplinas, questionamentos de familiares sobre a universidade, pois como sabemos, para muitos, ainda consiste em um mundo desconhecido e estranho. Assim, o interesse pela vida na UFS funciona como um mecanismo de ajuda mútua entre o universitário e sua família.

Já entre os que responderam que a família não acompanha essa fase da formação, pois agora a responsabilidade é deles, sinalizaram que há famílias preocupadas somente com o ingresso dos filhos na faculdade e, depois, na fase de permanência no ensino superior, já diminuem esse interesse.

Houve estudantes que relataram, inclusive, ter abandonado as aulas no meio do período, porque estava precisando ter um tempo para ele e os pais nem desconfiam de tal situação. Esse cenário nos alerta para o fato de que acesso e permanência na Universidade devem ser pensados de forma interdependente. Outros afirmaram ainda que a família não compreende a dinâmica da universidade. A seguir, conheçamos a realidade do CCBS.

Estudantes do CCBS que responderam “Sim, sempre pergunta sobre os colegas, o que estou estudando e aprendendo”:

“Porém, não com a frequência e cobrança do ensino fundamental e médio” (Estudante do CCBS, questionário).

Estudantes do CCBS que responderam “Não, agora a responsabilidade é apenas minha”:

“Agora não é possível eles acompanharem, pois moram em uma cidade diferente” (Estudante do CCBS, questionário).

“Não cobram que eu estude nem perguntam minhas notas, mas se interessam se eu contar para eles” (Estudante do CCBS, questionário).

Sobre a relação família e vida universitária, entre os estudantes do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, observamos que os comentários foram menos presentes nos questionários, mas também percebemos que os produzidos nos permitiram algumas reflexões.

A primeira delas é que embora um estudante tenha afirmado que a família acompanha essa fase da formação, o mesmo reconhece que se trata de um acompanhamento diferenciado, sem a frequência e cobrança presentes na educação básica, a segunda caracterizou-se pelo fato de o estudante morar em outra cidade, diferente dos pais, o que não lhes permite acompanhar a vida universitária dos filhos e a terceira foi que embora alguns pais não cobrem dos filhos que eles estudem nem os questionam sobre notas, quando esses estudantes universitários se permitem a socializar tais informações, os pais demonstram interesse.

Solicitamos também dos estudantes que eles descrevessem em uma palavra ou frase o que significa família para eles. Decidimos apresentar esses dados, segundo a origem escolar dos estudantes: egressos da escola pública e egressos da escola privada.

Vale salientar que, no CECH, de um total de 31 estudantes, 30 são provenientes do ensino médio público e apenas 01 do ensino médio privado, em contrapartida, no CCBS, esses dados se distinguem bastante: de uma amostra, composta por 18 estudantes, 12 são egressos do ensino médio privado e somente 06, a metade, é proveniente do ensino médio público. Apresentamos, respectivamente, os dados referentes ao CECH e ao CCBS.

Para os estudantes do CECH, egressos do ensino médio público, Família é:

“As pessoas com quem mais convivemos e temos vínculo” (Estudante CECH, questionário).

“Comunhão” (Estudante CECH, questionário).

“A minha família é tudo que tenho” (Estudante CECH, questionário).

“Meu porto seguro, que me ama e me fortalece” (Estudante CECH, questionário).

“Companheirismo” (Estudante CECH, questionário).

“Todo o meu apoio e alegria, pois somos muito unidos” (Estudante CECH, questionário).

“Minha família é a base fundamental na minha vida” (Estudante CECH, questionário).

“Base” (Estudante CECH, questionário).

“União” (Estudante CECH, questionário).

Não poderia ficar sem mencionar, neste espaço, que o mesmo estudante que descreveu a família como união, atribuiu nota 5,0 à família dele pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior, e justificou a nota da seguinte forma: “Consideraram o trabalho como mais importante que o estudo, atualmente tento recuperar o tempo perdido” (Estudante CECH, questionário). Palavras que revelam, ao mesmo tempo, uma espécie de frustração e de superação diante da relação família e experiência escolar.

Esse estudante possui entre 31 e 35 anos, o que demonstra, através de sua escrita, que devido à postura da família ter sido a de supervalorização do trabalho em detrimento da escolarização, seu ingresso na universidade ocorreu mais tardiamente, o que mais uma vez prova que as famílias delineiam lugares diferenciados no percurso escolar dos filhos. Nesse sentido, a família não representa a panaceia para todos os males sociais, mas também não pode ser desconsiderada em uma análise como esta.

“É minha base, são meus exemplos” (Estudante CECH, questionário).

“Apoio” (Estudante CECH, questionário).

“União” (Estudante CECH, questionário).

“Companheirismo” (Estudante CECH, questionário).

“A base principal” (Estudante CECH, questionário).

“Laço” (Estudante CECH, questionário).

“A base da educação” (Estudante CECH, questionário).

“Apoio” (Estudante CECH, questionário).

“Para mim, significa tudo” (Estudante CECH, questionário).

“Amor” (Estudante CECH, questionário).

“Família é escolha” (Estudante CECH, questionário).

“Essencial” (Estudante CECH, questionário).

“A minha família é tudo para mim” (Estudante CECH, questionário).

“É meu porto seguro” (Estudante CECH, questionário).

“Base” (Estudante CECH, questionário).

“Amor mútuo entre o mesmo sangue e semelhanças física e cultural dos membros da família” (Estudante CECH, questionário).

“União em horas alegres e tristes” (Estudante CECH, questionário).

“Família é a base de tudo na nossa vida, sobretudo quando podemos contar com eles” (Estudante CECH, questionário).

“A base, a estrutura de tudo” (Estudante CECH, questionário).

“Amor, união, companheirismo” (Estudante CECH, questionário).

“A minha família sempre foi muito desestruturada. E acho que família deve ser sinônimo de união” (Estudante CECH, questionário).

Percebemos que, entre os estudantes do CECH, egressos do ensino médio público, a família assume o significado de base, inclusive para a educação, exemplo, apoio, união, companheirismo, laços sanguíneos e culturais, amor, escolha, essencial, estrutura, porto seguro, presente nos momentos alegres e tristes. Foi indicada também como sendo a instituição com a qual podem contar. Se considerarmos que são os filhos, estudantes universitários, que assim vislumbram atualmente suas famílias, isto pode significar a relevância dessa instituição no processo escolar dos filhos, mesmo quando esse foi elevando-se.

Outra questão relevante foi a revelada por um dos estudantes pesquisados que sinalizou pertencer a uma família desestruturada, mas que compreende família como

sinônimo de união, ainda que esta não seja uma marca da família dela. Essa estudante atribuiu nota 5,0 à família pelas contribuições à vida escolar, da educação básica ao ensino superior, e argumentou: “Eles só compareciam nas reuniões escolares”, subentende-se, através dessa informação, que era preciso mais, muito mais, na vida escolar dessa estudante.

Trata-se, portanto, a nosso ver, de uma presença familiar tímida, a ser questionada, no processo escolar dos filhos. Outros elementos, sujeitos, devem ter sido agregados à formação dessa jovem, envolvendo estratégias individuais e/ou coletivas, a fim de que ela prolongasse a escolaridade. É nesse campo de estabilidade e de tensões que transita a atuação das diferentes famílias na vida de estudantes universitários.

Para os estudantes do CECH, egressos do ensino médio privado, Família é:

“Família é a base de tudo” (Estudante CECH, questionário).

Para a única estudante do CECH, egressa do ensino médio particular a família é a base de tudo. Vale esclarecer que essa jovem, ao ser questionada se a família acompanha a vida dela como estudante universitária, informou-nos que “sim, sempre pergunta sobre os colegas, o que estou estudando e aprendendo”, atribuiu nota 9,0 à família pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior, nota que situa essa família de forma excelente. Segundo ela, quanto ao ingresso na universidade a família “sempre incentivou e acreditou em mim”, ao que nos parece, uma família com expectativas escolares positivas frente ao percurso escolar dessa filha.

Destacamos também que os pais dessa estudante do CECH possuem baixo nível de escolaridade: a mãe, ensino fundamental completo, e o pai, ensino fundamental incompleto. As ocupações deles são, respectivamente, comerciante e autônomo. Um elemento importante, observado nesse contexto, é que a geração de seus filhos está prolongando a escolaridade: de um total de três filhos, esses pais possuem a estudante investigada, realizando o ensino superior no curso Letras-Português, e dois filhos, mais novos, com ensino médio completo, ocupando no mundo do trabalho a posição de comerciantes.

Vemos, simultaneamente, uma lógica superada: a elevação do nível de escolaridade, demonstrando que apesar do baixo nível escolar dos pais, filhos avançaram mais que eles na escolaridade, mas também observamos a reprodução, ainda que provisória, da mesma ocupação no mundo do trabalho que um dos genitores. Questões a pensar, pois nessa pesquisa não nos será possível aprofundar essa análise.

Para os estudantes do CCBS, egressos do ensino médio público, Família é:

“Significa uma base de referência para a formação do caráter, da personalidade, dos valores” (Estudante CCBS, questionário).

“Tudo” (Estudante CCBS, questionário).

“Insustituível” (Estudante CCBS, questionário).

“Base de todo conhecimento” (Estudante CCBS, questionário).

“Sempre” (Estudante CCBS, questionário).

“Tudo” (Estudante CCBS, questionário).

Entre os estudantes do CCBS, egressos do ensino médio público, a família foi caracterizada como base de referência para a formação do sujeito, tudo, uma instituição insustituível, como base de todo o conhecimento e presente sempre, portanto, ocupa um lugar importante em suas trajetórias.

Notamos, contudo, que as apreciações deles foram mais diretas, sintéticas, já os estudantes egressos do ensino médio privado deram respostas mais explicativas, permitindo-nos maior aprofundamento na compreensão do que é a família para eles. Vejamos.

Para os estudantes do CCBS, egressos do ensino médio privado, Família é:

“Família são parentes da mesma genealogia, que participam da criação e ajudam na vida” (Estudante CCBS, questionário).

“Família são pessoas que estão com você em todos os momentos, ajudam a enfrentar dificuldades e a tomar as melhores decisões possíveis” (Estudante CCBS, questionário).

“São as pessoas com quem posso contar por toda a vida” (Estudante CCBS, questionário).

“Apesar das confusões, significa um ponto de segurança e suporte” (Estudante CCBS, questionário).

“A família é fundamental para a construção do caráter da pessoa. É a base de todos” (Estudante CCBS, questionário).

“Porto-Seguro” (Estudante CCBS, questionário).

“Tudo” (Estudante CCBS, questionário).

“Suporte” (Estudante CCBS, questionário).

“Ohana” (Estudante CCBS, questionário).

“Aceitação, amor e compreensão” (Estudante CCBS, questionário).

“União” (Estudante CCBS, questionário).

“Sustentação, base” (Estudante CCBS, questionário).

A família ao mesmo tempo em que desempenha funções ligadas aos aspectos biológicos, criação, ela possui, sobretudo, um papel importante no tocante aos aspectos sociais. Trata-se de uma instituição presente em todas as etapas da vida, segundo alguns dos estudantes, no enfrentamento de dificuldades como também na tomada de decisões, sendo assim, podemos inferir que se ela encontra-se presente em todos os momentos e etapas, a escolarização dos “filhos”, desde a educação básica ao ensino superior, estão marcadas por sua participação, seja ela mais ou menos perceptível.

Observamos também que a família não é pura estabilidade, mas apesar de certas turbulências que podem marcar sua dinâmica, representa, dentre outras funções, a de porto seguro, suporte, tudo, base, união, tomada de decisões, enfim, pode ser formada por sujeitos com os quais esses estudantes, nem todos, podem contar por toda a vida. Seja como for, por unanimidade, os estudantes do CCBS, independentemente da origem escolar, deram-nos indicadores de que as famílias possuem um papel relevante em sua formação.

Finalizamos a análise dos questionários apresentando alguns comentários, produzidos tanto por estudantes do CECH quanto do CCBS, no tocante às notas que atribuíram às famílias deles pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior. Esses comentários eram opcionais aos estudantes. A seguir, organizamos esses dados, segundo centro acadêmico e notas atribuídas pelos estudantes às famílias.

Estudantes do CECH que atribuíram nota 10 às famílias:

“Tiveram muita paciência. Não foi fácil concluir o ensino médio, não me adaptei bem ao ambiente escolar” (Estudante do CECH).

“O que eles puderam fazer, eles fizeram de todo coração e sei que fariam tudo novamente” (Estudante do CECH).

“Apesar de algumas diferenças, minha família é tudo para mim” (Estudante do CECH).

“Sempre me apoiar” (Estudante do CECH).

“Sempre me acompanhavam, sempre estiveram e estão presentes no meu dia a dia” (Estudante do CECH).

“Sempre fui estimulada a estudar” (Estudante do CECH).

“Sempre fez e faz o possível pela minha educação” (Estudante do CECH).

“Aprendi a ler e escrever em casa, tive um bom acompanhamento no relacionamento escola/família, e muito apoio para a entrada e permanência no ensino superior” (Estudante do CECH).

“Os meus pais sempre me explicaram que a educação é a única coisa que ninguém pode lhe tirar e quanto mais melhor” (Estudante do CECH).

“A julgar pelas condições de vida” (Estudante do CECH).

Estudantes do CECH que atribuíram nota 9 às famílias:

“Minha mãe e meu irmão mais velho sempre foram suporte na minha trajetória como estudante, porém o meu pai, ainda quando morava em nossa casa, dava pouca atenção para isso” (Estudante do CECH).

“Sempre existe uma contribuição da parte familiar, mas nem sempre a família sabe dar o devido valor aos filhos em relação a isso” (Estudante do CECH).

Estudante do CECH que atribuiu nota 8 à família:

“Minha família, apesar de não ter estudo, sempre me incentivaram a estudar, sempre acreditaram em mim” (Estudante do CECH).

Estudante do CECH que atribuiu nota 7 à família:

“Eles agora não se importam muito sobre o que acontece com os meus estudos” (Estudante do CECH).

Estudantes do CECH que atribuíram nota 5 às famílias:

“Consideraram o trabalho como mais importante que o estudo, atualmente tento recuperar o tempo perdido” (Estudante do CECH).

“Eles só compareciam nas reuniões escolares” (Estudante do CECH).

“Esta nota refere-se ao acompanhamento, ou melhor, à falta de acompanhamento, mas reconheço que essa ausência está ligada ao histórico escolar dos meus pais” (Estudante do CECH).

Estudantes do CECH que atribuiu nota 2 à família:

“Prefiro não comentar” (Estudante do CECH).

Percebemos que os estudantes do CECH, que atribuíram notas elevadas às famílias: 10, 9 e 8, indicaram os seguintes elementos como justificadores das notas: paciência frente às dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, a família ter feito tudo que pôde e ser capaz de fazê-lo novamente, representar tudo na vida do estudante, apesar das diferenças; apoio familiar sempre, acompanhamento no dia a dia, estímulo para estudar, ter aprendido a ler e escrever ainda no espaço doméstico com a família e ter recebido muito apoio para a entrada e permanência no ensino superior, a transmissão realizada pelos pais de que a educação é um bem que ninguém pode lhe tirar e quanto mais melhor bem como as condições de vida. Mães e irmãos mais velhos foram indicados também como suportes na trajetória estudantil; contribuição familiar, mesmo que esta não dê o devido valor aos filhos em relação a isso, credibilidade e incentivo para estudar, apesar de a família não possuir alto nível de escolaridade.

Já entre os que atribuíram notas mais inferiores: 7, 5 e 2, foram apontados os seguintes elementos frente às contribuições, ou não, engendradas pela família: a família não se importar com a escolarização dos filhos, colocar o trabalho como mais importante que o estudo, comparecer somente nas reuniões escolares, falta de acompanhamento, entre outros. Muito embora alguns filhos reconheçam que esse fato está relacionado ao histórico escolar dos pais e, por fim, a decisão de não tecer comentários quanto ao assunto abordado, o que representa, portanto, que tais ausências podem estar refletindo o processo de tensão que alguns estudantes podem ter vivenciado no tocante à relação família e escolarização. A seguir, compartilhamos os comentários, produzidos pelos estudantes do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Estudantes do CCBS que atribuíram nota 10 às famílias:

“No aspecto de sempre fazer o esforço de garantir uma educação de “qualidade” através das escolas particulares que estudei até o ensino médio. No ensino superior foi sem contribuições mesmo” (Estudante do CCBS).

“A minha mãe sempre acompanhou a minha educação básica escolar, até porque ela era a minha professora de reforço em casa. E no ensino superior sempre me incentivou e deu apoio aos meus estudos” (Estudante do CCBS).

“Minha família sempre me incentivou muito nos estudos e a seguir a carreira que eu queria” (Estudante do CCBS).

Estudante do CCBS que atribuiu nota 9 à família:

“Tendo um educador dentro de casa tive uma ótima base e contribuição” (Estudante do CCBS).

Estudante do CCBS que atribuiu nota 5 à família:

“Ajudaram dentro de suas possibilidades intelectuais” (Estudante do CCBS).

Entre os estudantes do CCBS que atribuíram nota 10 ou 9 às famílias pelas contribuições realizadas no processo escolar dos “filhos”, da educação básica ao ensino superior, notamos que os estudantes revelaram ter uma família que buscou garantir-lhes uma educação de qualidade com o acesso a escolas particulares, apontaram, contudo, que no ensino superior não tem havido contribuições dessa natureza; mãe como sendo o sujeito que além de acompanhar a educação básica do filho, inclusive atuando como professora de reforço escolar dele, na fase do ensino superior tem incentivado e dado o apoio necessário. A família foi apontada como uma incentivadora do (a) filho (a) para que este seguisse a carreira que queria, houve também estudante que nos informou a presença de um educador, no interior da família, como elemento impulsionador a se ter uma ótima base e contribuição.

Por outro lado, entre os que atribuíram nota 5 às famílias, um estudante revelou que “ajudaram dentro de suas possibilidades intelectuais”, o que nos permite compreender que cada família, seja ela elite, camada média, camada média intelectualizada ou camada popular, só pôde contribuir para o prolongamento escolar dos “filhos” a partir das condições que lhe foram possíveis. Essa é uma realidade que não se pode negar, quer estejamos tratando da atuação das famílias no prolongamento escolar dos estudantes do CCBS quer do CECH.

No próximo capítulo, apresentamos o lugar das famílias no processo de escolarização dos “filhos” a partir de duas histórias e realidades distintas, a de 01 estudante de História (Licenciatura) a qual chamamos de Maria, proveniente do ensino médio público, e a de 01 estudante de Odontologia, denominado por nós de José, egresso do ensino médio privado.

Vale salientar que José e Maria, além de terem participado da primeira etapa da pesquisa de campo, respondendo os questionários, fizeram parte das etapas posteriores: a produção do Balanço do Saber, e, por fim, apresentando-nos a um familiar, considerado por

eles como aquele (a) que mais contribuiu para a sua longevidade escolar, e esses nos concederam entrevistas. Foi a partir das apreciações tanto de José (CCBS) e de Maria (CECH) quanto de suas mães que elaboramos o capítulo a seguir no qual nos foi possível compreender algumas das práticas, táticas, estratégias educativas que essas realizaram frente ao prolongamento escolar dos filhos. Conheçamos essas histórias!

CAPÍTULO 3 - A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS

O que nos dizem os jovens universitários sobre seu processo de escolarização e a atuação, ou não, de suas famílias? E as famílias, como se colocam diante desse processo? Neste espaço, compartilhamos, na primeira parte, as apreciações de dois estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe, uma egressa do ensino médio público e outro egresso do ensino médio privado, expressas na produção do Balanço do Saber, instrumento através do qual escreveram livremente sobre a Escolarização Básica (ensino médio): Bloco I, Família, Educação Básica e preparação para o vestibular: Bloco II, A Família e o processo de acesso e permanência na Universidade: Bloco III. E, na segunda parte, são as famílias, em específico as mães, o foco das nossas atenções, pois nos utilizamos da realização de entrevistas para conhecer também o olhar da família sobre o seu “lugar” na escolarização dos filhos.

Quanto ao uso do Balanço do Saber, vale salientar que estamos nos apropriando de um instrumento, já utilizado por Bernard Charlot (2000). Trata-se de questionamentos, afirmativas provocadoras/ que buscam desencadear a reflexão dos sujeitos sobre um dado aspecto de suas experiências. Consideramos que o mesmo atende a certas necessidades desta pesquisa, permitindo-nos ter os olhares dos próprios estudantes acerca da escolarização deles bem como da relação que suas famílias mantêm com este processo e, em outro momento, através de entrevistas semiestruturadas, teremos um retrato do que as famílias pensam acerca da escolarização dos “filhos”.

Isso significa que tiveram voz, nesta pesquisa, tanto os estudantes-universitários quanto suas famílias, o que nos permite uma visão mais aprofundada acerca da questão em estudo. Não se trata de ver apenas um lado da moeda, um ângulo da paisagem, mas buscar compreender em quais pontos convergem ou divergem esses sujeitos no tocante à atuação ou não das famílias no processo de escolarização dos “filhos”, desde a educação básica ao ensino superior, procurando vislumbrar as práticas imersas nessa tela social.

Esclarecemos também que a palavra filhos encontra-se grafada entre aspas: “filhos”, a fim de pontuar que nem sempre é a figura da mãe, madrasta, ou do pai, padrasto que assumem um papel importante na escolarização desses jovens universitários. Muito embora as mães sejam, até o momento dessa pesquisa, a mais indicada como o sujeito familiar que desempenhou funções mais importantes frente à formação dos filhos, vimos que outros

sujeitos rodeiam a relação família e escola, assumindo, inclusive, papel decisivo no prolongamento da escolaridade desses estudantes.

Consideramos a análise a seguir como um encontro: encontro esse entre duas realidades e uma pesquisadora aprendiz. A partir de agora, entram em cena Maria e José, codinomes dos estudantes participantes desta pesquisa, que abriram as cortinas de seu percurso e compartilharam conosco importantes elementos sobre seu processo de escolarização e a presença ou não de suas famílias na formação escolar, desde a educação básica ao ensino superior.

Vale salientar que nas seções: Quem é Maria? Quem é José? Utilizamos, principalmente, informações dos questionários, respondidos por esses estudantes, já nas seções que tratam sobre a Escolarização Básica - Família, Educação Básica e preparação para o vestibular - Família e o processo de acesso e permanência na Universidade, fizemos uso dos dados produzidos pelos estudantes no Balanço do Saber.

Portanto, nas linhas a seguir, conheceremos as trajetórias escolares de Maria e de José. Ressaltamos que muito embora se trate de dois percursos específicos, há muitas Marias e José na Universidade Federal de Sergipe e nossa intenção, ao investigar essa amostra, foi procurar compreender o fenômeno família e escola no percurso dos estudantes universitários da UFS. Abramos a porta de nossas casas acadêmicas e ouçamos o que Maria e José têm a nos dizer.

3.1 QUEM É MARIA?

É uma jovem universitária da Universidade Federal de Sergipe, cursando o 8º período do curso História (Licenciatura)/ noturno. Ingressou na UFS em 2009.2, não cotista, considerando que o sistema de cotas só foi implantado nessa universidade no ano seguinte, em 2010. Possui entre 21 e 25 anos, solteira, declara-se como evangélica e considera a família dela como pobre. Atualmente, mantém-se financeiramente atuando como Bolsista na UFS, participando de um grupo de pesquisa.

Mora na mesma cidade em que estuda: São Cristóvão-SE, embora parte de sua família resida em uma cidade do interior sergipano: Nossa Senhora da Glória-SE, distante da capital 125Km, e divide casa/apartamento com outros estudantes, prática muito presente entre os universitários, seja ela a de morar em residência universitária, custeada pela Universidade, ou

dividindo aluguel de casa/apartamento com outros estudantes tal como é o caso da estudante Maria. Essa jovem cursou todo o ensino médio em escola pública e passou no vestibular da UFS em sua primeira tentativa.

Maria, assim como outras Marias do Brasil e do mundo, possui uma família nos moldes das novas configurações familiares. Seus pais são separados. Na casa da família residem a mãe da estudante e uma tia que dela recebe cuidados; possui três irmãos que, como Maria, procuraram novas rotas e já não residem com a matriarca. No tocante à escolaridade e ocupação do pai, esse não concluiu o ensino fundamental e é autônomo, já a mãe não concluiu o ensino médio e a principal ocupação dela é ser dona de casa.

Quadro 14: Escolaridade e Ocupação da Família de Maria

Membro Familiar	Escolaridade	Ocupação
Mãe	Ensino Médio incompleto	Dona de Casa
Irmão mais velho	Ensino Superior completo	Professor
Irmão do meio	Ensino Fundamental incompleto	Autônomo
Irmã mais nova	Ensino Superior em andamento	Professora
Pai	Ensino Fundamental incompleto	Autônomo

Fonte: SOUZA, 2014.

No interior de uma mesma família, encontramos percursos muito diversos. De um lado, temos percursos que se aproximam em relação ao prolongamento da escolaridade, o irmão mais velho e a irmã mais nova de Maria alcançaram o ensino superior e, embora não lhes tenha sido garantia, quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade de ocupar melhores posições sociais no mercado de trabalho. Ambos já atuam como professores.

Do outro lado, temos percursos que divergem da trajetória de Maria. A mãe, dona de casa, não concluiu o ensino médio, o pai e o irmão do meio não concluíram o ensino fundamental, ocupando a mesma posição no mercado de trabalho: são autônomos. Sabemos que, diante da insegurança que vive a economia mundial, desenvolver funções como essa podem sofrer diversas instabilidades.

Maria informou-nos no questionário, antes da produção do Balanço do Saber, que a mãe dela acompanhava seus estudos nos primeiros anos da educação básica, depois ela se tornou mais independente. Esse dado remete-nos ao estudo de Pinto et al. (2006), no qual as pesquisadoras envolvidas concluíram que à medida que os filhos vão elevando seu grau de

escolaridade, a participação/presença dos pais no contexto escolar vai decrescendo, o que não se constitui como regra geral, obviamente.

A estudante Maria avaliou a atuação familiar no acompanhamento da educação básica como boa. Em relação à família e ao ingresso dela na Universidade, ela indica que “sempre incentivou e acreditou em mim”. Maria informou também que a família acompanha sua vida como estudante universitária: “sempre converso com minha mãe sobre as atividades que exerço na UFS”, uma relação de diálogo que se mostra mais presente entre filhos e mães, conforme atestou Romanelli (2010). Vale salientar que ela atribuiu nota 9,0 à família pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior, o que a situa na avaliação como excelente.

Apresentamos, a seguir, o significado de Família para Maria, ela expõe: “As pessoas com quem mais convivemos e temos vínculo”. Se restringíssemos essa compreensão ao fato de que Maria, atualmente, convive fisicamente menos tempo com seus membros familiares, parecer-nos-ia que este conceito não está sintonizado à realidade dela, o que não é verdade. Ao mesmo tempo, podemos inferir que este conceito pode ser situado tanto com a família sanguínea de Maria, quanto pode associar-se às pessoas com as quais convive em sua moradia (São Cristóvão-SE) e com os sujeitos da Universidade, mais vinculados a ela. Novos laços familiares passam a estreitar-se nessas relações.

A presença familiar em seu percurso escolar, inclusive acadêmico, é marcante, e o fato de morar na mesma cidade que estuda, o que implica na redução de tempo presencial com os membros da família, não significa, necessariamente, um afastamento de sua vida universitária da vida familiar.

Maria comentou também acerca da nota: 9,0, por ela atribuída à família pelas contribuições no seu processo de escolarização. Ela explica: “Minha mãe e meu irmão mais velho sempre foram suporte na minha trajetória como estudante, porém o meu pai, ainda quando morava em nossa casa, dava pouca atenção para isso”. Essa afirmativa revela questões relevantes para essa pesquisa: a nota 9,0 é para a mãe de Maria e seu irmão mais velho, pois desempenharam um papel fundamental na trajetória escolar dela: “suporte”, mais adiante, iremos compreender melhor a qual suporte Maria está referindo-se, outro elemento é o fato de o pai, mesmo quando morava junto aos filhos e à mãe de Maria, não ter dado a devida atenção aos estudos deles. Pensar nesse terreno tão diverso é nosso dever.

A seguir, conheceremos a produção do Balanço do Saber de Maria, na sequência, Quem é José? E o Balanço do Saber por ele produzido. À guisa de considerações, apresentamos, ao final desse texto, um apanhado geral sobre as trajetórias desses dois

importantes personagens reais: a Maria e o José da Universidade Federal de Sergipe. E que essas histórias possam nos despertar a pensar sobre as trajetórias de diversos estudantes universitários que, como eles, enfrentam desafios e possibilidades no cotidiano de suas vidas.

ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA (ENSINO MÉDIO) DE MARIA

Vida Maria: essa é a expressão que dá abertura ao nosso texto. Ao tratar sobre a educação básica a qual teve acesso, Maria compartilha seu gosto pelos estudos, desde cedo. As figuras da mãe e do irmão mais velho, o filho primogênito, já aparecem como centrais no seu processo escolar. Algo que nos chamou a atenção foi os termos “suporte e limitações”, utilizados por ela ao se referir às condições familiares, reside aí uma relação em oferecer suporte à vida escolar dos filhos, apesar de certas limitações, uma espécie de esforço em prol do sucesso escolar dos filhos, conforme relato de Maria:

Comecei a estudar cedo e sempre gostei muito desde criança. Minha mãe e meu irmão mais velho sempre me deram suporte dentro de suas limitações. Meu pai teve pouca participação nesse sentido tanto quando morava em nossa casa, quanto quando não morava mais. Foi um período, em sua maior parte, de grandes dificuldades (Balanço do Saber, Estudante Maria).

Outro elemento que nos convidou à reflexão foi o da pouca participação do pai de Maria na vida escolar, quer no período em que ele residia junto à família, quer quando não estava morando mais com eles. Ela ressalta que esta fase esteve marcada por grandes dificuldades, consequências da separação dos pais. Sabemos que esse conjunto de situações podem afetar o processo escolar dos filhos e que esta é uma realidade de muitas famílias brasileiras.

Quanto ao ensino médio, público, Maria demonstrou contentamento diante daquele por ela realizado:

O meu ensino médio foi muito bem feito, o quadro de professores da escola que estudei era muito bom. As aulas eram em tempo integral e havia um investimento muito grande no tocante aos formandos. O ano em que passei no vestibular foi Récord de aprovações até então (Balanço do Saber, Estudante Maria).

Destacamos alguns pontos relevantes acerca do ensino médio público ao qual Maria teve acesso: a expressão “foi muito bem feito” depreende que tanto a instituição escolar quanto a estudante procuraram realizá-lo com afinco, teve “professores muito bons” é o que afirma Maria, tratava-se de uma escola de ensino integral o que a situa entre as melhores escolas públicas da Rede Estadual de Sergipe.

A estudante relata, inclusive, que no ano em que passou no vestibular, a escola da qual fazia parte foi récord em aprovações e que houve grande investimento nos formandos, isto é, concluintes do ensino médio, o que demonstrou um trabalho empreendido a fim de que esse objetivo fosse alcançado. Compreende-se, portanto, que a aprovação de Maria era algo já esperado, planejado, não se tratava de obra do acaso, sucesso que foge à regra, a exceção de uma escola, um percurso já estava sendo delineado, desde que ingressou naquela escola.

Maria também relata: “Além de me esforçar no colégio, fiz cursinho (Pré-SEED)”. Através dessa informação, podemos notar o foco que essa estudante possuía em relação ao ingresso no ensino superior, pois estudava em uma escola de ensino integral e ainda realizava o curso preparatório, oferecido pela Rede Estadual, aos alunos egressos de escolas públicas ou que estavam concluindo-o, tal como é o caso de Maria. Uma vida dedicada à escola com os pés na educação básica, mas a mente já estava projetando-se na Universidade.

FAMÍLIA, EDUCAÇÃO BÁSICA E A PREPARAÇÃO DE MARIA PARA O VESTIBULAR

Família: eis a caixinha de surpresa dessa pesquisa. Segundo Maria, ela teve da figura materna e do primogênito de seus irmãos, tanto o apoio material quanto o incentivo na fase de preparação para o vestibular. Sabemos que estudar, mesmo que estejamos falando do Brasil e da rede pública de educação, demanda sempre o seu financiamento, afinal nele estão imersas inúmeras despesas, tais como fardamento, apostilas, livros, excursões e eventos escolares, alimentação, entre outras, o que exige das famílias certos custos, mais de umas ou menos de outras a depender de suas origens sociais.

Vejamos como se expressa a jovem estudante no tocante à relação família e escola e a preparação dela para o vestibular: “Julgo de uma importância o apoio que tive de minha mãe e meu irmão mais velho nesse sentido. Tive apoio financeiro, também foi possível sanar algumas dívidas, além do incentivo que recebi”.

Ao ser indagada se achava que a família mobilizou-se, empenhou-se de alguma maneira para que ela ingressasse na Universidade Federal de Sergipe e de como isso teria acontecido, Maria expôs:

Sim. Pude tirar algumas dúvidas com meu irmão, que já estudava na UFS. Ele me deu muito suporte, principalmente, na questão financeira e sobre como funcionava as coisas na Universidade. Minha mãe me apoiava em tudo, inclusive quando tive que ir morar em São Cristóvão (Balanço do Saber, Estudante Maria).

Percebemos que o fato de seu irmão mais velho já estudar na UFS possibilitou-lhe o esclarecimento de dúvidas, muito típicas dos estudantes iniciantes, denominados de calouros, ou daqueles que aspiram nela ingressar tal como Maria à época. Outra questão importante foi o apoio dado pela mãe até mesmo quando ela precisou ir morar em São Cristóvão-SE, na qual está situada a Universidade Federal de Sergipe, uma vez que para dar continuidade à vida acadêmica foi necessária essa decisão.

No tocante à relação família - escola - universidade, Maria explica: “Essa relação tem que definitivamente existir. Sem um suporte familiar é muito difícil concluir um curso devido a tantas dificuldades que surgem ao longo dos anos”. A família seria uma espécie de pilar de sustentação frente às adversidades, inclusive acadêmicas.

Segundo Maria, a conclusão de um curso torna-se muito difícil, quando não se há um suporte familiar. Transparece na escrita dela que a continuidade do curso acadêmico, História (Licenciatura) por ela sendo cursado, só tem sido possível graças à família que possui, o que demonstra a função relevante que esta ocupa na sua trajetória escolar e trajetória acadêmica. Sob a ótica de Maria, este é o significado de família:

Família são as pessoas com quem convivemos por possuímos algum vínculo sanguíneo. Talvez seja mais do que isso, pois muitas vezes construímos outras famílias, mesmo não sendo parentes. Por fim, são pessoas próximas a nós, com quem podemos contar (Balanço do Saber, Estudante Maria).

A família pode representar laços sanguíneos ou não, pois como bem defende Maria “construímos outras famílias, mesmo não sendo parentes”, estaria ela referindo-se àquelas que construiu na vida acadêmica, em sua nova moradia, na educação básica ou mesmo em outros

grupos sociais dos quais tenha feito ou faça parte em sua vida pública? Possivelmente sim. Ela enfatiza ainda que “são pessoas próximas a nós, com quem podemos contar”. Eis uma nova concepção de família: Família Maria.

A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE MARIA NA UNIVERSIDADE

E agora, Maria? Você foi aprovada no vestibular, ingressou na Universidade Federal de Sergipe, alcançou seu objetivo, mas como será daqui por diante? Essa é uma pergunta que ainda ecoa a muitos dos estudantes universitários, mesmo aqueles das instituições públicas.

Maria atribuiu sua aprovação no vestibular da UFS à mãe e ao irmão mais velho, pois, como já vimos, teve deles o apoio necessário. Mas, e agora, houve ou há algum tipo de suporte, dado pela família, que tenha favorecido a sua permanência na Universidade, ela explicita o seguinte:

Há principalmente no que diz respeito ao apoio financeiro. Como quando ingressei na UFS, não trabalhava, precisava de dinheiro para pagar o ônibus que ia de Glória para a UFS, também para refeições, apostilas, etc. Quando passei a ser bolsista, minha bolsa sempre atrasava e precisava recorrer a minha mãe e/ou a meu irmão mais velho para pagar meu aluguel e para outras despesas (Balanço do Saber, Estudante Maria).

A vida acadêmica tem um preço. O acesso ao ensino superior exige dos estudantes certos capitais, inclusive o capital material, a fim de custear despesas como as bem apresentadas pela jovem Maria: transporte, alimentação, materiais. Além de todas essas questões, situa que quando se tornou bolsista, o que lhe traria melhor estabilidade acadêmica, enfrentou ainda problemas de atraso, o que a obrigava solicitar ajuda à mãe e ao irmão mais velho para pagar despesas, a exemplo do aluguel. Vida de inconstâncias e de superação.

Os primeiros tempos na universidade são marcados por turbulências: diferenças entre o colégio do ensino médio e a universidade, separação recente dos pais e dificuldades, mas Maria sinalizou também que, nesse período, grandes amizades começaram e seu encontro com a História foi se consolidando mais e mais, conforme podemos observar a seguir:

Primeiramente, o estranhamento do local, que era bem diferente do Colégio que estudava. Mas também foi um período que passei por muitas dificuldades. Meus pais tinham se separado no ano anterior e as dificuldades foram muitas. Mas também foi um período que fiz grandes amigos e que começava cada vez mais a me identificar com a História (Balanço do Saber, Estudante Maria).

Para concluir a produção do Balanço do Saber, Maria foi convidada a escrever sobre o que significava pertencer àquela família e ser uma estudante universitária na Universidade Federal de Sergipe? Então, ela explica:

Para mim, pertencer a essa família e ser estudante da UFS é algo que me faz remeter por um lado às dificuldades que tive e tenho que enfrentar, mas por outro também ao que diz respeito à minha mãe que não teve muitas oportunidades na vida, querer um futuro diferente para nós. E ao meu irmão mais velho, que foi o primeiro a concluir um curso superior na UFS, o que me incentivou bastante (Balanço do Saber, Estudante Maria).

A forma como Maria tratou de sua trajetória escolar e do lugar que ocupa sua família neste processo é muito instigante. Ao mesmo tempo em que pontuou, no presente e no passado, as dificuldades que marcam e já marcaram seu percurso, ela reforçou o papel fundamental que a mãe teve em sua vida escolar, uma vez que essa procurou contribuir para a construção de novas histórias para os filhos, diferentes da sua própria história, e do irmão mais velho que, tendo sido o pioneiro da família a concluir um curso superior na UFS, foi a força motriz para que Maria galgasse e alcançasse o ensino superior público nesta instituição federal.

A seguir, vejamos o outro lado da moeda ou seria o mesmo? Conheceremos a trajetória do jovem José, egresso do ensino médio privado, que como Maria tornou-se estudante universitário na Universidade Federal de Sergipe. Vimos o lugar que a família de Maria ocupou na sua trajetória escolar e ainda ocupa na trajetória acadêmica. Agora, estaremos diante da trajetória de um estudante que em alguns aspectos diverge do percurso de Maria e em outros se aproxima. Muito prazer, José. Seja bem vindo a essa pesquisa!

3.2 QUEM É JOSÉ?

É um jovem universitário da Universidade Federal de Sergipe, cursando o 9º período de Odontologia/ diurno. Ingressou na UFS em 2007, não tendo participado do sistema de cotas, uma vez que o mesmo só foi implantado nessa instituição em 2010. Possui uma idade entre 26 e 30 anos, declarou-se como solteiro, evangélico e de família de classe média.

Atualmente, mantém-se financeiramente na universidade através de mesada da família e reside em Aracaju-Se com parentes. Realizou todo o ensino médio em escola particular e foi aprovado no vestibular da UFS após duas tentativas.

Quadro 15: Escolaridade e Ocupação da Família de José

Membro Familiar	Escolaridade	Ocupação
Mãe	Ensino Médio completo	Professora
Pai	Ensino Fundamental completo	Escriturário
Irmã mais velha	Pós-graduação completa	Assistente Social
Irmão do meio	Ensino Superior em andamento	Técnico em Edificações
Irmão trigêmeo	Ensino Médio completo	Autônomo
Irmão trigêmeo	Ensino Médio completo	Não trabalha

Fonte: SOUZA, 2014.

Segundo José, durante a educação básica, a família ajudava nas lições, a estudar para provas e participava das reuniões na escola. Ele avaliou a atuação da família no acompanhamento de sua vida escolar na educação básica como muito boa e em relação ao seu ingresso na universidade, informou que a família sempre incentivou e acreditou nele.

Mas queremos chamar a atenção para o seguinte: muito embora a família tenha realizado esse acompanhamento escolar dos filhos, José alcançou um percurso escolar diferente dos seus dois irmãos que com ele compõem os trigêmeos, mostrando que não nos basta a atuação da família no processo de escolarização, é preciso muito mais, inclusive a mobilização do sujeito na definição e busca de seus projetos. Três irmãos que, apesar de nascerem juntos e crescerem no mesmo berço familiar, obtiveram trajetórias muito distintas.

Quando questionado se a família acompanha, atualmente, sua vida como estudante universitário, ele respondeu que “não, agora a responsabilidade é apenas minha”. Descreveu a

família da seguinte forma: “A família é fundamental para a construção do carácter da pessoa. É a base de todos”.

José atribuiu nota 10,0 à família dele pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior. Ele explica: “A minha mãe sempre acompanhou a minha educação básica, escolar, até porque ela era minha professora de reforço em casa. E no ensino superior sempre me incentivou e deu apoio aos meus estudos”. Encontramos, nessa expressão do estudante, a figura da mãe professora e incentivadora do filho no tocante aos estudos.

A prática do reforço escolar aparece como uma estratégia da qual faz uso a família de José, mais especificamente a sua mãe, que o realiza, a fim de que a educação básica do filho fosse mais bem sucedida e, no ensino superior, o incentivo e apoio da mãe são elementos presentes em sua trajetória. Conheçamos a seguir, mais profundamente, as apreciações de José sobre a atuação da família dele no seu processo de escolarização, desde a educação básica ao ensino superior.

ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA (ENSINO MÉDIO) DE JOSÉ

Iniciemos essa análise destacando que José realizou o ensino fundamental em escola pública e o ensino médio em escola particular. Ele conheceu as duas esferas. Sobre a sua vida escolar na educação básica e os elementos, situações, sujeitos que vêm à tona em sua mente, quando pensa nessa fase da formação dele, relatou:

Ensino fundamental – nessa fase não me preocupava tanto com os estudos. Essa fase o que mais marcou foram as amizades que foram ótimas. Ensino médio – já nessa fase o que mais marcou foi a excelência dos professores. Professores maravilhosos e capacitados que sempre mostrou a importância de ser alguém na vida (Balanço do Saber, Estudante José).

José destacou que, no ensino fundamental, foram as amizades que mais o marcaram, já no ensino médio, a excelência dos docentes. Esses, por sua vez, receberam de José os seguintes predicativos: maravilhosos, capacitados, o que demonstra a participação efetiva que tais profissionais desempenharam em seu processo escolar, que culminou no seu ingresso no curso de Odontologia da UFS. A lógica de os professores, a instituição escolar privada, terem mostrado a esse jovem a importância de ser alguém na vida possibilitou-lhe maiores chances

na busca de seu objetivo, conforme podemos corroborar nas palavras de José anunciadas abaixo:

Como o meu ensino médio foi particular, as minhas chances eram ótimas de conseguir uma vaga. É claro que os meus esforços e dedicação foram fundamentais para a minha aprovação. De nada adianta estudar em uma escola particular e não se dedicar (Balanço do Saber, Estudante José).

Eis a chave da questão: apesar de termos grandes disparidades na oferta da educação pública e da educação particular, é preciso considerar o elemento dedicação estudantil, tanto em uma como em outra realidade. Apesar de reconhecer que possuía maiores probabilidades de ser aprovado na UFS por ter realizado o ensino médio particular, lembrando que à época concorreu às vagas em ampla concorrência, isto é, junto a todos pela mesma oportunidade, José esclareceu que os esforços e dedicação por ele empreendidos foram decisivos na aprovação dele no vestibular e concluiu afirmando que se o estudante não for dedicado, é inválido estudar em escola particular.

Essa afirmação faz-nos remeter à discussão do circuito virtuoso e circuito vicioso quanto ao prolongamento escolar (NOGUEIRA, 2010, p.129), pois nos alerta para o fato de que os sujeitos não estão fadados ao fracasso nem também ao sucesso, mas que as trajetórias são pelos homens e mulheres construídas.

Tal como Maria, José realizou o pré-vestibular a fim de melhor preparar-se para os exames, a diferença entre eles, nesse aspecto, consiste no seguinte: enquanto Maria participou do Pré-SEED, pré-vestibular realizado pelo Governo Estadual de Sergipe, José o fez em uma instituição privada, pago por seus pais:

Eu fiz o pré-vestibular e foi fundamental para a minha aprovação. Tinha professores muito capacitados e dedicados com aprovação do aluno. O pré-vestibular incentivava muito o aluno e se preocupava muito com o aluno. Claro que também a minha dedicação e esforços foram essenciais [...] Além do apoio e incentivo da minha família para conseguir uma vaga na UFS, eles pagaram um pré-vestibular ótimo que foi excelente para a minha aprovação (Balanço do Saber, Estudante José).

Algo importante a ser destacado nesse tópico foi que não sentimos no percurso de José as dificuldades, principalmente materiais, que percebemos na trajetória de Maria. Elemento

que pode ser entendido se pensarmos na configuração familiar de ambos, nas origens sociais: Maria declarou-se como pertencente a uma família pobre, já José como família de classe média. Cada sujeito é reflexo de sua realidade, de seus projetos e de sua capacidade interventiva nesse contexto. Vida Maria e Vida José são histórias reais que ora se cruzam e ora se desviam.

FAMÍLIA, EDUCAÇÃO BÁSICA E A PREPARAÇÃO DE JOSÉ PARA O VESTIBULAR

A fase da educação básica e a preparatória para o vestibular teria alguma relação com a família do estudante, hoje universitário? Se sim, em quais medidas? Essa foi uma das nossas inquietações. José pontuou algumas questões a esse respeito:

No ensino fundamental, a minha mãe atuou de forma fundamental nos meus estudos. Ela era a minha professora de reforço em casa. Sempre me ajudava nas disciplinas que eu tinha dificuldade. Já no ensino médio como fui morar em Aracaju e estudar em escola particular, essa responsabilidade caiu sobre mim, então, fiquei super dedicado com os meus estudos (Balanço do Saber, Estudante José).

A mãe, mais uma vez, emerge como sujeito central nesse processo, sobretudo, por sua atuação como professora de reforço escolar do filho, tal como já foi dito nesse texto, quando ele era aluno do ensino fundamental. O “sucesso escolar” desse jovem encontra suas raízes nas experiências da infância e do apoio incondicional da mãe; no ensino médio, com a responsabilidade em suas mãos, toma como base de estudo e disciplina as experiências da mãe professora.

Ainda no ensino médio, houve uma “ruptura” familiar: ele foi morar em Aracaju e passou a estudar em escola particular, então, a mãe professora saiu de cena e o estudante, responsável e “super dedicado” com os estudos, teve sua estreia no espetáculo da escolarização.

José diferiu-se de Maria nesse contexto, uma vez que a saída da casa dos pais, a matriz, deu-se ainda na educação básica, enquanto a de Maria só ocorreu após o início do curso superior. José muda-se para outra moradia dos pais na capital e Maria para uma casa alugada em São Cristóvão-SE, cujas despesas são divididas com outras Marias, que vivenciam contextos contrastantes e semelhantes ao seu.

Também indagamos José sobre o que ele pensa a respeito da relação família-escola-universidade, e ele nos respondeu:

Uma relação muito importante, pois a família tem o compromisso de incentivar a criança a ter o desejo de estudar, ou seja, indo à escola. A escola é a base para se tornar um bom cidadão e almejar a ser alguém na vida, com essas estruturas: família e Educação Básica, conseguiremos alcançar a universidade para se tornar um bom profissional e atingirmos o alvo da sociedade, buscando sua melhora (Balanço do Saber, Estudante José).

José enfatizou a importância primeira da família que deve incentivar a criança, desde cedo, a ter desejo de estudar. Quando lemos essa expressão, ela traz à tona um debate em torno da desmotivação de muitos alunos em escolas na atualidade, o que teria tornado certas escolas desinteressantes ou os alunos desinteressados? Questões a pensar, mas a verdade é que a família de José conseguiu o oposto: despertou o menino Zezinho pelo gosto de estudar.

Quanto à escola, associa a ela a função de formar cidadãos que almejem obter sucesso na vida e defende que é a partir dos pilares: família e educação básica, que se torna possível ingressar na universidade, tornar-se um bom profissional e contribuir para melhorias sociais.

Compartilhou conosco também o significado de família para ele: “A família é a base das nossas vidas. É o nosso maior tesouro onde temos o amor verdadeiro e sincero. A família é única e deve ser valorizada e preservada”. José apresentou uma concepção de família, pautada nos moldes tradicionais, uma família considerada base, tesouro, fonte de amor, sinceridade, única, a ser valorizada e preservada, tais expressões revelam também as raízes de sua fé cristã, afinal, somos sujeitos plurais e, por isso, devemos ser respeitados: acadêmicos, cristãos ou não, homens ou mulheres, pobres ou ricos [...] E são todas as nossas diferenças que nos tornam singulares e especiais.

Conheceremos, a seguir, alguns dados no tocante à possível relação entre a família de José e o processo de acesso e permanência dele na Universidade, uma vez que ingressar na universidade é uma conquista, mas permanecer nela representa uma conquista ainda maior.

A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ACESSO E PERMANÊNCIA DE JOSÉ NA UNIVERSIDADE

Passei no vestibular, conquistei minha vaga na Universidade Federal de Sergipe, como será agora minha vida universitária? Esse é um questionamento muito frequente entre os

estudantes universitários nos seus primeiros tempos na academia, mas para chegar até lá foi preciso um percurso. Ao ser indagado a que ou a quem José atribuía sua aprovação no vestibular da Universidade Federal de Sergipe, ele declarou:

Primeiramente, dedico ao meu Deus que sempre esteve do meu lado nos momentos de angústia e ansiedade em fazer a prova do vestibular. Em segundo lugar, a minha família que sempre me incentivou, deu apoio e acreditou na minha aprovação. Em terceiro lugar, a mim mesmo devido a minha dedicação e sacrifícios. E, em quarto lugar, ao excelente pré-vestibular em que cursei, onde os professores eram excelentes e sempre davam aquela dica que fazia a diferença (Balanço do Saber, Estudante José).

Vários elementos se cruzaram na trajetória de José para que ele alcançasse seu objetivo, se é que podemos denominá-lo assim, ou seria um objetivo coletivo? Pois cita a fé em Deus, a família, sua dedicação e sacrifícios e, por fim, o excelente pré-vestibular e professores que teve, como sendo os sujeitos, elementos, aos quais associa sua aprovação no vestibular da UFS.

Descreveu a realização do vestibular como um momento marcado pela angústia, ansiedade, e destacou que Deus esteve ao seu lado e, por isso, dedicou a sua conquista em primeiro lugar a Ele. Sobre a família, diz que ela sempre o incentivou, apoiou-o e acreditou na aprovação dele, características fundamentais: a família não apenas incentiva e acredita em José, mas o apoia em tudo que lhe tem sido necessário, sabemos que este apoio envolve elementos materiais e não materiais, ambos essenciais para o prolongamento de escolaridade de José.

Compreenderemos melhor esse apoio nas linhas que se seguem, através das quais estão as apreciações de José no tocante à seguinte questão: se houve ou há suporte dado pela família, que tenha favorecido a sua entrada e permanência na Universidade. Vejamos o que nos diz José:

Sim. A minha família sempre se preocupava com os meus estudos e de ser alguém na vida me dando incentivo e apoio. Pagou um ótimo pré-vestibular para eu alcançar a tão almejada faculdade. E o apoio financeiro depois que entrei na universidade foi fundamental, pois o meu curso exige muito e eles não mediram esforços (Balanço do Saber, Estudante José).

Lembremos que o estudante José cursa Odontologia e este é um curso muito dispendioso, não sendo José um estudante-trabalhador nem trabalhador-estudante, é preciso que se retome aqui que o mesmo é mantido por mesada da família, o que significa um empreendimento alto por parte da família que o mantém como filho que mora na capital e como estudante universitário do curso Odontologia. Enfatize-se que, segundo José, os pais, “não mediram esforços”. Verem o filho tornar-se um dentista era um sonho possível, uma realidade cada vez mais próxima, por isso, o empreendimento.

José também falou sobre seus primeiros tempos na Universidade. Ele revelou suas expectativas diante da nova fase que se iniciava: “As descobertas de um novo mundo, de novas ideias e de ser um cidadão responsável e comprometido com o objetivo de ser um excelente profissional para contribuir com o progresso da minha sociedade”. Foi assim que a UFS apresentou-se para ele: “novo mundo”, “novas ideias”, possibilidade de torná-lo um profissional excelente a fim de contribuir com o progresso social. O foco de sua visibilidade era a formação profissional que a Universidade poderia lhe ofertar.

Por fim, José expressa-se sobre o que significa pertencer à família dele e ser um estudante universitário na Universidade Federal de Sergipe. Ele explica: “É um orgulho para a minha família eu ter um ensino superior, onde desde a educação básica sempre me incentivou a ser alguém na vida. É um privilégio, pois a universidade é de nível federal, sendo reconhecida no mundo todo”.

Destacamos que José reconhece ser ele motivo de orgulho para a família, pois a semente foi lançada em seu percurso, desde a educação básica, e, ao mesmo tempo, situa sua conquista como um privilégio pelo fato de a UFS tratar-se de uma instituição pública federal, o que lhe confere maior reconhecimento e valorização social. Esse foi e é José!

3.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIDA DE MARIA E DE JOSÉ

Identificamos que práticas empreendidas como o reforço escolar, dado pela própria família, suporte, que envolve desde questões financeiras até estímulos necessários para prosseguir na carreira, seja ela escolar ou profissional. Enfim, foram alguns dos elementos que se entrelaçaram e contribuíram, decisivamente, no sucesso escolar de estudantes universitários.

Notamos nas trajetórias escolares de José, universitário egresso do ensino médio particular, e de Maria, universitária egressa do ensino médio público, a importância de Pré-vestibulares, quer tenha sido o ofertado pelo Governo Estadual quer aquele desenvolvido por escolas particulares bem conceituadas. Neves (2013), em seu trabalho, sinalizou o quanto as possibilidades dos sujeitos são diversas, inclusive para fazer uso do recurso pré-vestibular, quando as origens sociais nos apresentam certas limitações. Revelou-nos que:

Na prática, na maioria das IES públicas o ingresso continua ocorrendo através da aprovação em processo seletivo (provas dissertativas e/ou objetivas), denominado vestibular. Como os exames de admissão são muito competitivos, os alunos frequentam cursos pré-vestibulares durante o final do Ensino Médio ou após a conclusão deste. Como a maioria destes cursos são privados e pagos, alunos pobres dependem da oferta rara de cursos pré-vestibulares gratuitos ou de bolsas de estudo oferecidas em troca de trabalho (NEVES, 2013, p.282).

Outro fenômeno instigante foi trazido pela estudante Maria. Trouxe como algo particular de sua trajetória a importância de o irmão mais velho ser universitário da UFS, o primeiro da família a conquistar o acesso ao ensino superior público, e, agora, é ela que vivencia a inserção na UFS. Sobre esse processo, Romanelli (2010) abordou em seu estudo que estudantes, tal como Maria e seu irmão mais velho, vivenciam o que ele denominou de ascensão simbólica.

Para Romanelli (2010, p.118), “cabe considerar que esses estudantes, mesmo não tendo obtido o diploma do curso superior, vivem, no interior da própria família, uma ascensão simbólica, visível sobretudo para os pais, o que pode estimulá-los a continuar a auxiliar os filhos a concluírem o curso superior”. Embora para várias famílias ingressar no ensino superior seja um destino muito provável, para outras representa uma verdadeira conquista, obtida a partir de renúncias, investimento financeiro, manobras e muito esforço.

Percebemos também que esses estudantes vão adquirindo, ao longo do curso superior, certa autonomia na vida estudantil. A figura da mãe professora passa a ser da mãe que escuta, de pais que financiam despesas acadêmicas, que estimulam filhos a prolongarem suas carreiras escolares, de irmãos mais velhos que, conhecendo as regras do jogo escolar mais cedo, compartilham suas experiências para tornarem os percursos de seus irmãos menos duros, mais doces e proveitosos.

Outra questão marcante é a aspiração de alguns membros familiares em obter, visualizar, nesses jovens universitários, a possibilidade de percursos melhores que os deles.

Como vimos, os pais de Maria e de José não chegaram ao ensino superior. Aquele que conseguiu ir mais avante, concluiu o ensino médio. Eles pertencem a outra geração que teve oportunidades diversas às de seus filhos. Por isso, parte deles almejou o empreendimento escolar a fim de que seus filhos conquistassem e construíssem outras histórias.

São histórias marcadas, ora pelo sucesso escolar provável, ora por dificuldades e superação na busca constante de ocupar melhores posições no mundo da escolarização e do trabalho. Assim, foi nosso encontro com a vida Maria e vida José. A seguir, buscamos evidenciar as apreciações dessas famílias face à escolarização dos filhos.

3.4 O LUGAR DAS FAMÍLIAS DE JOSÉ (CCBS) E DE MARIA (CECH) NO PROLONGAMENTO ESCOLAR DOS FILHOS

E as famílias? O que dizem acerca do processo de escolarização dos “filhos”, ontem alunos da educação básica e hoje estudantes universitários? Neste espaço, iremos apresentar a análise das entrevistas, que foram realizadas com as mães dos estudantes universitários da UFS, em específico de dois jovens, cujas trajetórias escolares já nos são conhecidas: José (CCBS) e Maria (CECH). Tratando de dois percursos típicos que, muito embora não sejam capazes de retratar todas as trajetórias escolares, representam sim a possibilidade de refletirmos acerca do lugar das famílias em seus percursos escolares, desde a educação básica ao ensino superior.

Vale salientar que entrevistamos o familiar que o (a) estudante, participante dessa pesquisa, indicou-nos como o mais relacionado ao sucesso escolar por ele (a) obtido, isto é, ao acesso à educação básica, pública ou privada, seguido do ingresso no ensino superior público. Ambos estudantes escolheram a mãe como o sujeito da família, mais diretamente, responsável pelo prolongamento escolar, por isso, os dados que apresentaremos a seguir são resultantes das entrevistas que realizamos com as mães de José e de Maria.

Ressaltamos que nos foi muito gratificante mergulhar no universo desses sujeitos, ainda que não tão profundamente, se considerarmos o tempo que nos é possibilitado para a realização da pesquisa. De todo modo, tratou-se de uma experiência rica de estudo ao vivenciarmos o trabalho de campo em duas etapas: a primeira, tendo a percepção dos jovens universitários sobre as famílias no processo de escolarização deles e, a segunda, dando voz às

próprias famílias a fim de que estas apresentassem o sentido, significado, que atribuem a elas quanto ao prolongamento escolar dos filhos.

Ir às famílias, a suas residências, a busca pelo desconhecido ou esquecido espaço doméstico, onde práticas educativas, táticas e/ou estratégias começam a ser delineadas, em alguns casos bem cedo, noutros mais tardiamente, constituiu-se como elemento chave de compreensão do nosso objeto de estudo.

No tocante ao instrumento utilizado com as famílias, a entrevista semiestruturada, essa foi organizada em dois blocos: o primeiro, perspectivas da família sobre a escola e o segundo, ações da família no percurso escolar dos filhos: suas práticas. As famílias tiveram a oportunidade de se pronunciar e de se colocar diante da questão investigada. Como essas famílias vislumbram-se frente à longevidade escolar dos filhos, considerando os percursos escolares que vão da educação básica ao ensino superior público? Será que tais instituições se consideram parte integrante do sucesso escolar dos filhos? São questões que compreenderemos na análise a seguir.

Conhecemos duas trajetórias escolares, com suas aproximações e distinções: a da jovem Maria (CECH) e do jovem José (CCBS). Agora teremos acesso às apreciações que a Mãe de José e a Mãe de Maria fizeram mediante as entrevistas que, após serem realizadas, foram devidamente transcritas, buscando-se, ao máximo, a fidedignidade das falas, a fim de garantir a autenticidade dos dados que nos foram possíveis reunir nesse trabalho. Com a palavra, as mães de dois jovens universitários da UFS: Mãe de José (CCBS) e Mãe de Maria (CECH), assim as identificaremos.

MÃE DE JOSÉ (CCBS)

Esta senhora é mãe de cinco filhos, sendo José um dos seus trigêmeos. A mãe de José concluiu o ensino médio e exerceu a função de professora no mundo do trabalho, atualmente encontra-se aposentada. Vale salientar que, à época, não eram exigidos maiores níveis de escolaridade para atuar como docente, tais exigências e regulamentações foram sendo definidas com o passar do tempo.

Ao que vimos, os filhos dela obtiveram destinos escolares diversos: os dois irmãos mais velhos e José avançaram na escolaridade, possuem curso superior completo e pós-graduação e curso superior em andamento. Já os outros dois irmãos de José obtiveram resultados escolares distintos dos dele: ambos concluíram o ensino médio e, apesar de

tentarem realizar um curso superior em uma instituição privada, não permaneceram e desistiram do ensino superior até o referido momento.

Estes são alguns dos indicadores que nos leva a perceber que cada percurso possui suas marcas, ainda que estejamos tratando de filhos, nascidos à mesma época e socializados no mesmo universo escolar e cultural. Cada sujeito constrói relações peculiares com o mundo, consigo, com o outro, e a partir desse emaranhado de relações produz seus saberes, suas aspirações e delinea suas trajetórias.

Perspectivas da família de José (CCBS) sobre a escola

A mãe de José, ao ser questionada sobre o que seus pais pensavam acerca da escola, fez a seguinte revelação: “Naquela época, sempre incentivava. Meu pai e minha mãe sempre incentivava pra estudar, principalmente, minha mãe”. Essa fala indica-nos a presença paterna e materna na escolarização dos filhos, com destaque para a figura da mãe nesse processo, tal como já nos apontaram alguns estudos.

Para ela, a mãe desempenhou um papel muito importante, dizia: “ah, que tinha que estudar, que não podia ficar sem estudar. Isso aí, desde pequenininha”. Um estímulo e acompanhamento, desde tenra idade, fizeram a diferença na trajetória da Mãe de José e de seus irmãos.

Um dado que marcou a trajetória escolar dela foi a estratégia que os pais adotaram mudando-se de cidade a fim de que os filhos pudessem estudar em uma escola melhor, pois, à época, estudavam em uma escola do povoado, o que não lhes parecia favorável. Ela explica:

Não, no início assim foi na Sucupira (Povoado), sabe, depois a gente foi embora pra Dores (Cidade). Minha mãe queria ir embora pra Dores já pra, pra, não ficar estudando lá, pra ficar estudando em Dores que era melhor, aí estudei em Dores, aí depois a gente veio pra aqui e eu continuei aqui (Entrevista, Mãe de José).

Ao que nos foi possível perceber, trata-se de uma geração de famílias, mães, que fizeram uso de táticas e estratégias no território das trajetórias escolares dos filhos. Para retomar o que já discutimos anteriormente, assinalamos que a utilização de tática está associada aos grupos sociais que não detêm ou gozam de uma situação de poder. Mas, a situação de não dominantes, não os impede de aproveitar as situações e oportunidades que

possam lhes favorecer, ainda que num jogo de contingências e escolhas muito limitadas para alcançar seus objetivos. Já as estratégias são adotadas pelos grupos, detentores de poder, condição que os favorece na escolha efetiva das “armas” para obter êxito no que se propõe. Entretanto, tanto os grupos dominados como os dominantes podem, em diferentes conjunturas, lançar, utilizar-se de táticas e ou estratégias.

Dito dessa forma, podemos inferir que essa mudança de cidade com a finalidade específica de que os filhos tivessem uma escola melhor foi uma estratégia da família da mãe de José. Não nos foi apresentado nenhum outro elemento, agregado a essa questão, o que depreende ter sido uma ação direta e justificada pelo aspecto escolar, diferente do que ocorre em outras trajetórias como a da estudante Maria (CECH), que se viu obrigada a mudar de cidade para dar continuidade ao ensino superior, pois por outro modo seria muito dispendioso permanecer na universidade e não teria como se manter no curso.

Maria (CECH), nesse sentido, fez uso tático no território de suas práticas escolares, tal como quando realizou o ensino médio em uma escola de ensino integral, ao invés de matricular-se em outras escolas de sua cidade. Essas são questões a se pensar: sejam táticas ou estratégias, estamos certos de que elas ocuparam e ocupam lugar importante na escolarização dos filhos e dos familiares.

Quanto às diferentes famílias e modos de participação na vida escolar dos filhos, a mãe de José referiu-se às da sua época de escolarização, afirmando “Sempre tem umas que estimulam mais e outras menos, tem mães que não liga”.

Retomando às leituras, vimos que cada família atua, ou, não a partir do cenário que lhe foi, é, permitido, por isso, independentemente do tempo histórico que estejamos tratando, sempre haverá aquelas famílias consideradas como mais ativas e as menos ativas face à escolarização dos filhos, reflexo da dinâmica social. Nem todas as mães atribuem a mesma importância e valorização à escolarização dos filhos, o que ocorre em uma família nunca é igual ao que acontece em outras organizações familiares.

Buscamos também identificar o que a mãe de José pensa sobre a escola e essa nos revelou: “É onde os filhos da gente... que começa a aprender as primeiras letras e aí vai [...] Tem uma importância”. A escola é vista como a responsável pela educação formal, uma instituição importante nesse contexto.

No tocante à relação família-escola, a mãe de José acredita que essa relação não tem sido a mesma ao longo do tempo. Para ela, atualmente, encontra-se mais avançada, o que demonstra que, junto à conjuntura social, econômica, política, cultural, as relações que nela se realizam sofrem também processos de transformações.

Um elemento bastante interessante, que nos indicou, foi certa sintonia entre a atuação da mãe dela no percurso escolar dos filhos e a maneira como ela mesma atua no processo escolar dos seus próprios filhos, conforme podemos observar “A minha mãe com a gente acho que é a mesma coisa de eu hoje com eles, desde quando eles começaram. A minha mãe sempre disse: Ave Maria, era tudo na vida dela, tem que estudar”.

Para a avó de José, segundo a mãe dele, o estudo ocupava um lugar central e muito importante na vida das pessoas e, em especial, de sua família. Vale salientar que estamos tratando de gerações diferentes: avós - pais - filhos, e o sentido que a avó possuía sobre a educação, contagiou a mãe de José e, conseqüentemente, chegou à geração dele e de seus irmãos, muito embora, tal como já dissemos anteriormente, cada sujeito tenha se apropriado e se utilizado dos mecanismos disponíveis de forma específica e, portanto, os resultados escolares diferenciaram-se no interior da mesma família.

Em se tratando do acompanhamento escolar que a mãe de José recebeu em especial de sua genitora, ela destacou que antigamente as famílias, as mães, não costumavam ir à escola, a sua função concentrava-se em fazer os filhos estudarem em casa. Ela explica: “Era assim em casa. Na escola, naquela época, também não era assim de ir não, agora que em casa tinha que estudar!”.

Tal afirmativa indica-nos que cada ação, fato, fenômeno, precisam e merecem ser compreendidos em um tempo, espaço e contexto específicos, pois estes elementos circunscrevem práticas e fenômenos que se alteram a todo momento, prova disso é essa característica do acompanhamento escolar que, em um determinado período histórico, restringia-se ao espaço doméstico e ao envio dos filhos para a escola, e hoje contempla a atuação da família a partir de várias ações implementadas, tanto no espaço público: a escola, as associações de pais e mestres e outras, amigos da escola, instituições de reforço escolar, quanto na esfera doméstica: seio familiar.

Outro dado interessante foi a indicação da avó de José como o sujeito da família, mais relacionado ao acompanhamento escolar da mãe de José, duas gerações que se encontram a partir da atuação do mesmo sujeito. Dois destaques foram dados: o primeiro, mãe compromissada com a realização dos deveres de casa dos filhos, o que corrobora com as contribuições de Resende (2013) no tocante à relação família - escola através do dever de casa, segundo, a mãe que incentivou os filhos a estudarem, o que demonstra a relevância das expectativas familiares construídas frente ao percurso escolar dos filhos e de como elas contribuem nas trajetórias desses sujeitos.

Certamente para o período histórico no qual viveu a avó de José, possuir uma filha com ensino médio completo deve ter significado muito para ela, que valorizava tanto a educação, muito embora tenha tido acesso apenas ao que denominamos hoje de ensino fundamental menor incompleto. Contudo, a escola estava em primeiro lugar, conforme palavras da filha.

Uma questão observada foi que a mãe de José socializou a informação de que a mãe dela estabelecia, diariamente, um horário para que os filhos estudassem. Aqueles que estudavam na escola pela manhã, estudavam em casa pela tarde, já os que estudavam na escola pela tarde, em casa dedicavam-se a estudar pela manhã, prática educativa delineada a fim de obter o êxito escolar das filhas e do filho.

Essa rotina, ao que parece, era compatível ao sentido que ela dava à educação naquele contexto. Outra foi o baixo nível de escolaridade da avó de José: “Não, acho que naquela época não tirou nem a quarta série”, o que não consistiu em um fator determinante no sucesso ou insucesso escolar dos filhos.

Destacamos também que a avó de José dava a mesma atenção aos estudos das duas filhas e do seu filho. Se pensarmos que esta não era uma característica tão recorrente há algumas décadas, compreenderemos que a família da mãe de José possuía um perfil diferenciado da maioria.

Outro dado instigante é que, ao trazer suas perspectivas sobre a escola e a relação desta com a família, a mãe de José não fez menção do pai dela em seu processo escolar. Sabemos, contudo, que as ausências, tanto quanto as presenças, revelam-nos questões pertinentes. Pensemos nisso.

Questionada sobre até onde a educação é dever da família e até que ponto é dever da escola, a mãe de José explicitou “Acho que primeiro é em casa, né, a família, né, e segundo: a escola. Agora, primeiro tem que ser em casa, né, e segundo a escola”. A apreciação dela indica-nos um elemento importante: a educação é dever tanto de uma instituição quanto da outra, primeiro no seio da família e depois no âmbito escolar, o que demonstra a necessidade de que o trabalho realizado por elas deva ser complementar, uma subsidiando a outra. Todavia, sabemos que essa não é uma realidade presente em todas as configurações familiares.

Foi nossa pretensão investigar o papel das famílias no processo de escolarização dos “filhos”, desde a educação básica ao ensino superior. Para isso, indagamos tanto aos estudantes dos diferentes centros acadêmicos quanto às mães de José (CCBS) e de Maria (CECH). Ao ser questionada sobre em qual fase da educação: infantil, ensino fundamental,

ensino médio ou ensino superior, a família encontra-se mais presente e participativa na vida escolar dos filhos, a mãe de José revelou: “Eu acho que é do primeiro até o superior!”. Tal elemento indica-nos que ela considera a presença, participação, da família na escolarização dos filhos relevante, desde os anos iniciais de escolarização aos da educação superior.

Esse dado faz-nos remeter também a 67% da amostra investigada dos estudantes do CCBS. Esses nos informaram que suas famílias, atualmente, acompanham sua vida universitária sim. Já José, apesar de ter conferido nota 10,0 à família pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior, ele respondeu que a família não acompanha, necessariamente, a vida dele como estudante universitário, pois a responsabilidade agora é dele. Ao mesmo tempo, a mãe, durante a entrevista, disse que agora não se preocupa em fazer o filho estudar, ela esclarece “[...] não me preocupa não, com ele não! [...] Só que hoje assim: não é coisa que eu mando estudar, que eu me preocupo não. Com ele não!”.

A partir dessas informações, podemos inferir que José considera a família presente no processo, mas se trata de uma presença diferenciada, pois o estudante universitário assumiu a cena e precisa fazer jus ao lugar conquistado, adquirido: seu lugar de universitário, que lhe exige novas aprendizagens, maior autonomia, por outro lado, a família se considera presente, mas, sem tantas preocupações como é mais comum ao longo da educação básica.

Ações da família de José no percurso escolar dos filhos: suas práticas

Neste espaço, buscamos garimpar se houve a presença de práticas, estratégias, táticas ao longo da experiência de José, delineadas por parte da família, uma vez que já conhecemos as perspectivas da família sobre a escola, isto é, da mãe de José, inclusive sobre a experiência escolar dela, chegou-nos o momento de aprofundar essa compreensão entre mãe e filho, gerações que são marcadas por continuidades e descontinuidades.

Iniciamos essa parte da entrevista, buscando conhecer a percepção da mãe de José sobre a importância da família na vida de um estudante universitário. No caso dela, que hoje possui um filho estudando na Universidade Federal de Sergipe, realizando o curso superior em Odontologia, ela respondeu: “Ah, penso em incentivar para o melhor, né, porque não pode ficar só naquilo, que depois tem que fazer, como é que se diz? Especialização, que ele não pode ficar só parado naquilo, esse tipo de coisa assim”.

No tocante ao “lugar” da família na vida de um estudante universitário, a mãe de José demonstrou-nos que está atenta às exigências do mundo escolar e do trabalho, essa é uma das

contribuições à vida escolar do filho universitário. Ela reconhece que não basta que José seja formado em Odontologia, é preciso ir mais adiante, continuar estudando, mesmo após a conclusão do ensino superior. Vale esclarecer que nem todos os pais, mães, possuem o entendimento dessas questões.

Eis um assunto que gera bastante discussão na sociedade, cotas: sim ou não? Embora não seja nossa pretensão aprofundar o debate sobre as cotas nesse trabalho, talvez em outros, consideramos relevante conhecer as opiniões das famílias sobre esse assunto, uma vez que tivemos acesso tanto à mãe de José, cujo filho é egresso de escola privada, quanto à mãe de Maria, proveniente de escola pública, o que se constitui em uma oportunidade de ouvir pessoas de universos diferentes. A mãe de José (CCBS) afirmou não ser a favor do sistema de cotas e justificou a opinião dela a partir das seguintes razões:

Mulher, eu não sou muito a favor não! Porque tem gente que estuda, assim, paga, assim, tão caro, estuda muito e agora tem outro..., mulher, não sou muito a favor. Aí tem aqueles que têm até, como é que se diz, têm, assim, pontos a mais, né, aí aqueles da cota tem a menos e passa, aí fica no lugar do outro. Ah, isso aí eu não acho certo não! (Entrevista, Mãe de José).

Vale retomar que José vivenciou a experiência escolar do ensino fundamental em escola pública e, no ensino médio, o lado da moeda tornou-se o outro: a escola particular. É provável que a postura da mãe de José possua suas raízes aí, se o filho, a partir da dedicação nos estudos e esforço familiar, inclusive financeiro, para que ele estudasse em uma boa escola particular, não compôs o universo de sujeitos cotistas, por certo a família acaba conhecendo, parcial ou não, a disputa por vagas entre estudantes iguais, de mesma origem escolar e diferentes: origem escolar, social, racial ou deficiência, e, com isso, cada família constrói seu sentido sobre as cotas. Após suas apreciações, indaguei-a se as cotas eram uma boa solução e ela respondeu:

Não, eu acho que não. É bom pra quem, assim, estuda em escola pública, tudo é bom. Agora daqueles que, às vezes, consegue e não fica, né, e aqueles da cota ficam, ah, isso aí eu acho errado! Tinha que ficar, né, se eles ficassem, agora quem conseguiu também que ficasse. Eu acho certo isso (Entrevista, Mãe de José).

É nesse campo de tensão que reside o sentido, dado pelas famílias, às cotas. Nas linhas que se seguem, procuramos compartilhar as revelações da Mãe de José sobre a trajetória escolar do filho, antes de ingressar na UFS e depois. Ela explica “Ah, ele nunca foi assim um menino que desse trabalho, nunca, ele nunca me deu trabalho não. E depois, que ele ingressou na UFS, também aí foi que ele não me deu mesmo, de jeito nenhum! Ele sempre, nunca me deu, nunca! Sempre foi estudioso”.

No momento da entrevista, buscamos observar a expressividade da participante e pudemos notar como ela falava, orgulhosamente, do filho. Referiu-se a ele como estudioso, que nunca lhe deu trabalho e sempre reforçava “ele não”, o que deixa subentendido que outros componentes da família tenham, provavelmente, lhe dado essa preocupação, o que não ocorreu com José. Outra característica da trajetória escolar foi a de que se na educação básica a mãe de José não teve preocupações, sob o ponto de vista da formação escolar, dedicação do filho nos estudos, agora, no ensino superior, essa possibilidade é ainda menor.

Referente aos professores de José e à relação que estes podiam ter mantido ou não com a família dele, a mãe revelou que havia essa proximidade, quando José realizou o ensino fundamental na mesma cidade que os pais moram, mas, quando este se mudou para a capital do Estado a fim de realizar o ensino médio em uma escola privada, não houve mais esse contato entre família e professores.

Nota-se, portanto, que o percurso escolar de José foi bem sucedido, apesar de a família não permanecer presente no espaço físico da escola e manter maiores vínculos com os sujeitos escolares, isso não foi fator indutor de insucesso escolar, pois a participação da família no processo escolar ocorreu por outras vias.

Outro elemento bastante interessante é a mudança de cidade com a finalidade de ter acesso a uma escola de ensino médio melhor. Nesse sentido, tratou-se de uma estratégia individual do próprio estudante que tem no pano de fundo o apoio familiar, o que a torna também uma estratégia coletiva, pois depende da ação de outros sujeitos em uma rede de relações.

Quanto ao processo de escolha do estabelecimento de ensino no qual o filho realizou o ensino médio, sobre como foi escolher aquela escola particular, entre tantas existentes na capital, se houve algum critério, a mãe de José esclareceu:

Teve, assim, né, pessoas de lá mesmo, bote em tal lugar [...] E lá era bom também, porque era perto de casa, a vantagem maior era essa, né, que ficava

perto de casa, quando vai daqui do interior, né, aí a gente fica nervoso, quando vai do interior pra lá. Aí sempre procuramos uma perto de casa, que ele ia a pé e voltava a pé (Entrevista, Mãe de José).

Chegou o momento do ensino médio, José precisou enfrentar a mudança de cidade e de escola, e agora? A mãe de José optou pela escola particular, indicada por pessoas conhecidas que residiam na capital, seguindo também o critério de a escola ser mais próxima de sua residência em Aracaju-SE, o que certamente lhe tranquilizou pelo fato de o filho-estudante migrar para a cidade grande, outra realidade. Revelou também que fica lá e cá, isto é, continua morando no interior, mas sempre viaja à capital para dar algum tipo de assistência familiar aos filhos que moram juntos em Aracaju-SE, primeiro, foram os filhos mais velhos e agora um dos mais novos: José.

Essa realidade faz-nos remeter ao estudo de Costa et al. (2013), já situado nesse trabalho, no tocante às razões utilizadas pelas famílias para a escolha da instituição escolar na qual os filhos realizam a escolarização básica. Embora pareçam elementos simples, não o são, e merecem ser pontuados. Essas escolhas não ocorrem de forma vazia ou por acaso. Tal como já nos apontou Bourdieu (1997,1998), em seu conceito de estratégia, não se trata nem de uma obra do acaso, mas também não é fruto exclusivo de uma relação custo - benefício, transitando entre esse campo.

Ao concluir o ensino médio em escola particular, José continuou se preparando para o vestibular da UFS, uma vez que não havia conseguido aprovação na sua primeira tentativa. Entra em cena, outra estratégia familiar: o financiamento de um pré-vestibular na esfera privada, altamente conceituado no contexto sergipano, e a família não mediu esforços e contribuiu para que ele assim o fizesse.

Em relação à dinâmica da casa, se houve e/ou há um lugar específico para José estudar, a mãe dele informou que sim “Tem, tem: o quarto dele”. Essa informação demonstra que a vida em casa é uma extensão da vida escolar, universitária, e que o espaço do outro é respeitado, principalmente, se estamos tratando de formação.

Segundo ela, as pessoas da família respeitam de verdade o tempo e espaço dos quais se utiliza José para atender suas necessidades acadêmicas: “Ah, não, respeita, é. Ele fecha a porta, fica pra lá e pronto”. Sabemos que essa postura pode ser muito variável entre as diferentes configurações familiares, não se trata de uma regra, mas, certamente, esse aspecto tem se constituído como um elemento positivo na trajetória escolar de José.

Sobre a atuação dela no acompanhamento escolar de José, desde os primeiros anos de escolarização, explicitou: “Desde a educação infantil até a oitava série, eu tinha que ver as

notas, todos os meses eu tinha que saber das notas que ele tirou, né? Agora, depois que ele passou pra o ensino superior, aí agora já ficou com ele mesmo”. Essa fala demonstra a prática da mãe em acompanhar as notas do filho, o que reflete interesse pelo sucesso escolar, mas também aponta que no ensino médio e, principalmente, no ensino superior, essa prática não é recorrente.

Ao ser questionada se considera que a família contribuiu, de alguma forma, para que José ingressasse na Universidade Federal de Sergipe, respondeu com muita ênfase: “Com certeza! Todo mundo deu apoio a ele, né? Incentivou ele, ele queria, todo mundo fez de tudo, sempre todo mundo incentivou”.

Se observarmos, atentamente, nessa fala apareceu a expressão “todo mundo” no tocante ao incentivo, apoio, que José recebeu para ingressar na educação superior pública, mas, sem delongas, ao indagarmos se houve um membro que se destacou frente aos demais, a mãe de José informou-nos: “Eu sempre incentivei mais e acreditei!”.

Ao relembrar o momento em que a família recebeu o resultado de que José tinha sido aprovado no vestibular da Universidade Federal de Sergipe e do que significou essa aprovação para a família, a mãe de José declarou: “Ah, muito emocionante, né, muito emocionante, fiquei muito feliz! [...] Ah, muita emoção”. Segundo ela, essa emoção contagiou todos os membros da família.

A decisão em tentar uma vaga na UFS foi uma questão que José já tinha em mente, compartilhou e a família apoiou. A mãe de José explica: “A gente apoiou, foi isso aí. Ele que escolheu e a gente apoiou. É isso que você quer, então...”. Conforme pudemos observar, a escolha pela UFS deu-se pelas experiências acumuladas por José e, ao ser socializada no âmbito da família, recebeu o apoio necessário para manter seus projetos.

Uma marca da experiência escolar de José, que destacamos nas linhas a seguir, se trata de ele, desde o ensino fundamental, já pensar no vestibular, prova disso foi o fato de ter solicitado aos pais, no final do ensino fundamental, para estudar em outra escola, agora na esfera privada, a fim de melhor preparar-se para o seu futuro profissional e escolar.

Segundo a mãe de José, quando ele tomou essa decisão no ensino fundamental, já tinha essa visão de que queria fazer vestibular e ingressar no ensino superior da Universidade Federal de Sergipe, ela afirmou “É, ele foi, né, que queria fazer vestibular na UFS”. Aproveitamos o momento e indagamos se ela sabia como essa ideia do vestibular, da escolha pela UFS, brotou na cabecinha do filho, se foi na escola, entre amigos, em casa e ela nos disse que “Não, aí foi dele mesmo!”.

Sabemos, contudo, que se não foi propriamente no seio familiar, de forma direta, que esse interesse pelo vestibular e ingresso no ensino superior público ocorreu, é certo que confluuiu para isso o contexto de José: uma irmã mais velha com ensino superior, outro irmão cursando-o, uma mãe que sempre o motivou a estudar, a ter compromisso com a vida escolar, seja no acompanhamento das notas, realização monitorada dos deveres de casa, sendo professora de reforço escolar dos filhos, no apoio e incentivo para que o filho prolongasse a escolaridade, mesmo quando precisou concordar em o filho sair de casa, bem como nas relações que José estabeleceu e continua a estabelecer com seus pares. Todos esses elementos compõem a tela social da qual José fez e faz parte e essa, com certeza, mantém relação intrínseca com seus projetos de vida.

A vida universitária representa uma nova fase na vida dos estudantes, por isso buscamos saber se a relação de José com a família mudou de alguma maneira, quando ele ingressou na UFS. Quanto a isso, a mãe respondeu que não, afirmando que ele continua o mesmo, tendo apenas uma vida mais corrida.

Eis um desafio para muitos estudantes universitários: o enfrentamento às despesas acadêmicas e à permanência no ensino superior. No caso de José, a família considera que contribui para que ele realize seus estudos, conforme descrito a seguir:

Ah, tudo aquilo que, assim, que tá do alcance da gente, que a gente pode, a gente faz com ele, tudo aquilo! Como ele fez o, como é mesmo, aquele curso de cirurgia, né, que pagava tudo, não sei quanto por mês. Você não quer? Vá! Sempre, assim, o que ele quer, assim, aí eu sei que ele gosta muito (deu ênfase) de estudar, que é estudioso, aí tudo aquilo que eu posso fazer, que ele pede, eu mando que faça! (Entrevista, Mãe de José).

A conjugação do verbo na primeira pessoa do singular: eu, diz-nos muito. A mulher que decide, a mulher que trabalha, a independência financeira que leva a outras independências, esse cenário permitiu que a mãe de José: ontem professora, hoje aposentada, dê todo respaldo financeiro ao filho para que ele realize os cursos e tenha as despesas acadêmicas pagas sem que tenha, necessariamente, que recorrer a outros membros familiares.

Como vimos, ela iniciou a fala acima com o termo “a gente”, mas depois assumiu o “eu” e revelou seu compromisso de subsidiar José em sua trajetória acadêmica, o que contribui para que entendamos que há famílias, membros das famílias, tão presentes na trajetória escolar do sujeito durante o ensino superior, quanto o foram na educação básica, assumindo em cada fase um perfil específico, quer seja financeiramente, dando apoio, ou subsidiando com elementos de outra natureza.

Indagamos a mãe de José como ela vê esse compromisso, respaldo à escolarização de José, por parte dos outros membros da família, ela revelou: “O pai é, assim, mais parado, né? Já tem, assim, a, tem um dos irmãos assim, por exemplo, fulana, sabe, Cicrano que incentivou. Fulana, principalmente, sempre incentivava ele!”.

Mediante essa fala, notamos que os sujeitos mulheres, nessa família, são aqueles mais diretamente envolvidos com o sucesso escolar de José. Tal como já nos apontou Romanelli (2010) sobre o lugar do pai e da mãe em alguns percursos escolares por ele estudados, os de estudantes-trabalhadores, no percurso de José a figura do pai encontra-se mais distante, não afirmaremos que ausente, pois de alguma forma pode ter contribuído, e, no contexto de negociação com a esposa, podem ter dividido, ainda que não tão claramente, certas responsabilidades em relação à escolarização dos filhos. Nesse sentido, emergiu com maior intensidade a imagem da mãe no apoio à escolarização de José, seguida da figura dos irmãos mais velhos, em especial da irmã mais velha.

Com isso, ganha força a ideia de que as mães, mais que genitoras, são sujeitos cuja responsabilidade com a escolarização dos filhos tem se acentuado, mesmo se estamos pensando em uma sociedade na qual as mulheres ocuparam novos espaços e, por isso, já não têm o mesmo tempo que antes para o mundo doméstico, familiar, questões que devem ser consideradas em uma discussão como essa.

Procuramos também averiguar qual a visão da mãe de José sobre a relação trabalho-estudo no percurso dele, se José já havia enfrentado esse contexto ou não, se seria bom pra ele ou poderia ser negativo pelo fato de ele está estudando no momento. Ela explica: “É, né, poderia ser negativo, né, porque estudar e trabalhar ao mesmo tempo, aí, é, depende também, né, aí depende. Fica mais cansativo, né, pra ele, porque tinha que estudar e trabalhar”.

Mas, ao mesmo tempo em que demonstra ser negativo trabalhar e estudar devido ao cansaço, deixa uma brecha de que depende. Mais adiante, quando a provocamos sobre qual seria a postura dela caso surgisse hoje uma oportunidade de trabalho para o filho, que conselho de mãe, em relação a essa oportunidade de trabalho, daria ao filho, ela nos falou “Eu dizia que ele fosse, né, que já tá perto de terminar, só que eu tenho certeza que ele não vai, enquanto ele não terminar, ele também não quer”.

Eis aqui um elemento interessante, apesar de a mãe afirmar ser a favor de o filho experimentar o trabalho e o estudo, apesar dos limites que essa relação impõe, ela revelou que José optaria em somente estudar e essa escolha encontra apoio na família. Sabemos, todavia, que essa trajetória escolar possui essa característica devido a suas condições materiais e

imateriais de manter seu filho apenas estudando, o que não ocorre em todas as configurações familiares, conforme já vimos no percurso de Maria (CECH).

O adiamento da inserção de José no mundo do trabalho deu-se tanto pelo fato de sua família ter condições de lhe manter como universitário, sem que haja a necessidade, forçada, de trabalhar, ao mesmo tempo em que a mãe dele indica ter certeza de que, mesmo surgindo uma oportunidade de trabalho para José, ele continuará dedicando-se, com exclusividade, aos estudos.

Acreditamos que essa lógica relaciona-se com a dinâmica do curso, com um contexto no qual essa escolha pode ser feita por José sem prejuízos materiais. Diferente de Maria (CECH), que precisa trabalhar para estudar, José (CCBS) pode apenas estudar: contextos muito diversos entre si. Enquanto um escolhe só dedicar-se aos estudos, outro “escolhe” trabalhar a fim de não renunciar ao direito de realizar a educação superior. São esses percursos que marcam os nossos vários Brasis.

Em se tratando do acompanhamento familiar à vida escolar de José, desde a educação básica ao ensino superior, a mãe de José atribuiu, em uma escala de zero a dez, a seguinte nota: “Nove, pra não dar os dez (risos)”. Mediante essa nota, podemos concluir que a mãe de José considera-se, efetivamente, parte do processo de prolongamento escolar de seu filho José, embora não tenha conferido à família nota máxima, esse nove representa, quem sabe, 90% de acertos e 10% de desacertos, limitações, afinal, as famílias não são perfeitas e contribuem na longevidade escolar dos filhos, ao seu modo, e a partir dos capitais que lhes foram possíveis reunir. A seguir, conheceremos o “lugar” da família de Maria (CECH) em sua escolarização, desde a educação básica ao ensino superior.

MÃE DE MARIA (CECH)

Trata-se de uma matriarca, espécie de “pãe”, mãe e pai, que criou seus quatro filhos praticamente sozinha. No tocante à escolaridade, não concluiu o ensino médio. Declarou-se como dona de casa e atua também como cuidadora de uma irmã mais velha com problemas de saúde.

Três de seus filhos: o mais velho, Maria e a caçula, compõem a geração dos professores da família, o primeiro foi quem quebrou o mito de inserção na Universidade Federal de Sergipe, isto é, de que era possível sim estudantes do interior sergipano, egressos da escola pública, serem aprovados no vestibular da única universidade pública do Estado. Maria prosseguiu no caminho e a irmã, mais nova, também teve acesso à UFS, sendo na

modalidade à distância. Em contrapartida, a mãe de Maria possui um dos filhos que não concluiu o ensino fundamental e atua como autônomo, conforme vimos na análise do balanço do saber, este percurso assemelha-se ao do pai deles.

Perspectivas da família de Maria (CECH) sobre a escola

Diferente do percurso escolar da mãe de José (CCBS), que encontrou na família apoio para realizar toda a educação básica, sobre a experiência escolar, a mãe de Maria (CECH) relatou:

Ah, só tinha a terceira série [...] Os meus pais não aceitavam, achavam que a escola não era tudo, que trabalhar na enxada seria melhor. Ah, que não era para estudar, que não adiantava estudar, que tinha que ir para enxada, tinha que trabalhar, já minha mãe não, minha mãe queria que a gente estudasse, tudo, ela dava oportunidade para gente, mas o meu pai não, meu pai queria ver a gente na roça trabalhando (Entrevista, Mãe de Maria).

Nessa fala, percebemos a relação entre escola - trabalho - família. A família da mãe de Maria, em específico seu avô, mantinha uma visão, referente ao trabalho, como sendo este prioridade em detrimento do estudo, elementos que são marcas de uma geração, do sentido dado à escola, da origem social de algumas famílias, pois em um contexto no qual se tenha que escolher entre garantir o pão de cada dia e o acesso à escola, muitos pais faziam suas escolhas, mas também pode estar aí implícita uma relação de gênero: por que, justamente, a mãe queria que a filha estudasse e o pai não? Questões para refletir.

A mãe de Maria (CECH) revelou também que depois retornou à escola, após casada, todavia, não conseguiu concluir o ensino médio e, por isso, explicitou: “Eu estudei até a oitava série, não tive é, como é que diz, como estudar, né, mais, parei na oitava série por falta de oportunidade, casei, veio filho, tudo e aí não tive como continuar estudando”. Desta vez, não foi o pai dela que a impossibilitou de prosseguir na carreira escolar e sim a nova responsabilidade: ser mãe, que se configurou como sua prioridade.

A trajetória escolar da mãe de Maria (CECH) foi marcada por uma transitoriedade muito grande, pois interrompeu seus estudos e vivenciou experiências escolares em lugares e momentos da vida distintos, conforme segue: “Eu estudei até a terceira, depois que eu fui pra São Paulo, eu fiz a terceira série em São Paulo. Aí, depois, retornei pra Glória, aí me casei e continuei estudando e fui até a oitava série, mas no domínio dos meus pais não”.

Demonstrou também que, somente após ter deixado o convívio com os pais, pôde prosseguir na escola, o que nos atenta a compreender duas realidades: enquanto algumas famílias são propulsoras de mecanismos que contribuem para a longevidade escolar dos filhos, outras se encontram diretamente relacionadas à interrupção dos estudos.

Questionada sobre o que pensa sobre a escola e a importância desta, a mãe de Maria teceu o seguinte comentário: “A escola é tudo, você, sem estudo hoje, você não é ninguém, não é ninguém”. O sentido dado à escola pela mãe de Maria é de valorização social, de que não podemos viver na contemporaneidade sem o acesso à educação. A partir dessa visão, podemos já ir percebendo indicadores da atuação dessa mãe, “pãe”, na trajetória escolar dos filhos, pois, como já dissemos anteriormente, de um total de quatro filhos, três são universitários, isto é, 75% dos filhos tiveram acesso ao ensino superior público.

No tocante à relação família - escola, se ela é a mesma ao longo do tempo, a mãe de Maria fez o seu relato, no qual pudemos perceber, no pano de fundo, um pouco da experiência dela quanto à escola e ao trabalho, segundo a mãe de Maria: “ah não, não, hoje todos os pais quer ver os filhos estudando, quer ver os filhos formados e, antigamente não, antigamente era só trabalho, era difícil o pai querer o filho na escola e hoje não, a gente queremos ver os filhos estudando, se formando”.

Nota-se também o olhar no hoje: filhos realizando a educação básica, a aspiração dos pais de ter filhos formados, diferente da realidade que ela vivenciou frente ao trabalho e à escola. Indagamos ainda a quais motivações esse cenário estaria relacionado e ela explicou: “Porque as pessoas eram ignorantes, eram ignorantes, porque não tinha estudado, não teve oportunidade, aqueles pais brutos, ruins, aí faziam a mesma coisa como se fosse com os filhos e hoje é mais moderno”.

Para ela, a atitude dos pais, em específico do pai, era reflexo de uma conjuntura anterior, vivenciada por ele (s), isto é, a falta de oportunidade, o não acesso à escola, a ignorância, tal como havia vivido, buscava dar continuidade a essa experiência no percurso dos filhos e ao que observamos a formação por ele (s) recebida foi a do trabalho, por isso a valorização centrada nesse aspecto da vida.

A educação ocorre em diferentes espaços e a partir da atuação de distintos agentes sociais, por isso, buscamos conhecer a opinião da mãe de Maria (CECH) em relação até que ponto a educação é dever da família e da escola, onde estão esses limites? Ela descreveu:

Ah, eu acho que o pai tem que educar e o colégio, um ajudar o outro, e não os pais tirar o direito do colégio, no caso os professores, e nem os professores também querer tirar o direito dos pais. Porque hoje, no caso da justiça, a justiça tá tirando dos pais o direito de educar os filhos, que o pai não pode xingar o filho, o pai não pode colocar um filho de castigo, não pode dar umas palmadas na hora certa, entendeu? É como no colégio, o colégio tem que exigir mais do aluno, mas, por causa da justiça, aí o colégio não tem como chegar a ter mais disciplina com os alunos (Entrevista, Mãe de Maria).

A mãe de Maria vislumbra a educação como responsabilidade de ambas as instituições, em uma relação de ajuda mútua na qual uma não elimina os deveres e direitos da outra, contribuindo para a formação do sujeito. Indicou ainda que essas agências sociais vivenciem um problema, chamado por ela de “justiça”, e não podem permitir que esse órgão comprometa o direito dos pais educar nem da escola de disciplinar. Nesse sentido, acreditamos que deve haver uma parceira desse tripé: família - educação - justiça, a fim de que a sociedade seja melhor beneficiada pela implementação de suas ações.

No tocante a qual das fases de formação escolar a família deve estar mais presente, ser participativa na vida dos filhos: se na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio ou ensino superior, a mãe de José revelou: “Eu acho que em todas as fases, acho que quando os pais, quando um pai, querem realmente que o filho chegue a um bom nível, eu acho que já tem que plantar desde o começo”.

O uso da expressão “plantar” revela-nos a existência de um processo: assim como quem deseja colher o milho, por exemplo, deve preparar a terra, escolher as melhores sementes, plantar, acompanhar o crescimento e, finalmente, quando chegar o período adequado, realizar a colheita, assim, parece ser o processo escolar, segundo as palavras da mãe de Maria: “querem realmente que o filho chegue a um bom nível, eu acho que já tem que plantar, desde o começo”. Nesse sentido, a família, sendo a boa lavradora, deve estar presente em todas as fases da educação dos filhos a fim de que os bons frutos sejam colhidos na estação certa.

Para a mãe de Maria, esse agir dos pais em relação à vida escolar dos filhos deve ocorrer do seguinte modo: “Ah, sempre está presente, sempre tá presente, sempre está exigindo, sempre perguntando, ir até o colégio, ver como os filhos estão, tem que correr atrás junto com os professores, não só deixar a nível do colégio”. A presença familiar na escola e a não transferência da responsabilidade de educar, exclusivamente, para os professores, são alguns dos elementos que, segundo a mãe de Maria, devem permear a postura da família

frente à vida escolar dos filhos, dito de outro modo, família e escola devem realizar seu trabalho de educar juntas.

Ter filhos universitários: eis uma nova responsabilidade! Indagamos a mãe de Maria sobre a opinião dela em relação à importância da família na vida de um estudante universitário, de que forma delinea sua atuação, ou não, na formação superior da filha e esta nos disse: “Ah, eu acho em tudo, a família tem que estar presente, tem que está ajudando, porque sempre tem despesas, tem que está presente em tudo”. Tal afirmativa remete-nos ao estudo de Romanelli (2013) no qual nos indicou que a família desempenha um papel importante no processo de escolarização superior dos filhos, seja no apoio material, ou não, e também no amparo afetivo.

Para a mãe de Maria, a família dela continua presente na trajetória escolar da filha, possibilita a ajuda material e contribui em tudo que é preciso, mediante as possibilidades que lhe são conferidas, lembremos, pois, que Maria declarou pertencer a uma família pobre, o que traz consigo algumas limitações, principalmente financeiras, o que não se configurou, entretanto, como um elemento de desestímulo para Maria, afinal, cada sujeito relaciona-se de forma específica com o seu contexto e as circunstâncias do meio social, uns paralisam diante das dificuldades, outros encontram forças nas adversidades para mobilizarem-se em busca de seus projetos. Isso significa que Maria transitou no campo de visão do inimigo e fez uso de todas as táticas que lhe foram possíveis para sobreviver no campo de combate da vida, entre oportunidades e desigualdades e, assim, vem obtendo sucesso escolar.

Considerando que Maria (CECH) é aluna egressa do ensino médio público diferente de José (CCBS), que é proveniente da escola privada, propusemo-nos também a ouvir as mães de ambos os estudantes sobre o que pensam a respeito das cotas, muito embora nenhum deles tenha ingressado na Universidade Federal de Sergipe através desse sistema. Já conhecemos a postura da mãe de José (CCBS), vejamos o que nos disse a mãe de Maria (CECH): “Já, já ouvi. Eu acho que foi bom, acho que foi ótimo”.

Apesar de não ter aprofundado sobre o que conhece em relação às cotas, as palavras enunciadas pela mãe de Maria (CECH) demonstraram o quanto ela é favorável às cotas. Outra questão, que merece nossa atenção, é que entre os usuários da escola pública há uma aprovação do sistema de cotas para o ingresso na universidade, já entre os usuários da escola privada o clima é mais tenso, tal como observamos as apreciações da mãe de José (CCBS) de não apoio às cotas. São essas opiniões que circundam o debate em torno das cotas. Famílias que possuem algo em comum, mas também vários aspectos que lhes são singulares. A seguir,

conheceremos, mais detalhadamente, o “lugar” da família de Maria (CECH) em sua trajetória escolar, desde os primeiros anos de escolarização aos do ensino superior.

As ações da família de Maria no percurso escolar dos filhos: suas práticas

Neste espaço, iremos compartilhar dados referentes à atuação da família de Maria no percurso escolar dos filhos. Lembremos que o irmão mais velho de Maria foi o primeiro a ingressar na Universidade Federal de Sergipe, seguido por Maria e depois pela irmã caçula. A mãe informou-nos ainda que essa filha caçula, antes de realizar o vestibular para estudar na UFS, na modalidade à distância, fez um curso técnico, trata-se de uma prática mais comum entre as camadas populares como forma de garantir a manutenção financeira e posterior ingresso no ensino superior.

Sobre a vida escolar de Maria, questionamos como era, quando estudante da educação básica, e como tem sido depois que ela ingressou na UFS. Conforme a mãe de Maria, “Assim, ela é uma bênção, uma menina estudiosa, uma menina competente, ela nunca me deu trabalho, nunca tive reclamação, ela é uma menina ótima, até hoje só tenho, só orgulho dela. Só orgulho!”.

A fala da participante encontra-se permeada por vários predicativos, relacionados à Maria: bênção, estudiosa, competente, ótima, motivo de orgulho, todas essas características definem a filha-estudante que nunca deu trabalho ao longo da escolarização. Se pensarmos na trajetória de José, vimos que, tal como Maria, o filho-estudante teve qualidades similares, são trajetórias marcadas pela dedicação, empenho e bom desempenho estudantil, desde a educação básica.

A mãe de Maria revelou-nos que a filha tinha sempre o seu espaço para estudar. Vale salientar que a conjugação do verbo no pretérito foi empregada, pois atualmente Maria reside em São Cristóvão-Se, indo à cidade de origem sempre que pode, o que a faz ter hoje outros cantinhos para estudar, que não o da casa da mãe. Ela informou-nos: “No quarto ou no sofá, ela sempre tinha um cantinho para estudar, tanto da escola ou da música, sempre tinha um cantinho no sofá ou no quarto”.

Além dos aspectos mencionados, vimos também que esse espaço de estudo servia tanto para as responsabilidades escolares quanto para a aprendizagem da música, elemento que até então desconhecíamos da trajetória de Maria. A busca por uma formação, que nem sempre é possibilitada pelo universo escolar, é uma característica do seu percurso, a Maria universitária é também uma estudiosa da música.

Dando continuidade a nossa investigação, perguntamos à mãe de Maria como ela fazia/fez para contribuir no acompanhamento escolar da filha, ao longo da trajetória escolar, e esta nos indicou: “Ajudando financeiramente, nas apostilas, nos livros, em tudo que ela precisava, estava colaborando”. Mais uma vez, ela reforça a presença da mãe mantenedora, pois por mais que estejamos tratando da educação básica ou superior públicas, nelas os estudantes também possuem várias despesas escolares, acadêmicas, sem contar com as necessidades básicas, afinal, se estas não forem saciadas, a condição de vida torna-se insustentável.

Essa mãe ou “pãe”, uma vez que assumiu a reponsabilidade de ser, ao mesmo tempo, mãe e pai, revelou-nos também que sempre ia ao colégio durante a educação básica da filha, mantinha diálogo com os professores e se preocupava como esta se comportava na escola, conforme podemos observar:

Sempre ia encontrar com os professores, tinha professores que eram conhecidos meu, eu perguntava como ela estava, eles diziam que era ótima aluna, quando eu não ia diretamente ao colégio, perguntava os amigos dela, sempre me respondia tudo direitinho, ela nunca me deu dor de cabeça, nunca! (Entrevista, Mãe de Maria).

Essas ações eram realizadas com o objetivo de dar respaldo ao trabalho escolar bem como ao cumprimento de sua função como família. Mas, quando começa a fase do ensino superior, algo difere, ela disse que acompanha a vida escolar de Maria “Desde a educação infantil até... só não hoje na universidade, lá não vou correr atrás, mas aqui sempre ia”.

Quando os filhos ingressam no ensino superior, a relação família - escola assume outra roupagem, as famílias não frequentam a universidade nem conversam mais com os professores dos filhos, também não realizam as cobranças e o acompanhamento escolar como boa parte faz durante a educação básica. Contudo, mesmo lá de sua residência, comunidade, continuam a oferecer, afetivamente, material e imaterialmente, as condições necessárias e possíveis para que os filhos permaneçam em seus cursos superiores e sejam bem sucedidos profissionalmente.

Tal como Maria já havia sinalizado na produção do Balanço do Saber, destacaram-se em sua trajetória escolar sua mãe, por nós entrevistada, e seu irmão mais velho. Essa informação também nos foi dada pela mãe de Maria, conforme segue:

Meu filho. Eu e meu filho deu muita força a ela, até hoje sempre dá força pra ela, pra ela não desistir, sempre ir em frente [...] Ele dava maior força, aí ajudava a ela em tudo, dava apostila, ajudava financeiramente, também ele deu a maior força pra ela, deu, e no caso continua dando ainda, tanto para ela quanto para irmã, dava maior força pra ela. Tanto pra ela quanto pra irmã dá a maior força. O negócio dela é estudar, tem que estudar, não pode parar (Entrevista, Mãe de Maria).

A mãe de Maria revelou-nos o quanto o irmão mais velho exerceu e continua exercendo uma função importante nas trajetórias escolares das irmãs, tanto de Maria quanto da caçula, fato este que mantém relação, a nosso ver, com a sua posição na família: irmão mais velho, e com a inserção dele na UFS.

Essa experiência possibilitou que ele conhecesse o novo universo, as possibilidades, exigências, responsabilidades e, certamente, diversas aprendizagens as quais pode compartilhar com as irmãs e, ainda, subsidiá-las, quando necessário. Ela afirmou que sempre ajudava também, pois por mais que os filhos estejam “crescidinhos”, a família “não pode deixar de mão”. Embora Maria tenha enfatizado que tanto a mãe quanto o irmão mais velho foram os sujeitos que mais se destacaram no percurso escolar dela, a mãe de Maria pontuou:

E em partes mais ele mesmo do que eu, porque ele tem todos os conhecimentos do que eu, tudo, eu não tenho todo conhecimento que ele tem, mas foi ele em parte mais do que eu. Eu fui mais em parte financeiramente, dando força: não, faça isso! Não tenha medo e ele: ‘não, Maria, você faça isso aí’, ele dava mais força para ela (Entrevista, Mãe de Maria).

Indagamos a mãe de Maria sobre como ocorreu, no contexto escola-família, o interesse de Maria em dar continuidade aos estudos, se houve também por parte da escola estímulo para que a filha prolongasse a escolaridade, ela nos informou: “No caso da escola também, porque os alunos que são bons, né, a escola sempre dá mais uma chance, ajuda mais, também tem que ter mais esforço, a escola ajuda muito também. Os professores deram muita força a ela. Muita, muita!”.

Em relação ao sentido que teve a aprovação de Maria no vestibular da Universidade Federal de Sergipe para a família dela, bem como a reação que tiveram diante do resultado, a mãe revelou-nos:

Ah, foi uma maravilha! Foi só alegria, foi alegria, foi pulo, foi choro, foi uma maravilha, que ela é uma benção de Deus! Assim, eu soube, acho que foi até meu filho mesmo, disse: mãe, ela foi pré-classificada e aí ela ficou naquela alegria, aí depois: mãe, eu fui classificada, mãe... e chorava e pulava e sei que era aquela maior alegria do mundo. Vibrou! Nossa! (Entrevista, Mãe de Maria).

A mãe de Maria relatou também sobre como reagiram os professores ao saberem do resultado da aluna: “Os professores, a maioria deles, foram tudo ao encontro dela e abraçava, dava parabéns, foi aquela benção!”. Essa fala diz-nos um pouco sobre a relação que Maria mantinha com seus professores ao ponto de todos vibrarem a conquista dela, por outro lado representava o compromisso desse quadro de professores, de uma determinada escola pública de ensino integral, localizada no interior do Estado, com os seus discentes. A decisão em tentar uma vaga na UFS, segundo a mãe de Maria, partiu da filha:

[...] nós apoiamos tudo, mas foi mais ela: ‘mãe, eu quero fazer o vestibular’ e tentou, graças a Deus, ela passou! Porque ela acha que é melhor, que ela fez esse curso da... também e fez também à distância e passou nos dois, aí ela escolheu a UFS, que é bem melhor, né, um curso presente, ela faz todos os dias e à distância fica mais difícil, mas ela fez os dois e passou (Entrevista, Mãe de Maria).

Segundo a mãe de Maria, a filha escolheu a Universidade Federal de Sergipe e realizou o vestibular tanto na modalidade presencial quanto à distância. Ao obter aprovação no vestibular de ambas, fez a escolha pelo curso de História (Licenciatura) na modalidade presencial. Disse-nos ainda que a relação entre a filha e a família não mudou, quando ela ingressou na UFS: “Não, continuou a mesma coisa, ela tá sempre presente. Continuou”.

Após a aprovação no vestibular, surgem outros desafios, principalmente, para alguns segmentos sociais: a permanência no ensino superior. Por isso, buscamos conhecer de que maneira a família contribuiu para que Maria faça, realize seus estudos na universidade, a mãe explicou: “Ah, aqui a gente ajuda da maneira que pode, ajudar financeiramente no que pode, ajudar no que ela precisa. Ela diz: ‘mãe, isso aí’, eu vou, corro atrás e cada um ajuda de um jeito”. Esse enunciado vem para corroborar que, tanto quanto na educação básica, a família continua presente e participativa na educação superior dos filhos.

Sobre a relação trabalho - estudo no percurso de Maria, a mãe revelou que: “É, em parte ajuda, ajuda muito, também em parte atrapalha um pouco, mas quando não tem como se manter, aí tem que trabalhar e estudar formas de se ajudar, é melhor do que parar”. Vejamos

como essa fala é rica de conteúdo, principalmente, quando pensamos nas apreciações da Mãe de José e Mãe de Maria quanto a esse assunto.

Embora a mãe de Maria (CECH) considere que, por um lado, trabalhar e estudar seja positivo, pois proporciona a manutenção do estudante, diminuindo com isso a probabilidade de interrupção dos estudos por dificuldades materiais, de outro, ser um estudante-trabalhador ou trabalhador-estudante pode se configurar como algo que atrapalha a filha-estudante.

Já a mãe de José não faz alusão a tais dificuldades, a exemplo de ter que trabalhar para não parar de estudar, e demonstra ainda que respeita a decisão do filho de apenas estudar e de só querer trabalhar quando formado. Cada percurso, cada vida e contexto possuem suas peculiaridades.

Maria, atualmente, participa de um grupo de pesquisa na Universidade. Mediante esse trabalho acadêmico, experimenta uma forma de trabalho mais próxima a sua formação e recebe uma bolsa que ajuda na sua manutenção estudantil. A mãe de Maria afirma também que o fato de a filha trabalhar onde estuda é positivo “Isso, eu acho que sim, porque, lá dentro mesmo, ela vai aprendendo mais, né, é bem melhor pelo menos no período que ela está estudando”.

Essa mãe, ao seu modo, do seu jeito como ela mesmo afirmou, tem compreendido, inclusive, que trabalhar na própria instituição onde se estuda é mais vantajoso do que se fosse em outras, ao menos no período de formação, o que demonstra uma mãe atenta a alguns aspectos da vida universitária, da dinâmica na qual Maria está imersa.

Em relação ao acompanhamento da vida escolar da filha, desde a educação básica ao ensino superior, a mãe de Maria atribuiu-lhe nota 9 e fez um relato sobre essa auto avaliação, conforme podemos verificar:

Não posso alcançar os dez, porque às vezes não tive nem como ajudar, fazer mais por ela. Mas, vamos dizer uma nota nove, não completa os dez, não porque não queira ter completado os dez, mas, às vezes, é por não ter opção de ajudar mais. Pra menina esforçada que ela é e nunca deu trabalho na escola, nunca recebi reclamação, se eu pudesse, no caso, ter ajudado ela mais, ter colocado ela no colégio particular pra ela poder ter estudado mais, por ela ser uma menina esforçada que ela é, muitas coisas, financeiramente, também ela teve muita dificuldade e, se eu tivesse podido ajudar, tinha ajudado mais do que eu ajudei, do que eu ajudo, então, é isso aí, muitas coisinhas assim que eu queria ajudar e não tive como ajudar [...] Hoje eu daria mais, bem mais, hoje eu tenho mais conhecimentos das coisas, hoje através deles mesmo, dela e os irmãos, que eles falavam da universidade e eu nem sabia o que era e hoje eu já sei o que é, o que significa, então, acho que hoje eu poderia ajudar bem mais (Entrevista, Mãe de Maria).

Essa fala remete-nos a uma série de questões. Uma delas é o desejo da família, dessa mãe/pãe, de ter contribuído mais para que a trajetória escolar da filha tivesse sido ainda mais bem sucedida, um percurso escolar, marcado por várias dificuldades, principalmente de ordem financeira. Outra questão: a relação família - universidade - aprendizagens, conforme vimos, a mãe de Maria diz hoje saber de muitas coisas através dos filhos, ela que antes desconhecia o que era universidade, hoje compartilha das vivências acadêmicas dos filhos e notamos também certa descrença dos pais frente à escola pública, uma vez que a mãe de Maria disse que se, na época, tivesse condições financeiras favoráveis, teria colocado a filha para estudar na escola particular.

Esses dados encontram-se sintonizados com o que já nos indicou Costa et al.(2013) sobre a insatisfação de muitos pais com o ensino público brasileiro, esses, não tendo como financiar a educação particular, recorrem a critérios para a escolha do melhor estabelecimento público, possível em sua realidade. Vimos também com Romanelli (2010) o “lugar” da mãe na escolarização superior de um filho: mãe que escuta, dialoga e apoia o estudante nessa nova fase da formação.

A mãe de Maria fez questão de atribuir uma nota à filha pela dedicação que sempre teve, desde os primeiros anos de escolarização aos do ensino superior. Ela avaliou Maria do seguinte modo: “Filha, se pudesse dar vinte, daria, mas tem que ser só até dez, eu dou dez, porque ela é uma menina esforçada, uma menina maravilhosa, tem que ser dez!”.

A nota máxima à filha e a expressão “esforçada” chamaram-nos a atenção. Maria, diante do que lhe foi possível, deu o seu melhor ao longo da educação básica e continua sendo dedicada no ensino superior. A expressão esforçada carrega, em sua essência, que, diferente de outras estudantes, Maria precisou se empenhar e estudar mais, enfrentar várias dificuldades e persistir na busca de seu projeto de ingressar e permanecer no ensino superior, apesar das adversidades.

Por isso, acreditamos que Maria transitou sobre um campo de tensões no qual teve que fazer usos táticos (CERTEAU, 1994), a exemplo de cursar o ensino médio em uma escola de ensino integral pública, mesmo havendo outras escolas públicas em sua comunidade, talvez até mais próximas a sua residência e realizando pré-vestibular também público, ofertado pelo governo estadual.

Outro uso tático, a nosso ver, foi ter recorrido a outras pessoas para dividir os custos com a moradia de aluguel a fim de que pudesse tornar-se bolsista na universidade, pois agora teria que estar presente na UFS ao longo do dia e seria dispendioso demais vir de uma cidade do interior sergipano todos os dias, pagando transporte e alimentação. Se a ideia de trabalhar

na UFS, para além da experiência acadêmica e profissional, era a de ter dinheiro para manter-se estudando, quanto menos gastos, maiores economias para financiar as despesas básicas e acadêmicas.

Por fim, compartilhamos o significado que a mãe de Maria construiu sobre ter filhos universitários: “Significa tudo, tudo que muitas mães queriam, para mim significa tudo, era um sonho, aquele sonho que eu queria realizado para mim, eu não pude mais, mas foi realizado com eles”. Percebemos, nitidamente, que a mãe de Maria se realiza ao ver que dos quatro filhos, três deles são universitários. Trata-se, portanto, de mães, pais, que se realizam nos filhos através do sucesso escolar por eles obtido.

Foi por esses caminhos que trilharam a família de José (CCBS) e a família de Maria (CECH) no tocante à atuação familiar na longevidade escolar dos filhos. A seguir, compartilhamos algumas das nossas considerações face ao objeto pesquisado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de um trabalho científico coloca-se sempre como uma possibilidade de novas aprendizagens e também de desafios. As incursões teóricas, por exemplo, permitiram-nos conhecer parte do debate que há em torno da relação família e escola, longevidade escolar, práticas educativas, estratégias familiares, ao mesmo tempo em que o trabalho de campo possibilitou o nosso encontro com os sujeitos investigados, quais sejam os jovens universitários da Universidade Federal de Sergipe, vinculados aos diferentes centros acadêmicos, bem como suas famílias, uma vez que foi nossa pretensão investigar o papel das famílias no processo de escolarização dos filhos, desde a educação básica ao ensino superior. Nesse sentido, dar voz tanto aos jovens e às famílias consistiu em uma experiência rica e necessária.

Do conjunto de dados que nos foi possível apresentar nesse trabalho, compartilhamos alguns que merecem nossa maior atenção. Observamos que a população dos estudantes universitários da UFS é, cada vez mais, jovem, outra questão pertinente refere-se às disparidades na distribuição dos jovens, segundo centro acadêmico e origem escolar, notamos maiores discrepâncias entre os estudantes do CECH e CCBS, por isso nossa escolha metodológica de realizarmos uma análise comparativa, tanto dos aspectos mais relacionados ao perfil dos estudantes quanto do perfil das famílias, obtendo alguns indicadores do lugar da família no prolongamento escolar.

Percebemos que se a família foi apontada como importante na trajetória escolar dos filhos ao longo da educação básica, no ensino superior ela assume uma função tão relevante quanto antes. Apesar de uma parte da amostra de estudantes investigada considerar que a família não acompanha a vida universitária, porque agora a responsabilidade é deles, todavia, alguns desses foram os mesmos a pontuar o apoio material e imaterial que as famílias lhes dão frente à escolarização.

Muito embora boa parte dos estudantes tenham se referido à família como uma instituição de apoio, base, união, laços, essencial, porto seguro, formação de valores, tudo, entre tantos outros predicativos, não se pode negar que as famílias não devem ser vislumbradas homoganeamente, muito menos como as instituições todo-poderosas, conforme já nos havia sinalizado Romanelli (2010).

Diante do nosso encontro com o objeto de estudo, notamos a configuração de novos arranjos familiares, se de um lado tivemos a família de José (CCBS), formada por pai, mãe e

filhos, por outro, a família de Maria (CECH) é composta por mãe, filhos e tia. Algo interessante, mencionado por essa jovem foi sua compreensão do que vem a ser família: “As pessoas com quem mais convivemos e temos vínculo”. Se buscarmos compreender o que há nas entrelinhas, cruzando com a produção do Balanço do Saber por ela produzido, veremos que Maria refere-se aí a outras famílias que vamos constituindo em nossa jornada, que estão além dos laços sanguíneos e assumem um espaço relevante em nossas vidas.

A literatura sinalizou sobre a relação nível de escolaridade dos pais e prolongamento escolar dos filhos. Vimos, contudo, que nem sempre pais com alta escolaridade terão todos os filhos universitários. Do mesmo modo, o fato de a família possuir baixo nível de escolaridade não implicará, necessariamente, no insucesso escolar dos filhos ou em um percurso escolar mais curto, conforme observamos em Lahire (2004), Tonetto (2010).

Os pais da mãe de José, por exemplo, apesar de não terem avançado nos estudos, estimularam filhas e filho a terem acesso à escola, em contrapartida, os pais, em específico o pai da mãe de Maria tinha uma postura de desvalorização da escola e de defesa ao trabalho e, por isso, a mesma estudou somente até a 3ª série do ensino fundamental menor, voltando à escola somente após deixar a convivência familiar. Foram essas mães, provenientes desse cenário, que no seio de suas famílias realizam suas práticas, táticas e estratégias educativas frente à escolarização dos filhos.

A seguir, enumeramos algumas das práticas educativas, táticas ou estratégias, delineadas pela família de Maria e a de José, foram elas: escolha criteriosa de estabelecimento de ensino, ainda na educação básica: a escola pública de ensino integral, record de aprovações no vestibular, e a escola privada da capital. O pré-vestibular público e o pré-vestibular privado, a mudança de cidade e de escola: um no ensino médio (José - CCBS), outro no ensino superior (Maria - CECH), a experiência do irmão mais velho como um elemento que agregou, positivamente, as trajetórias escolares dos irmãos mais novos, entre outras.

No tocante ao “lugar” das famílias no processo de escolarização dos filhos, concluimos que essa instituição assume uma importância tão grande na educação superior dos filhos quanto o foi na educação básica. Na primeira etapa, no acompanhamento dos deveres de casa (RESENDE, 2013), reforço escolar (CARVALHO, 2013), expectativas familiares (NEVES, 2013), na etapa a seguir, são famílias que subsidiam, materialmente e imaterialmente, aos filhos a fim de que estes, além do acesso ao ensino superior, tenham garantida a sua permanência.

Destacaram-se, nesse estudo, como sujeitos mais responsáveis pelo sucesso escolar dos jovens pesquisados, as mães e irmãos mais velhos. Os estudantes sinalizaram também a

presença de professores, e o pai, embora pareça ausente de alguns percursos, pode constituir-se como uma figura que contribui no processo, sendo de forma mais passiva ou menos evidente.

Notamos também que tanto a mãe de José quanto a mãe de Maria apresentaram um linguajar permeado pelos termos acadêmicos, a exemplo de “curso de cirurgia, especialização, pré-classificado, classificado”, o que demonstra que realmente ocorre um diálogo mais aproximado entre mães e filhos universitários, tal como Romanelli (2010) já havia nos indicado.

Em que pesem os limites dessa pesquisa científica, acreditamos que este trabalho cumpriu com o seu objetivo de investigar o papel das famílias no processo de escolarização dos filhos, desde a educação básica até o ensino superior. Esperamos, portanto, que as questões aqui colocadas contribuam para um melhor entendimento de como as famílias e os jovens realizaram e realizam suas práticas, utilizam-se de estratégias ou táticas frente à escolarização, bem como fomentem a produção de novas pesquisas, pois esse estudo representa apenas o olhar de uma pesquisadora aprendiz e, como sabemos, um mesmo objeto pode ganhar dimensões diferenciadas a partir do olhar e das perspectivas que o investigador lança sobre ele. Portanto, entre leituras, trabalho empírico, muitas indagações e reflexões, este trabalho foi construído. E que novas pesquisas, nesse âmbito, sejam realizadas!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes Desprivilegiados e Fruição da Universidade: Elementos para Repensar a Inclusão no Ensino Superior. In: MONTEIRO, Aida Maria (Org.). *Educação para Diversidade e Cidadania*, Recife: Ed. do Organizador, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHAMPAGNE, Patrick. Excluídos do Interior. Tradução de Magali de Castro. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (Parte I).

_____. *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, Tradução. Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani, 1998.

_____. Futuro de classe e causalidade do provável. In: *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, Tradução. Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 56/2007 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94*. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

CARRANO, Paulo. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional, Cap. 4. In: SPÓSITO, Marília Pontes. *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 1/ Marília Pontes Spósito, coordenação. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

CARVALHO, Maria Eulina P. de. Entre a escola e a família – A instituição informal do reforço escolar. In: ROMANELLI, Geraldo, NOGUEIRA, Maria Alice, ZAGO, Nadir (orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CARVALHO, Marília Pinto de. Teses e dissertações sobre gênero e desempenho escolar no Brasil (1993-2007) – Qual o lugar das famílias? In: ROMANELLI, Geraldo, NOGUEIRA, Maria Alice, ZAGO, Nadir (orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Trad. de MAGNE, B. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. *Jovens de Sergipe: como são eles, como vivem, o que pensam*. Aracaju: Unesco, 2006.

COSTA, Márcio da, ALVES, Maria Teresa Gonzaga, MOREIRA, Amanda Morganna, SÁ, Thaila Cristina Dopazzo de. Oportunidades e escolhas – Famílias e escolas em um sistema escolar desigual. In: ROMANELLI, Geraldo, NOGUEIRA, Maria Alice, ZAGO, Nadir (orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

COULON, Alain. *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária*. Trad. Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

CRUZ, Maria Helena Santana. Diferenças de Gênero e Classe entre egressos de escolas públicas na Universidade Federal de Sergipe. Cap. III. In: *Mapeando diferenças de Gênero no Ensino Superior da Universidade Federal de Sergipe*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo. *Cadernos de Pesquisa*, nº 115, março/2002.

_____. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Revista Educar*, nº 24. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

GLÓRIA, Dília Maria Andrade. *Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Censo da Educação Superior: 2011 – resumo técnico*. Brasília: INEP, 2013.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável*. Trad. Ramon Américo Vasques e Sônia Goldfeder. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MENESES, Jonatas Silva. Sistema de Cotas e Inclusão Social no Ensino Superior: mito e realidade. In: BERGER, Miguel André (Org.). *A pesquisa educacional e as questões da educação na contemporaneidade*. Maceió: EDUFAL, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teorias, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEVES, Clarissa Baeta. Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no Ensino Superior Brasileiro. In: ROMANELLI, Geraldo, NOGUEIRA, Maria Alice, ZAGO, Nadir (orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice. A construção da excelência escolar – um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. A infância dos chefes - a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, Ana Maria F. de; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

PINTO, Fátima Cunha Ferreira; GARCIA, Vanessa Coelho; LETICHEVSKY, Ana Carolina. Pesquisa Nacional Qualidade na Educação: a escola pública na opinião dos pais. In: *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em Educação*, v.14, nº53, Rio de Janeiro, Out./dez. 2006.

PORTES, Écio A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

RESENDE, Tânia F. Pela “janela” do dever de casa, o que se vê das relações entre escolas e famílias? In: ROMANELLI, Geraldo, NOGUEIRA, Maria Alice, ZAGO, Nadir (orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

ROMANELLI, Geraldo. Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. In: ROMANELLI, Geraldo, NOGUEIRA, Maria Alice, ZAGO, Nadir (orgs.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

_____. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – o estudante-trabalhador. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). *Família e Escola: Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

SAMPAIO, Helena; CARDOSO, Ruth C. L. Estudantes Universitários e o Trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 26, 2003.

SILVA, Veleida Anahí da (Org.). *Conexões de Saberes: um desafio, uma aventura, uma promessa*. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.

SPÓSITO, Marília Pontes; BRENNER, Ana Karina; MORAES, Fábio Franco de. Estudos sobre jovens na interface com a política. Capt. 10. In: SPÓSITO, Marília Pontes. *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volume 2 / Marília Pontes Spósito, coordenação. – Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; SILVA, Veleida Anahí da. Os Jovens entre as Certezas e Incertezas: Dilemas da Relação Educação e Trabalho na Sociedade Contemporânea. In: CRUZ, M.H.S. *Pluralidade de saberes e territórios de pesquisa em educação sob múltiplos olhares dos sujeitos investigadores/organização*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

TONETTO, Daiani Damm. *Estratégias Familiares de Escolarização das Elites: primeiras aproximações*. Campo Grande, MS: UFMS, 2010. Originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. *Ensino Superior, Assistência Estudantil e Mercado de Trabalho: um estudo com egressos da UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

VIANA, Maria José Braga. *Longevidade Escolar em Famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.11, nº. 32, 2006.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa *Escolarização e estratégias familiares: trajetórias de jovens no ensino superior público de Sergipe*, realizada por Laís Santana Santos Souza, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a orientação da Prof^ª. Dra. Ana Maria Freitas Teixeira, da mesma instituição, tem por objetivo investigar o papel que as famílias desenvolvem no processo de escolarização dos filhos quanto ao prolongamento da escolaridade, considerando os percursos escolares que vão desde a educação básica ao acesso ao ensino superior público.

Para a coleta de dados serão utilizados com os jovens universitários: questionários e balanço do saber, contendo questões abertas e fechadas, e com membros das famílias dos estudantes serão realizadas entrevistas, que poderão ser gravadas, se houver consentimento dos participantes. Poderão também ser usadas fotografias, antigos cadernos escolares, boletins, medalhas, lista de aprovação no vestibular, fardamento ou outros objetos que mantêm uma relação com a vida escolar do estudante, considerando o período que vai da educação básica ao ensino superior.

É garantido o total sigilo quanto ao seu nome e eventuais informações confidenciais. Os dados coletados serão analisados e divulgados por meio da dissertação, relatórios, trabalhos e artigos científicos.

Diante disso, eu, _____,
C.I. _____, aceito participar da pesquisa *Escolarização e estratégias familiares: trajetórias de jovens no ensino superior público de Sergipe*.

A minha aceitação é totalmente livre de qualquer tipo de constrangimento e se dá nas seguintes condições:

1. Pelo presente termo, me disponho a participar seja ao responder o questionário, produzir o balanço do saber ou conceder entrevista, aplicada pela pesquisadora com vistas a subsidiar o trabalho por ela realizado;
2. Autorizo o uso desses dados para análise e elaboração do estudo de mestrado da pesquisadora;
3. Autorizo a divulgação dessa análise, em periódicos especializados, livros e em congressos científicos, desde que seja mantido o meu anonimato;

4. Possuo, a qualquer tempo, o direito ao acesso de informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários;
5. Possuo o direito de retirar-me da pesquisa no momento em que desejar;
6. Possuo a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade dos dados informados;
7. Declaro haver lido o presente termo e entendido as informações fornecidas pela pesquisadora e sinto-me esclarecido (a) para participar da pesquisa;
8. Tenho conhecimento de que em caso de quaisquer dúvidas sobre a pesquisa, poderei entrar em contato pessoal com a pesquisadora ou, ainda, utilizar o seu e-mail: laissantana18@yahoo.com.br;
9. Declaro, outrossim, que tenho conhecimento de que, no caso de surgirem problemas, em qualquer época, eu poderei contatar o COEP - Comitê de Ética em Pesquisa, localizado à Rua Claudio Batista, s/n (Santo Antônio), Aracaju-Sergipe.

Por ser verdade, firmo o presente.

Aracaju, ____/____/2013

Nome legível do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

** Este documento possui duas vias, de igual conteúdo e validade, sendo que uma delas é destinada ao sujeito participante da pesquisa, sendo a outra arquivada pela pesquisadora.*

d) () Outro: _____

7) Se tem religião, indique qual é : _____

8) Em sua opinião, sua família é:

- a) () classe alta b) () classe média c) () classe média alta d) () classe média baixa
e) () pobre

9) Atualmente, como você se mantém financeiramente?

- a) () Bolsista na UFS (bolsa trabalho, PIBIC, etc.) b) () Estagiário
c) () trabalho formal (com carteira assinada) d) () trabalho informal (sem carteira assinada)
e) () mesada da família/parentes f) () renda (poupança)
g) () Faço “bicos” h) () Outro: _____

10) Em que cidade você mora?

- a) () Aracaju-Se b) () São Cristóvão c) () Barra dos Coqueiros d) () Nossa Senhora do Socorro
e) () Cidade do interior sergipano d) Outra: _____

11) Quanto à moradia, marque as alternativas que correspondem a sua realidade:

- a) () moro na mesma cidade que os meus pais
b) () moro na mesma cidade que estudo
c) () moro com companheiro (a)
d) () moro com meus pais
e) () moro em residência universitária
f) () moro com parentes
g) () moro sozinho (a)
h) () divido casa/apartamento
i) () Outra (s): _____

12) Onde você cursou o Ensino Médio?

- a) () todo em escola particular b) () todo em escola pública
c) () maior parte em escola pública d) () maior parte em escola particular

13) Quantos vestibulares você fez na UFS antes de ser aprovado?

- a) () passei de primeira b) () 01 vez c) () 02 vezes d) () 03 vezes ou mais

BLOCO II:
DADOS SOBRE A FAMÍLIA

1) Qual a escolaridade de sua mãe/madrasta/responsável do sexo feminino:

a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola	f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior
b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental	g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior
c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental	h) <input type="checkbox"/> concluiu pós-graduação
d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio	i) <input type="checkbox"/> Não concluiu pós-graduação
e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio	

2) Qual a escolaridade de seu pai/padrasto/responsável do sexo masculino:

a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola	f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior
b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental	g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior
c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental	h) <input type="checkbox"/> concluiu pós-graduação
d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio	i) <input type="checkbox"/> Não concluiu pós-graduação
e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio	

3) Qual é (ou foi) a principal ocupação de seu pai/padrasto ou responsável do sexo masculino? _____

4) Qual é (ou foi) a principal ocupação de sua mãe/madrasta ou responsável do sexo feminino? _____

5) Se tem irmãos, preencha, por gentileza, os dados solicitados no quadro abaixo:

Relação dos irmãos	Sexo	Idade	Escolaridade	Ocupação/Trabalho
Irmão 1 () mais velho que você () mais novo que você			a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior h) <input type="checkbox"/> pós-graduação completa i) <input type="checkbox"/> pós-graduação incompleta	
Irmão 2 () mais velho que você () mais novo que você			a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior h) <input type="checkbox"/> pós-graduação completa i) <input type="checkbox"/> pós-graduação incompleta	
Irmão 3 () mais velho que			a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental	

você <input type="checkbox"/> mais novo que você			c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior h) <input type="checkbox"/> pós-graduação completa i) <input type="checkbox"/> pós-graduação incompleta	
Irmão 4 <input type="checkbox"/> mais velho que você <input type="checkbox"/> mais novo que você			a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior h) <input type="checkbox"/> pós-graduação completa i) <input type="checkbox"/> pós-graduação incompleta	
Irmão 5 <input type="checkbox"/> mais velho que você <input type="checkbox"/> mais novo que você			a) <input type="checkbox"/> nunca frequentou a escola b) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino fundamental c) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino fundamental d) <input type="checkbox"/> concluiu o ensino médio e) <input type="checkbox"/> não concluiu o ensino médio f) <input type="checkbox"/> concluiu o curso superior g) <input type="checkbox"/> não concluiu o curso superior h) <input type="checkbox"/> pós-graduação completa i) <input type="checkbox"/> pós-graduação incompleta	

6) Dentre as alternativas abaixo, qual delas melhor caracteriza a maneira como sua família acompanhava seus estudos durante a Educação Básica?

- a) Não acompanhava.
- b) Ninguém tinha tempo para acompanhar.
- c) Minha família não tinha paciência .
- d) Acompanhava na realização das “tarefas de casa”.
- e) Comparecia às reuniões da escola.
- f) Ajudava nas lições, a estudar para provas e participava das reuniões na escola.
- g) Outra: _____

7) Como você avalia a atuação de sua família no acompanhamento de sua vida escolar na Educação Básica?

- a) muito boa b) boa c) regular d) ruim

8) Dentre as alternativas abaixo, qual delas melhor caracteriza a atuação de sua família em relação a seu ingresso na Universidade?

- a) Às vezes incentivava.
- b) Sempre incentivou e acreditou em mim.
- c) Sim, porque acreditava em mim e eu estudava em escola particular

- d) () Sim, ela acreditava que fosse possível, apesar de a UFS ser muito concorrida e eu ter estudado em escola pública.
- e) () Não, nunca incentivou.
- f) () Não, nunca incentivou, ela não acreditava que eu fosse capaz.
- g) () Não, ela não acreditava que fosse possível, porque estudava em escola pública.
- h) () Não, ela não acreditava que fosse possível, pois a UFS é muito concorrida.
- i) () Não, ela não acreditava que fosse possível, porque estudava em escola pública e a UFS é muito concorrida.

09) Atualmente, sua família acompanha sua vida como estudante universitário?

- a) () Sim, sempre pergunta sobre os colegas, o que estou estudando e aprendendo.
- b) () Não, agora a responsabilidade é apenas minha.

Se quiser fazer algum comentário sobre esse aspecto, use as linhas abaixo:

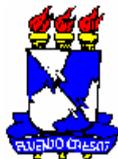
10) Descreva o que significa família para você em uma frase ou palavra.

11) Em uma escala de 0 a 10, que nota você daria a sua família pelas contribuições à vida escolar, desde a educação básica ao ensino superior?

Se quiser fazer algum comentário sobre a nota que deu a sua família, use as linhas abaixo:

Grata por suas significativas contribuições!

- Seu contato eletrônico e telefone: _____

APÊNDICE C – Balanço do Saber**BALANÇO DO SABER****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Caro (a) estudante,

Sou mestranda do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e estou fazendo uma pesquisa sobre o papel das famílias no processo de escolarização dos seus filhos. Gostaria de contar com sua participação respondendo, livremente, as questões abaixo. Fique tranquilo (a), pois sua identidade não será revelada. Desde já, nossos sinceros agradecimentos.

Laís Santana Santos Souza (laissantana18@yahoo.com.br)

**BLOCO I:
ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA (ENSINO MÉDIO)**

1ª) Conte-nos sobre sua vida escolar durante a educação básica (ensino fundamental e médio). Quais elementos, situações, sujeitos vêm à tona, em sua mente, quando pensa nessa fase de sua formação?

2ª) Hoje qual sua opinião sobre o ensino médio que cursou, quando pensa nas chances que tinha de conseguir uma vaga na UFS?

3ª) Você se preparou de alguma forma para prestar o vestibular? Como? Por quê?

BLOCO II:

FAMÍLIA, EDUCAÇÃO BÁSICA E PREPARAÇÃO PARA O VESTIBULAR

1ª) Qual papel teve a família na sua vida escolar durante seu ensino fundamental e médio?

2ª) Acha que sua família mobilizou-se, empenhou-se de alguma maneira para que você ingressasse na Universidade Federal de Sergipe? Como isso aconteceu?

3ª) O que pensa sobre a relação família - escola - universidade?

4ª) O que significa família para você?

BLOCO III:

A FAMÍLIA E O PROCESSO DE ACESSO E PERMANÊNCIA NA UNIVERSIDADE

1ª) A que ou a quem, você atribui sua aprovação no vestibular da Universidade Federal de Sergipe? Por quê?

2ª) Houve/há algum tipo de suporte, dado pela família, que tenha favorecido a sua entrada e permanência na Universidade? Se sim, qual(s)? Conte-nos como isto aconteceu/acontece?

3ª) O que mais marcou seus primeiros tempos na Universidade?

4ª) Para você, o que significa pertencer à família “x” ou “y” e ser estudante universitário na Universidade Federal de Sergipe?

Muito grata pelas significativas contribuições que você está proporcionando à produção da pesquisa científica!

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA, REALIZADA COM A FAMÍLIA



ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Caro (a) familiar de _____,

Sou mestranda do Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e estou fazendo uma pesquisa sobre o papel das famílias no processo de escolarização dos seus filhos. Gostaria de contar com sua participação respondendo, livremente, as questões abaixo. Fique tranquilo (a), pois sua identidade não será revelada. Desde já, nossos sinceros agradecimentos.

Laís Santana Santos Souza (laissantana18@yahoo.com.br)

BLOCO I:

PERSPECTIVAS DA FAMÍLIA SOBRE A ESCOLA

1. Fale-me sobre como foi sua escolaridade, até que grau de ensino teve acesso?
2. O que seus pais pensavam sobre a escola? Qual era o posicionamento deles frente ao estudo?
3. O que o(a) senhor(a) pensa sobre a escola?
4. E sobre a relação família-escola? Ela é a mesma ao longo do tempo?
5. Até que ponto a educação é dever da família? Onde estão esses limites? E a escola?
6. Acredita que a família é mais presente, participativa, na vida escolar dos filhos em quais fases: educação infantil, educação fundamental, ensino médio ou ensino superior? Justifique sua resposta.
7. Na sua percepção, qual a importância da família na vida de um estudante universitário?

8. “Cotas para o ingresso na Universidade Pública”: o que pensa acerca dessa questão?

BLOCO II:

AÇÕES DA FAMÍLIA NO PERCURSO ESCOLAR DOS FILHOS: SUAS PRÁTICAS

1. Conte-me sobre a vida escolar de seu filho (a)/ familiar, antes de ingressar na UFS e depois.
2. Ele (a) tinha, tem um “canto” para estudar em casa?
3. Nos momentos de estudos dele (a), como é, era, organizada a dinâmica da casa?
4. Como acontecia o acompanhamento escolar do seu filho (a)/ familiar?
5. Acha que a família do (a) Senhor(a) contribuiu de alguma forma para que _____ (**nome do entrevistado**) ingressasse na UFS? Pode falar para mim sobre isto? Há um membro que se destacou?
6. No contexto escola-família, como ocorreu?
7. O que significou para a família do (a) senhor (a) a aprovação de _____ (**nome do entrevistado**) no vestibular da UFS?
8. A decisão em tentar uma vaga na UFS foi uma questão discutida entre a família?
9. A relação _____ (**nome do entrevistado**) e família mudou de alguma maneira, quando ele (a) entrou na UFS?
10. De que maneira a família contribui para que _____ (**nome do entrevistado**) faça, realize seus estudos na universidade?
11. O que pensa sobre a relação trabalho-estudo no percurso dele (a)? Já enfrentou esse contexto? (**Obs:** adequar à situação do entrevistado: se somente estuda, se trabalha e estuda).
12. Em se tratando do acompanhamento da vida escolar do seu filho (a)/familiar, desde a educação básica ao ensino superior, que nota lhe daria de 0 a 10?

AGRADECIMENTOS!